

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

UMA PALMEIRA EM MUITOS TERMOS: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu.



JOSETE MARINHO DE LUCENA

**UMA PALMEIRA EM MUITOS TERMOS: a terminologia da
cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da
Universidade Federal do Ceará como pré-requisito para a
obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria do Socorro da Silva
Aragão.

FORTALEZA – CE
2008

Dados Internacionais de Catalogação na publicação

L935p Lucena, Josete Marinho de
Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu / Josete Marinho de Lucena; Orientadora Maria do Socorro da Silva Aragão. — Fortaleza, CE, 2008.
155 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas, 2008.

1. Socioterminologia - glossário. 2. Coco babaçu. 3. Terminologia. I. Título.

CDD 22. ed. 413.028

JOSETE MARINHO DE LUCENA

UMA PALMEIRA EM MUITOS TERMOS: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará como pré-requisito para a obtenção do título de Doutora em Lingüística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Maria do Socorro da Silva Aragão.

Tese apresentada à banca examinadora em ____/ ____/ ____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão - UFC

Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes – UECE

Prof^a Dr^a Maria Aparecida Barbosa-USP

Prof^a Dr^a Emília Maria Peixoto Farias – UFC

Profa. Dra. Ivone Lucena Tavares - UFPB

Prof^a Dr^a Maria Elias Soares- UFC

Dedicatória.

A muitas pessoas eu poderia dedicar este trabalho de tese, porém quero dedicar exclusivamente às quebradeiras de coco pela grande lição de vida quem me deram e à professora Socorro Aragão, pelas respeitosas e alegres orientações que me deu.

Agradecimentos

Após uma longa jornada, pelos tantos encontros e desencontros que a vida nos proporciona, difícil é chegar ao fim de um trabalho e não ter a quem agradecer! Agradeço em especial à Universidade Federal do Tocantins, sobretudo, aos professores do colegiado de Pedagogia, do campus de Tocantinópolis, por me concederem a flexibilização e, logo após, o afastamento necessário para que cursasse as disciplinas, fizesse pesquisa e chegasse à tese. Aos funcionários do Campus, que nos constantes vaivens sempre me receberam com gentileza, facilitando a realização do meu trabalho docente e mesmo a pesquisa;

Aos professores do Programa de pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará, por suas valiosas contribuições, sobretudo, à professora Emília Farias que sempre colaborou com o desenvolvimento do meu trabalho. À professora Maria Elias, pelas observações feitas ao projeto de tese;

À FUNCAP e à CAPES pelas bolsas concedidas;

Aos colegas de curso, sobretudo, Mônica Dourado e Eliane Machado, pela força nos momentos mais difíceis;

Aos meus amigos-irmãos Ivonete Ambrósio e José Aparecido pelo apoio que recebi ao chegar a Fortaleza e durante toda minha permanência;

À família do meu amigo Hermenegildo Almeida, pelo apoio que sempre me dispensou;

À minha amiga e Companheira de pesquisa Vanusa Babaçu;

Ao meu amigo particular Eliseu Riscarolli, pelo apoio quando das minhas vindas a Tocantinópolis;

À família Locatelli, pela amizade sincera que sempre encontrei em vocês;

Aos meus familiares, especialmente à minha irmã Mônica Cristina, que aliviava as minhas preocupações com as fragilidades na saúde do meu pai e da minha mãe;

A todas as quebradeiras de coco, à ASSEMA e ao MIQCB, pela receptividade à pesquisa;

À professora Socorro Aragão, pelas contribuições preciosas;

Aos professores Luciano Pontes, Aparecida Barbosa e Ivone Tavares, por aceitarem o convite de participar da banca.

À amizade sincera de Maria Cristina Alves de Pontes, Germana de Mendonça Ferreira, Mônica Rocha e Maria das Graças Gomes de Moura;

A Bianca e Camila Lucena dos Santos, pela ajuda em muitos momentos da digitação de tese.

Resumo

O presente trabalho de tese consiste em uma proposta para a elaboração de um glossário socioterminológico das atividades profissionais relacionadas ao coco de babaçu, a saber: o extrativismo, industrialização e comercialização. Trata-se de um trabalho de cunho lingüístico, que busca aprimorar as concepções nas Teorias comunicativas da Terminologia, admitindo, portanto, a existência da homonímia, polissemia e variação nos termos de um universo discursivo. Observam-se as variações diatécnica, diafásica, diastrática e diatópica pelos quais pode passar este domínio discursivo. Para a realização da pesquisa, utiliza-se *corpora* escrito e oral, levantados no Maranhão e no Tocantins e nos processos manual e industrial. Portanto, o trabalho tem a base teórico-metodológica da Socioterminologia, fundamentada por François Gaudin e Enilde Faulstich, passando pelos embasamentos da Lexicologia e Terminologia, bem como a perspectiva de criação neológica concernente a línguas de especialidades. Por tratar-se de um trabalho de cunho onomasiológico e semasiológico, o glossário tanto encontra-se organizado em ordem alfabética, como por campo conceitual, por isso a árvore de domínio está colocada da seguinte forma: palha ,coco, árvore, negociação e trabalho, divididos ainda em subcampo.

Palavras-chave: Socioterminologia- glossário- coco babaçu

Abstract

The present theory work consists of a proposal for the elaboration of a socioterminological glossary of the professional activities related to the babassu coconut, to know: the extrativism, industrialization and commercialization. It is treated of a work of linguistic stamp, that it looks for to perfect the conceptions in the communicative Theories of the Terminology, admitting, therefore, the existence of the homonymy, polissemmy and variation in the terms of a discursive universe. They are observed the variations diatecnic, diafasic, diastratic and diatopic for the which it can pass this discursive domain. For the accomplishment of the research, it is used written corpora and oral, lifted up in Maranhão and in Tocantins and in the processes manual and industrial. Therefore, the work has the theoretical-methodological base of Socioterminology, based by François Gaudin and Enilde Faulstich, going by theories of the Lexicology and Terminology, as well as the perspective of creation neológica regarding languages of specialties. For treating of a work of stamp onomasiológico and semasiológico, the so much glossary is organized in alphabetical order, as for conceptual field, for that the domain tree is put in the following way: straw, coconut, tree, negotiation and work, still divided in subcampo.

Key-words: Socioterminology - glossary - coconut babassu

Resumé

Le travail de la théorie présent consiste en une proposition pour l'élaboration d'un glossaire socioterminologique des activités professionnelles en rapport avec la noix de coco du babassu, savoir, : l'extrativismo, industrialisation et commercialisation. Il est traité d'un travail de timbre linguistique qu'il cherche pour parfaire les conceptions dans les Théories communicatives de la Terminologie, en admettant, par conséquent, l'existence de l'homonymie, polissemie et variation dans les termes d'un univers discursif. Ils sont observés le diatécnica des variations, diafásica, diastrática et diatópica pour le lequel il peut passer ce domaine discursif. Pour la réalisation de la recherche, il est utilisé des corpus écrits et oral, a soulevé dans Maranhão et dans Tocantins et dans les processus manuel et industriel. Par conséquent, le travail a la base théorique méthodologique de Socioterminologie, basée par François Gaudin et Enilde Faulstich, en allant par l'embasamentos de la Lexicologie et Terminologie, aussi bien que la perspective de neológica de la création concernant langues de spécialités. Pour traiter d'un travail d'onomasiológico du timbre et semasiológico, le tant de glossaire est organisé en ordre alphabétique, comme pour champ conceptuel, pour que l'arbre du domaine est mis dans le chemin suivant: paille, noix de coco, arbre, négociation et travail, encore divisée dans subcampo.

Mots-clés: Socioterminologie - glossaire - babassu de la noix

O vocabulário de uma língua mais ou menos reflete a cultura a que ela tem por propósito de servir (...) a história da língua e a história da cultura seguem linhas paralelas. (Edward Sapir 1971, p.216)

Xote das quebradeiras

*Hei! Não derrube esta palmeira
Hei! Não devore os palmeirás
Tu já sabe que num pode derribar.
Precisamos preservar as riqueza naturá
O coco é para nós grande riqueza
É obra da natureza
Ninguém vai dizer que não
Porque da palha se faz casa pra morar
Já é meio de ajudar a nossa população.
Se faz óleo pra temperar a comida
É um dos meio de vida
Pra os fracos de condições
Reconhecemos o valor que o coco tem
A casca serve também pra fazer carvão.
(Poeta popular João Abelha- Tocantins)*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE O COCO BABAÇU.....	23
3	ENTRE AS PALAVRAS, O LÉXICO E OS TERMOS: CAMINHOS ENTRECRUZADOS DA LEXICOLOGIA, TERMINOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOGRAFIA.....	26
3.1	ALGUNS ELEMENTOS PREPONDERANTES PARA A COMPREENSÃO DO ESTUDO TERMINOLÓGICO/TERMINOGRÁFICO.....	37
3.2	RENOVAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO UNIVERSO TERMINOLÓGICO: 45 SOCIOTERMINOLOGIA E VARIAÇÃO.....	
3.3	METODOLOGIA DA OBRA SOCIOTERMINOLÓGICA: AS OBRAS 54 TERMINOGRAFICAS E LEXICOGRÁFICAS.....	
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: AS PESQUISAS 60 BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL, O CORPUS, A LOCALIDADE, OS INFORMANTES	
4.1	A PESQUISA DE CAMPO: INSTRUMENTO.....	60
4.1.1	DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	60
4.1.2	CARACTERIZAÇÃO DAS LOCALIDADES.....	61
4.1.3	CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES.....	65
4.1.4	CARACTERIZAÇÃO DO MATERIAL ESCRITO.....	69
4.1.5	LEVANTAMENTO DO <i>CORPUS</i> FALADO.....	70
4.1.6	LEVANTAMENTO DOS DADOS.....	72
4.1.7	INSTRUMENTO PARA PESQUISA DE CAMPO.....	74
4.1.8	QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS: DESCRIÇÃO E TRATAMENTO....	74
4.1.9	REGISTRO DOS DADOS: PREENCHIMENTO DAS FICHAS	75
4.2	PROCEDIMENTOS PARA A ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO:	79
4.2.1	CARACTERÍSTICAS DO GLOSSÁRIO	80
4.2.2	DELIMITAÇÃO DO REPERTÓRIO DO GLOSSÁRIO	82
4.2.3	CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DE TERMOS	82
4.2.4	ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO	82
5	UMA PALMEIRA EM MUITOS TERMOS: A TERMINOLOGIA DA 92 CULTURAAGROEXTRATIVISTA, INDUSTRIAL E COMERCIAL DO COCO BABAÇU	
5.1	REPERTÓRIO SOCIOTERMINOGRÁFICO DO EXTRATIVISMO,	

	INDUSTRIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO COCO BABAÇU.....	92
5.2	A TERMINOLOGIA DO COCO BABAÇU: CAMPO E SUBCAMPO.....	135
5.3	NOS CAMINHOS DO GLOSSÁRIO: A VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA NA LINGUAGEM DO COC BABAÇU.....	139
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
	REFERÊNCIAS	154
	REFERÊNCIAS SUPLEMENTARES	157
	OBRAS PARA PESQUISA DOCUMENTAL	157
	ANEXOS	159

1 INTRODUÇÃO

Estudos modernos têm se preocupado em estabelecer critérios para situar o léxico como sendo objeto de estudo pertinente a diversos campos de pesquisa. Entre as muitas disciplinas que encontram no léxico um aporte para sua sustentação teórica, destacamos a Terminologia¹ e a Lexicologia. Ao lado dessas duas ciências, duas outras disciplinas consolidam os fazeres terminológico e lexicológico, através da confecção de dicionários, vocabulários, glossários e Thesauros: a Terminografia e a Lexicografia.

A Lexicologia e a Terminologia apresentam-se como disciplinas ou ciências dentro do campo da lingüística, buscando, em linhas gerais, apenas a construção do saber e, portanto, rejeitando a normalização excessiva, limitadora e determinante, que interfere no desempenho do fazer científico. Como em nosso trabalho objetivamos finalizar com um fazer científico: a produção de um glossário, cuidamos para que a busca da normalização não se constitua como empecilho para o desenvolvimento das ciências do léxico e principalmente da Terminologia, mas ao contrário venha a colaborar para que novas perspectivas lexicológicas e terminológicas sejam acrescentadas a tudo o que já foi visto no campo da Terminologia.

Há pouco tempo atrás o estudo do léxico comportava uma abordagem quase que exclusiva da Lexicologia e esta era vista como única ciência do Léxico. A Lexicografia era considerada apenas como uma espécie de metodologia utilizada para fazer dicionários e a Terminologia como técnica para fazer manual de alguns ramos da ciência e das técnicas. Praticamente não se consideravam os trabalhos lexicográficos e terminográficos numa abordagem lingüística. A Terminologia ficava restrita aos estudos de cada área do conhecimento.

A partir dos trabalhos do engenheiro austríaco Eugênio Wüster, a Terminologia se consolidou como disciplina independente. Com Wüster e seus colegas das três primeiras Escolas de Terminologia: a de Viena, a de Praga e a Russa, os estudos pertinentes às unidades terminológicas de diferentes domínios técnico-científicos têm sido motivo de pesquisas lingüísticas.

Apesar de estabelecer o termo como objeto da Terminologia e demonstrar o seu caráter de aplicabilidade dentro das mais diversas áreas, nesses estudos, não foi contemplada a

¹ Utilizaremos *Terminologia* com *T* maiúsculo para designar a disciplina ou campo de estudo e *terminologia* com *t* para designar conjunto de termos.

interação comunicativa, pois seu objetivo era a produção de dicionários e glossários que superassem a polissemia, a sinonímia e a homonímia, aspectos responsáveis pelas ambigüidades das línguas naturais, os quais, nessa acepção, apresentar-se-iam como empecilho para a interação comunicativa nas áreas técnica e científica. Destarte, a Terminologia se estabeleceria como responsável pela normalização e prescrição do estudo da linguagem, o que não só a caracteriza como linguagem propriamente dita, mas como disciplina pertinente à esfera da linguagem.

Em contraposição ao estudo terminológico prescritivo da TGT (Teoria Geral da Terminologia), duas novas vertentes dos estudos terminológicos tomam impulso: a Socioterminologia e a TCT (Teoria Comunicativa da Terminologia). A primeira, postulada pelo francês Ferdinand Gaudin, reconhece a variação terminológica e, portanto, permite a sinonímia, a homonímia e a polissemia dos termos. A segunda, proposta pela professora Teresa Cabré, amplia a visão da Terminologia, acrescentando-lhe aspectos comunicativos às línguas de especialidades, vê as unidades terminológicas como unidades da língua, o que permite maior conhecimento dessas unidades terminológicas.

Concebendo a pertinência das unidades terminológicas à língua geral, compreendemos melhor a estreita relação entre a Terminologia e Lexicologia, Terminografia e Lexicografia, ao mesmo tempo em que observamos a anterioridade das duas primeiras - Terminologia e Lexicologia- em relação às duas últimas. Entretanto, ressaltamos que os estudos lexicográficos advêm de muito antes das civilizações grega e romana. O interesse pela Lexicografia já fazia parte da curiosidade dos sábios da Índia, porém uma expectativa mais curiosa pode ser observada na Idade Média, quando aflorou a necessidade de traduzir textos do Latim vulgar para o Latim culto, para que a comunicação entre classes sociais diferentes fosse estabelecida. Os textos ganharam a glosa, que, na época, eram distintas como sendo interlineares, dentro do próprio texto, e as glosas marginais, colocadas ao final do texto. Segundo Haensch, citado por Barbosa (1996, p. 24) as glosas que aparecem em ordem alfabética ou sistemática, ao final do texto trata-se do glossário. Atualmente o glossário pode ser considerado como repertório de vozes para explicar um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, texto dialetal, ou ainda como repertório de palavras, que podem ser termos técnicos (monolíngües e/ou plurilíngües), sem se constituir necessariamente de todas as palavras ou termos constantes no texto e tem a seleção de palavras feita de forma aleatória.

Considerando o glossário como repertório de termos técnicos é que utilizaremos tal denominação para nomear o trabalho que ora defendemos.

Apesar de todos os passos dados pelos estudiosos da Terminologia, desde as pesquisas do austríaco Wuster, passando pelo russo Lotte até a Terminologia mais recente, que encontra representatividade nos estudos da Teoria Comunicativa da Terminologia, de Cabré, a Socioterminologia de Gaudin, a Terminologia sociocognitiva de Rita Temmerman, muitos trabalhos vislumbram possibilidades de abordagens outras, voltadas para a documentação, para o fraseologismo, para as questões da Terminologia textual e, ainda assim, muito tem-se a pesquisar dentro da vasta e multidisciplinar área da Terminologia.

Para o nosso trabalho, consideramos as teorias de base lingüístico-comunicacionais, visto que trabalhamos tanto com *corpus* escrito como com *corpus* oral, observando as variações que ocorrem dentro desse universo discursivo. Tais variações ocorrem, sobretudo, quer nos métodos que envolvem o processo, quer na distância entre as regiões que trabalham com a matéria-prima, ou ainda nas diferenças etárias, socioculturais e no grau de escolaridade das pessoas envolvidas no processo.

É, então, patente a existência da variação na língua de especialidade e, concomitantemente, o reconhecimento de identidade desta como disciplina no campo da lingüística, mais precisamente da Sociolingüística que, ao lado da Terminologia, dá espaço a uma nova disciplina: a Socioterminologia.

Segundo Faulstschi (1995, p. 281) a denominação Socioterminologia apareceu pela primeira vez num artigo escrito por Jean Claude Boulanger em 1981. A partir de então os lingüistas têm sido unânimes na tese que confirma a existência de variação de termos dentro de uma área de especialidade.

Com o advento da Socioterminologia, enquanto disciplina, com perspectiva renovada, os trabalhos terminológicos ganharam novo impulso e as idéias inicialmente defendidas pela Terminologia de que a língua de especialidade deveria ocupar-se apenas da normalização e afirmação da não existência de sinonímia, de polissemia e de homonímia foi revista, originando uma nova visão para o trabalho terminológico, de cunho bem mais lingüístico, o que tem levado os lingüistas a se dedicarem a esse seu novo ramo. Até então, o trabalho terminológico ficava restrito e de responsabilidade apenas das áreas de especialidades. A Socioterminologia veio a implementar os trabalhos terminográficos, dando-lhes tanto um perfil sócio-cultural como o lingüístico.

A Socioterminologia tem-se constituído como ciência com um papel importante na sociedade moderna: o de perceber as diversidades terminológicas ocorridas no interior de uma área de especialidade e, conseqüentemente, produzir trabalhos que auxiliem na comunicação entre diferentes setores que beneficiam a matéria prima. A partir da elaboração de trabalhos socioterminológicos e “socioterminográficos”, o acesso à área é facilitado, visto que a explicitação de certos termos clarifica aspectos da atividade que podem ser relevantes para novas descobertas e inovadoras funções dentro e fora do domínio. Foi o que pudemos constatar ao nos depararmos com usos de denominações diversas para um mesmo conceito, fato muito corriqueiro nas áreas de especialidades, sobretudo, quando perdura, ao lado de processos mais avançados, técnicas rudimentares de beneficiamento do produto, como é o caso do babaçu.

Acreditamos que um estudo como este a que nos propomos, respalda os estudos socioterminológicos e socioterminográficos, fazendo com que a Terminologia avance tanto na prática, através da criação do glossário, como em bases teóricas, através da comprovação da existência de diferentes processos formadores de termos, como também para a comprovação da criação de novos termos que sofrem influência de aspectos diatécnicos, diatópicos e diastráticos, envolvidos no manejo do coco de babaçu.

Considerando a língua de um povo como o resultado de um conjunto de variedades lingüísticas existentes, podemos afirmar que, quanto mais informações obtivermos sobre tais variedades, melhor conheceremos a língua. É nessa perspectiva que, como tantos outros trabalhos nessa área, a presente pesquisa pretende adentrar-se no universo discursivo do coco babaçu (*Orbignya phalerata*), para ampliar essa visão ao estudo de língua de especialidades e terminologia, sobretudo, da socioterminologia, bem como cooperar para o conhecimento de língua geral.

A pesquisa apresenta, desta forma, dois importantes aspectos a serem tratados e que são contemplados em larga escala pela socioterminologia: variações de uso e ocorrência de neologia. As variações de uso podem aparecer entre os termos coletados em média escala, suscitando o emprego de palavras polissêmicas, homônimas e sinônimas. Na segunda, é comum a utilização de denominações neológicas para nomear os conceitos desenvolvidos pelas técnicas. Essas denominações ou migram da língua geral para a específica, o que promove a atualização do uso nessa língua de especialidade, ou ainda, ocorrem alterações na

sua formação, podendo apresentar-se como um termo composto, derivado ou advindo de outro sistema lingüístico, como no caso dos empréstimos.

Ao contemplarmos variação terminológica, a nosso ver, relevante para a elaboração do glossário e para a ratificação da Socioterminologia dentro dos trabalhos lingüísticos, ressaltamos que na elaboração de um glossário considera-se que as unidades lexicais ou unidades da língua podem ser inseridas num determinado domínio de uma língua de especialidades, designação preferida por nós, por considerarmos mais propícia para indicar a linguagem de uma determinada área, sem que sejam, entretanto, exclusivas desse domínio, o que permite a essas unidades da língua migrarem da língua comum para a de especialidade, tornando-se termo no domínio e passando a ter nova conceituação em outro domínio ou na língua geral. Portanto, é também objetivo nosso confrontarmos termos envolvidos no universo discursivo do coco babaçu que estão listados em dicionários gerais e termos que pertencem a esse domínio e são usados na língua geral, mesmo que numa frequência menor.

O estudo dos termos técnicos, ou unidades terminológicas, constitui um importante objeto de investigação para nós, estudiosos da língua, por possibilitar o conhecimento de aspectos da identidade lingüística de uma sociedade geral e/ou de um grupo social.

Ao abordarmos as unidades terminológicas referentes ao coco babaçu, procuramos entender como se constituem essas unidades que, a nosso ver, dependem de fatores extralingüísticos, tais como: elementos socioculturais inerentes aos usuários dessa língua de especialidade, processos de manejo do produto, passando a figurar como um trabalho socioterminológico.

A partir dessa realidade variacionista que se instaura e, encontramos-nos diante de muitos questionamentos voltados para a área da linguagem, pois paralelo a todas as curiosidades relativas ao coco babaçu, percebemos a riqueza vocabular que os envolvidos no processo trazem consigo. Destarte, perguntamo-nos, em um primeiro plano da pesquisa exploratória, se existia uma linguagem específica do coco babaçu, se havia diferenças terminológicas nos processos a que é submetido o babaçu, se essas diferenças ocorrem também ao se tratar do mesmo objeto em diferentes regiões. Para esta primeira pergunta, imediatamente tivemos resposta afirmativa, sobretudo, ao nos adentrarmos na pesquisa bibliográfica específica da Terminologia, formulamos então hipóteses a partir de tais questionamentos: se existe uma linguagem do universo do babaçu e este é usado em processos

artesanais e industriais, a terminologia utilizada sofre uma variação de acordo com esses processos. Essa variação também ocorre entre as localidades onde se trabalha com o babaçu. E é partindo dessas hipóteses que objetivamos, como mencionado anteriormente, descrever e analisar a terminologia relacionada ao extrativismo, industrialização e comercialização do coco babaçu, tendo em vista a organização de um glossário socioterminológico.

A produção de trabalhos como o nosso tem sido uma constante. Nesse sentido, vislumbramos trabalhos como o de Farias (2001), que faz uma análise dos aspectos semânticos e morfossintáticos do universo discursivo da moda e analisa a formação neológica dos termos. Ao nos determos em tal aspecto do trabalho de Farias, achamos conveniente acrescentar que essa formação está relacionada às questões socioculturais relativas ao manejo do produto investigado.

Merecem destaque os trabalhos feitos na área de economia e da produção agrícola e industrial e, nos últimos tempos, têm sido freqüentes trabalhos na área das novas tecnologias. Destacamos, numa visão mais prática, o trabalho feito sobre a pesca em Cabedelo (LUCENA, 1983), na Paraíba; o trabalho sobre a cultura do caju (PONTES, 1996); o trabalho sobre a rede de dormir (FERREIRA, 1997) no Ceará; a dissertação de mestrado sobre a cata do caranguejo (VASCONCELOS, 2000), no Pará; o trabalho sobre o bumba-meu-boi do Maranhão (CARDOSO, 2004); a dissertação de mestrado sobre A terminologia do sal (SILVA, 2007) a tese de doutorado sobre a cadeia produtiva da carnaúba (ARAGÃO, 2007); entre outros.

Além dos trabalhos acima mencionados, é importante citar os grupos de estudos que têm, em termos de Brasil, se destacado com um expressivo número de trabalhos terminológicos, que visam aprofundar os conhecimentos em tal área. Destacamos entre tantos outros, o grupo de pesquisa da UECE, Grupo Tradução, Lexicologia e Processamento da Linguagem; o TERMSUL (Projeto Terminológico Cone Sul), da UFRGS; na USP, encontram-se o Grupo Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, o CITRAT (Centro Interdisciplinar de Tradução e Terminologia), o Grupo Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo; na UnB, desenvolve-se o Projeto Integrado para Implantação e Divulgação da Terminologia Científica e Técnica no Brasil; a própria ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística) conta com o GT (Grupo de Trabalho) de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, entre outros grupos que se interessam pela área. Há, portanto, uma vasta produção científica sobre

Terminologia no Brasil, inclusive com uma bibliografia razoavelmente representativa. Salientamos os trabalhos da Professora Lúcia Barros, *Curso Básico de Terminologia*, de Krieger e Finatto, *Introdução à Terminologia: teoria e prática* e as publicações da revista *TradTerm (Cadernos de Terminologia e Cadernos de Tradução)* e ainda merece destaque a revista *As Ciências do léxico*.

O coco babaçu é um produto nativo das terras brasileiras, o que, segundo economistas, ecologistas e especialistas em bioenergia, pode ser considerado um privilégio, visto que o aproveitamento do babaçu é integral, desde a sua folha até a semente, sendo, portanto, um produto de representatividade para a economia.

É de importância fundamental trabalharmos com o coco babaçu por se tratar de uma matéria de subsistência tanto para as quebradeiras², como para a indústria brasileira, havendo possibilidade de ser matéria artesanal e industrial ao mesmo tempo. Seus subprodutos são comercializados tanto em feiras livres como no mercado externo.

Observando o produto por nós investigado, percebemos que, além de sua beleza, este cocal traz esperança para a população que dela sabe extrair: o leite, o óleo, o carvão, entre outros. Como já mencionamos anteriormente, o processo dos subprodutos do babaçu tem se expandido bastante e a cultura criada a partir do trabalho manual, realizado pelas quebradeiras, nos permite vislumbrar a necessidade da criação de um glossário por meio do qual se possa ter acesso ao léxico referente ao produto, bem como ao processo industrial ou artesanal originado desse vegetal.

O processo a que é submetido o coco babaçu tem passado por diversas modificações e inovações em seus métodos, além disso, são perceptíveis as diferenças existentes entre o processo manual e o industrial. Tais mudanças, inovações e diferenças acarretam mudanças nos termos utilizados. São criados novos termos para designar ações, objetos e coisas utilizadas na realização do trabalho. Nesse sentido, faz-se necessário observar que se conte com material que possa facilitar a compreensão de técnicas, métodos e objetos para que a utilização e funcionalidade do produto sejam intensas.

² São geralmente mulheres que trabalham no manejo do coco extraindo-lhes a amêndoa para dela fazer o óleo. Trata-se de um trabalho artesanal também realizado por homens, mas encontra nas mulheres um sujeito ativo na preservação do babaçual. A maioria delas sobrevive do que extrai do babaçu, perfazendo 80% do ganho de suas famílias. Ao se organizarem através de associações, sindicatos e organizações não governamentais, têm conquistado espaço e reconhecimento no cenário nacional e internacional, mas o destaque dessas mulheres deve-se, sobretudo, ao trabalho de preservação da natureza e, com maior intensidade, dos babaçuais.

Pela sua importância para a economia local, é comum encontrarmos muitos trabalhos sobre a economia do babaçu ou mesmo sobre o agroextrativismo, ou sobre as vertentes culturais implicadas na sua exploração, o que nos abre a possibilidade de trabalharmos com um material que pode auxiliar as pesquisas realizadas ou a realizar-se sobre o assunto. Dentre o material já publicado, tendo como cerne o coco babaçu e seus sujeitos, destacamos as obras: *Economia do babaçu: levantamento preliminar de dados* e *Guerra ecológica nos babaçuais: o processo de devastação das palmeiras, a elevação do preço de commodities e o aquecimento do mercado de terras na Amazônia*, organizados pelo antropólogo Alfredo Wagner; o *Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia*, publicado pelo MIQCB (Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu) ; além disso, contamos com monografias, dissertações e teses sobre babaçu nas mais variadas áreas, como também trabalhos realizados por técnicos da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), os encartes distribuídos pela TOBASA (Tocantins Babaçu S/A) e pelas associações e sindicatos das quebradeiras e catadores de coco e trabalhos que são disponibilizados pela internet.

O nosso interesse em trabalhar com o babaçu nasceu exatamente da curiosidade causada pelo próprio fruto tão abundante e utilizado na região, onde desenvolvemos o nosso trabalho, como docente da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis, na mesorregião³ do Bico do Papagaio, região agraciada não só pela palmeira, como também por uma fábrica de beneficiamento do coco babaçu e pela presença constante de pessoas envolvidas com tal produto, seja nas salas da graduação em Pedagogia, seja nas salas do projeto Por Um Brasil Alfabetizado, cuja coordenação ficou sob nossa responsabilidade no período novembro de 2003 a outubro de 2004. Além do já exposto, vimos de uma região onde tal palmeira não tem expressividade alguma, também causou-nos uma grande impressão o cheiro forte do óleo exalado pelas caldeiras da TOBASA. Tudo isso fomentou em nós o desejo de conhecer mais sobre o produto e os sujeitos envolvidos no processo a que se submete esse cocal e seu fruto.

³ Apesar do wikipedia.considerar as mesorregiões como regiões que acoplam pequenas regiões dentro de um mesmo estado, preferimos usar a terminologia mesorregião para designar o Bico do Papagaio, mesmo se trata de uma região que ultrapassa os limite de um Estado, reunindo o Maranhão, o Pará e o Tocantins. Trata-se de uma área mais extensa que uma microrregião pertencente a um só Estado. Essa terminologia também é utilizada pela SEPLAN-TO.

Nossa pesquisa aconteceu tanto com as pessoas envolvidas em atividades manuais como em atividades industriais. Foram realizadas entrevistas com as pessoas envolvidas nos dois processos bem como na sua comercialização. Utilizamos também questionários para nos certificarmos da utilização de termos e as possíveis variações de uso desses termos de um processo para o outro, de uma localidade para outra.

Trabalhamos também com as cantigas feitas para ou pelas quebradeiras durante sua labuta e que, geralmente, contam um pouco de sua vida e a relação com o babaçu e através das quais, podemos coletar termos que são utilizados por elas para se referir tanto à atividade com o produto, como às questões culturais a ele relacionadas.

Os *corpora* utilizados para a análise e a produção do glossário foi criteriosamente levantado em língua portuguesa - variante brasileira - incluindo documentos escritos durante o período de 1980 a 2006. A literatura considerada trata, sobretudo, da preservação, extrativismo, industrialização e comercialização. O trabalho abrange a organização dos campos conceituais, a partir dos temas centrais: palha, coco, negociação, árvore e trabalho; realizamos a análise lexicológica do material em questão e, finalmente a organização de um glossário formado de verbetes que incluem informações gramaticais, definição, notas, sinônimos.

A pesquisa de campo foi realizada com as pessoas envolvidas na catação, quebração e processos manuais, bem como no trabalho mecanizado.

Após a coleta do material, os termos foram selecionados em fichas terminológicas, através das quais, tem-se o perfil de cada termo, inclusive a(s) ocorrência(s) do termo, com sua devida fonte, a presença de sinônimos. Ao término do preenchimento, verificação e revisão de cada termo, foi feita a catalogação em ordem alfabética e logo depois a catalogação se deu em campos e subcampos da cultura do babaçu.

O trabalho contempla além da variação diatécnica, as variações diafásica, diatópica e diastrática. Tem caráter onomasiológico, visto que o glossário está organizado por campo, por sua vez a organização interna será feita semasiologicamente, seguindo a ordem alfabética dos signos, partindo dos significantes para os significados.

A demanda do trabalho pretende alcançar terminógrafos, lexicógrafos, tecnólogos e pesquisadores afins, que se interessem pelo estudo do léxico e pela Terminologia do coco de babaçu, bem como as próprias quebradeiras que têm necessidade de transmitir, difundir e partilhar seus conhecimentos sobre esse domínio por meio da produção de um glossário. O

que pode facilitar a negociação entre o trabalho artesanal e o industrializado; entre comércio interno e comércio externo.

O trabalho conta com a seguinte estrutura:

No Capítulo 2, fazemos um esboço do coco babaçu e as formas de beneficiamento, o relacionamento do produto com os sujeitos envolvidos em sua cultura, passando pelas associações, movimentos, sindicatos e empresa que fazem seu beneficiamento.

O Capítulo 3 versa sobre as teorias que embasaram a pesquisa. Portanto, trata sobre as correntes da Terminologia e sua relação com as demais ciências do léxico, o seu objeto de estudo, as questões inerentes à renovação lexical e ao fazer terminológico; à Socioterminologia e aos diversos tipos de variação e movimento sígnico.

O Capítulo 4 é dedicado aos procedimentos metodológicos da pesquisa socioterminológica, que consta de duas etapas: os procedimentos da pesquisa propriamente dita e os procedimentos para a organização do glossário.

O Capítulo 5 consta do glossário organizado em 5 (cinco) campos conceituais: coco, palha, árvore, trabalho e negociação. Logo em seguida, dedicamos o capítulo 6 às considerações finais e análise dos dados coletados.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O COCO BABAÇU

A palmeira do coco babaçu (*Orbignya phalerata*)⁴ é uma palmeira encontrada no território brasileiro, sobretudo, no Nordeste, nos estados do Maranhão, maior produtor e Piauí; na região Norte, numa área que se encontra entre o cerrado e a floresta Amazônica, nos estados do Tocantins e Pará e, na região Centro Oeste, há ocorrência da palmeira no Mato Grosso. Tal vegetal encontra-se também na Bolívia e no México. Segundo dados da EMBRAPA (1984), além da *Orbignya Pharellata*, há outras espécies, entre elas destaca-se a *Attalea apoda*, que se adaptam a diferentes tipos de solo. O babaçu é uma palmeira do gênero orbignya. Sua classificação botânica está dividida em duas espécies, *palmae orbignya oleifera* (babaçu do cerrado) e *palmae orbignya martiana* (babaçu da floresta). Disponível no site: www.pensaconference.org/arquivos_2001/40.pdf. acessado em 20 de junho 2006 (Herrman, Nassar, Marino, Nunes)

O termo babaçu, segundo o Dicionário Houaiss, tem origem no tupi *iwagwa'su* (*iwa*= fruta+*gwa'su*=grande). Segundo o Houaiss eletrônico, o termo foi registrado em 1776, por Pe João Daniel, em o Tesouro Descoberto no rio Amazonas in ABN vol. 95, tomos I e II, Rio de Janeiro, 1976. O coco babaçu recebe outros nomes, tais como coco-de-macaco, coco-de-palmeira, coco-de-rosário, coco-naiá, coco-pindoba, curuá, palha-branca. É uma planta da família das palmáceas, que chega a medir 20 metros aproximadamente, possui tronco cilíndrico e copa em formato de taça. Suas folhas são grandes, inflorescência em cacho e frutos drupáceos com sementes comestíveis, que fornecem óleo alimentício e de valor industrial como combustível e lubrificante. O número de frutos por cacho é bem grande. Em seu habitat natural cada palmeira tem quatro cachos, mas pode chegar de 15 a 25 cachos. A cada florada tem-se até quinhentos frutos. Os frutos são de coloração castanha, em formato elipsoidal, mais ou menos cilíndricos, pesando entre 90 a 280 g. Este fruto apresenta: epicarpo (camada mais externa bastante rija), mesocarpo (com 0,5 a 1,0 cm, rico em amido), endocarpo (rijo, de 2 a 3 cm) e amêndoas (de 3 a 4 por fruto, com 2,5 a 6 cm de comprimento e 1 a 2 cm de largura). Como podemos observar na figura abaixo:

⁴

Recebe esse nome por sua altura.

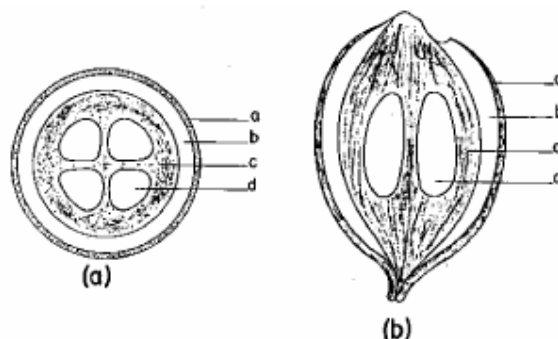


Figura 1: Cortes transversal (a) e longitudinal (b) e componentes: a - epicarpo, b - mesocarpo, c - endocarpo e d - amêndoa (fonte: EMMERICH, 1987).

A safra vai de janeiro a junho, coincidindo com período em que as outras formas de subsistência da agricultura sofrem uma queda na região. Suas flores aparecem no período de janeiro a abril e os frutos de agosto a janeiro. A palmeira chega à vida adulta, em média, aos 47 anos e leva de dez a vinte anos para começar a produzir.

As folhas e talos servem para cobrir e revestir casas, para fabricar esteiras, chapéus, cestos, etc. o palmito, chamado *olho da palmeira*, é usado como alimento. O coco, quando ainda verde, se levado ao fogo, produz abundante fumaça que é utilizada na coagulação do leite da seringueira e no preparo da borracha. A borra da amêndoa (resíduo da extração do óleo, reduzido a farelo) é utilizada na ração para o gado bovino, suíno e também como adubo. As cascas do coco dão um ótimo carvão para siderurgia, alcatrão, acetatos, ácido acético, acetona, álcool metílico, formol. Portanto, trata-se de uma palmeira que tem feito parte da vida de um grande percentual de habitantes da área acima citada e tem consolidado-se como matéria prima para diversos produtos, o que o faz encontrar-se em destaque entre os produtos nacionais para exportação, visto que suas propriedades cosméticas, medicinais e energéticas têm despertado interesse não só no mercado interno, mas, sobretudo, da indústria internacional, sendo produto de exportação desde o início do século XX. Segundo Almeida (1995, p. 11), as primeiras exportações regulares da castanha de babaçu aconteceram em 1911.

Trata-se de uma planta nativa que, apesar das tentativas de substituição de tal palmeira por soja ou fazenda de gado, vem resistindo e dando vida a muitas famílias que sobrevivem do que dela extraem.

Além de se sobressair nos indicadores agroflorestais, o babaçu apresenta elevada importância ecológica, social e política como produto extrativo, envolvendo uma infinidade de famílias nos Estados do Tocantins, Maranhão, Piauí e Pará. Sua importância social é ainda maior porque a exploração do produto ocorre no período de entressafra das principais culturas regionais, concorrendo para a manutenção dessas famílias e contribuindo para conter o êxodo rural. Ademais, o babaçu exerce um papel fundamental na manutenção da fertilidade do solo – imprescindível para a sustentabilidade dos sistemas agropecuários. No entanto, na visão dos produtores de gado e soja, o babaçu é uma ameaça, uma verdadeira praga, pois nasce em todo o tipo de solo, tomando áreas que poderiam ser semeadas com capim.

Por se tratar de mata nativa, não podemos considerar o seu plantio, mas apenas a extração vegetal, no que tange ao processo agrícola. Durante muitos anos a extração do coco babaçu era feita só manualmente, com a descoberta de suas propriedades nutritivas, farmacêuticas e energéticas, muitas indústrias se instalaram, sobretudo no Maranhão e Tocantins para melhor explorar o produto.

Ao lado dessa exploração industrial, permanece ainda a técnica rudimentar de extrativismo e, talvez com maior frequência que a exploração industrial. A atividade extrativista é realizada em grande parte por mulheres que conseguem trazer para suas famílias o sustento. Essas mulheres, que têm como função principal quebrar o coco e extrair-lhe o óleo, são as quebradeiras de coco. Sua luta pela preservação dos coqueirais tem sido constante, para tanto têm se organizado através de associações e movimentos de mulheres. Destacamos aqui a ASSEMA (Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão), o MIQCB, a ASMUBIP (Associação Regional de Mulheres Trabalhadoras Rurais do bico do Papagaio) entre outras. Uma das maiores conquistas nesse âmbito foi a Lei do Babaçu Livre, através da qual é permitido o extrativismo mesmo em propriedades privadas, onde haja a palmeira. Porém, a Lei foi instituída apenas em alguns municípios, o que atualmente tem sido bandeira de luta para muitas famílias que sobrevivem dos benefícios que esta palmeira lhes traz.

3 ENTRE AS PALAVRAS, O LÉXICO E OS TERMOS: CAMINHOS ENTRECruzADOS DA LEXICOLOGIA, TERMINOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOGRAFIA

Ao introduzirmos um estudo sobre a Terminologia, julgamos necessário contextualizá-la dentro das ciências do léxico e, portanto, prestar alguns esclarecimentos sobre o que vem a ser o léxico.

Antes de entrarmos na discussão teórica propriamente dita, consideramos conveniente ressaltarmos o uso do termo “léxico” quando queremos nos reportar à Lexicologia, visto que esta ciência mantém uma relação direta como o repertório da língua geral e sentirmos que muitos estudiosos assim consideram a relação entre léxico e a ciência que a ele dedica seu estudo, por isso é comum a utilização do termo léxico por Lexicologia. Entretanto, achamos conveniente fazer a separação entre léxico e a ciência que a ele tem maior atenção: a Lexicologia.

Para alguns estudiosos do ramo, o léxico trata-se do saber partilhado que está na consciência dos falantes de uma determinada língua e sua constituição acontece por meio do acervo vocabular de um grupo sócio-histórico-cultural. É através da língua, sobretudo, do léxico que podemos perceber e construir a realidade que nos circunda, como afirma Izidoro Blikstein (2003, p.17). A partir desse patamar da língua, os falantes e ouvintes partilham valores, crenças, hábitos e costumes de uma comunidade, bem como inovações tecnológicas e as transformações socioeconômicas de uma determinada sociedade ou área de conhecimento.

Na visão de Biderman (2001, p. 13), além da questão cognitiva da realidade inerente ao léxico, este tem uma relação com o processo de nomeação. A estudiosa explica que o léxico é gerado por meio de atos sucessivos de cognição da realidade e da categorização da experiência que se cristaliza em signos lingüísticos, aos quais denominamos de palavras.

De forma mais ampla, podemos considerar o léxico de uma língua como patrimônio vocabular de uma comunidade lingüística, construído ao longo de sua história. É importante lembrar que este vive em constante expansão, pois a cada momento as mudanças socioculturais e, sobretudo, o desenvolvimento científico e tecnológico fazem com que os repertórios dos signos sejam expandidos, para designar a realidade que ora se apresenta em cada comunidade lingüística. O falante sente a necessidade de nomear suas invenções e

desenvolver novas noções, fato corriqueiro nas ciências do léxico, sobretudo, na Terminografia e Terminologia.

Na esteira do léxico, é importante ressaltar a unidade lexical, à qual Pottier (1972, p. 26) denomina *lexia*, trata-se de unidade lexical memorizada, podendo aparecer na língua por meio de formas simples, composta, complexa ou textual. Segundo o mesmo estudioso, as *lexias* se estruturam a partir do(s) *lexema(s)*, parte da *lexia* responsável pelo conceito e essencial para existência da *lexia*, e do(s) *gramema(s)*, podendo ser encontrado(s) ou não em determinadas *lexias*, geralmente indica(m) a função da *lexia*. Já para Barbosa (1996, p. 34) a unidade padrão lexical é o *lexema*.

O léxico pode ser encarado, pelo menos, sob duas faces: quanto à sua estrutura mórfica e quanto ao conteúdo semântico. Quanto à sua estrutura temos *lexias* simples e *lexias* complexas, sendo a primeira composta de apenas uma forma livre e a segunda, composta de mais de uma forma livre ou por uma forma livre combinada a uma forma presa. Tanto para a organização de obras lexicográficas e/ ou terminográficas como para a pesquisa gramatical, o estudo das *lexias* complexas tem sido motivo de pesquisa. Na perspectiva da gramática, as *lexias* complexas são analisadas com o fim de descobrir os mecanismos sintáticos e semânticos que entram em jogo para a formação de tais estruturas. No caso da compilação de unidades lexicais em obras destinadas a dar informações lexicais aos usuários da língua, sobremaneira, a delimitação e classificação de tais *lexias* são utilizadas para elencarmos critérios de entradas e sub-entradas destas *lexias* complexas na obra.

O entendimento das *lexias* complexas e sua delimitação devem, conseqüentemente, ser observado pelo ponto de vista sintático, semântico e pragmático, pois, na maioria das vezes, ao observamos apenas os aspectos fonológico e morfológico, acreditamos tratar-se da mesma *lexia*, no entanto, ao observamos o contexto em que se encontra a *lexia*, é que percebemos tratar-se de uma *lexia* composta ou não. Esta se constitui uma das formas de delimitarmos tais *lexias*. Um outro aspecto que vem a corroborar com a existência ou não da *lexia* complexa é a recorrência de uso da mesma e, que muitas vezes, ganham um significado completamente arbitrário a seus constituintes. Para considerarmos uma *lexia* complexa é preciso observar se esse uso já se cristalizou entre os usuários e se não se trata de um grupo léxico que foi criado no momento da interlocução.

Esta discussão remete-nos a uma reflexão sobre que ciência(s) ou disciplina(s) poderia(m) ter como objeto de estudo o lexema ou a lexia. Em se tratando de língua geral, como já vimos anteriormente, a ciência que procura fazer um estudo sobre tais unidades é a Lexicologia e é sobre ela que discorreremos a seguir.

A Lexicologia é a parte da Lingüística que estuda cientificamente o léxico. Tais estudos sobre o léxico remontam à Antigüidade. A legitimidade da Lexicologia como ciência já foi bastante questionada entre os teóricos, pelo fato de o léxico fazer parte do sistema aberto e estar, portanto, em constante expansão, tornando-se difícil de receber uma abordagem sistemática, diferentemente das outras ciências com as quais a Lingüística mantém contato. Isso se constitui motivo de maior investigação para os lingüistas. Além disso, o léxico é uma parte preponderante das línguas particulares. Nesse ponto, há uma forte relação entre a língua e o meio social e/ou cultural.

Pelo viés de maior concretude, a Lexicologia trata das unidades significativas da língua, assim como a Semântica. Porém, a ciência do léxico abrange um universo mais amplo, cujos matizes atingem a Etimologia e a Morfologia. A Lexicologia mantém com a Semântica uma estreita relação, visto que é a Semântica o estudo do significado e a ciência do léxico tem a responsabilidade de responder, também, pelo significado ou pelos semas que formam as lexias.

Ullman (1964, p.64) afirma que

A Lexicologia, por definição, trata de palavras e dos morfemas que as formam, isto é, de unidades significativas. Conclui-se, portanto, que estes elementos devem ser investigados tanto na sua forma como no seu significado (...) Outra disciplina que tem seu lugar dentro da estrutura dos estudos lexicológicos é a Etimologia que, (...) é um dos mais antigos ramos da lingüística.

Como vimos, o estudioso considera que palavras e morfemas se constituem enquanto unidades significativas, daí a estreita ligação entre Morfologia, Semântica e Etimologia com a Lexicologia.

A Lexicologia interage, também, com a Sintaxe, visto que a unidade significativa (palavra) ou lexia, como preferimos, é compreendida e estudada pela Lexicologia numa perspectiva mais ampla: a sua ordenação na frase, como a trata a sintaxe.

Como se pode observar a Lexicologia tem um amplo campo de atuação, já que a sua abordagem não se restringe à parte significativa do signo Saussuriano, como é o caso da Fonologia, mas vai além, abrangendo a palavra no seu todo, ou seja, a análise lexical se ocupa dos elementos de significação (mais abstratos) e dos elementos formadores (mais concretos) das palavras. Além dessa abordagem mais científica do léxico, há freqüentes estudos voltados para a prática de compilar as unidades lexicais de uma língua em acervos a serem usados com variadas finalidades, é desta abordagem mais prática do léxico que surgem o fazer lexicográfico ou a fundamentação da Lexicografia, que assim como a Lexicologia, tem recebido estatuto de fazer científico, pelo seu cunho investigativo para além de exclusiva funcionalidade, dando suporte e, ao mesmo tempo, em que se serve do fazer lexicográfico no desenvolvimento de suas pesquisas. Nesse sentido, faz mister, falarmos um pouco deste fazer lexicográfico.

A arte de fazer dicionários é antiga, remonta da época em que se fazia dicionários latinos para as escolas medievais, entretanto, sua inserção como disciplina lingüística só iniciou-se na primeira metade do século XVI, motivado pelo ensino do latim enquanto língua não materna. Houve, com isso, a necessidade de se fazer dicionários que tentassem conciliar o entendimento do latim clássico com o latim vulgar. Tal fato originou o perfil do dicionário do Português, que visa fazer com que a obra lexicográfica torne-se uma fonte de compreensão da própria língua.

Como podemos observar, a Lexicografia só teve estatuto de ciência na contemporaneidade pois, antes, o seu trabalho se restringia apenas ao fazer lexicográfico. Nos nossos dias, a Lexicografia tem-se utilizado das teorias lexicais e de critérios científicos para realizar suas pesquisas. Para Borba (2003, p. 15) a Lexicografia, nesse seu duplo aspecto: teórico e prático, ocupa-se enquanto técnica, da organização para a montagem do dicionário ou de qualquer obra lexicográfica. No seu sentido mais teórico, busca o estabelecimento de um conjunto de princípios que venham a descrever o léxico total ou parcial de uma língua.

Segundo Borba (2003, p. 16), o léxico é concebido como “o conjunto dos itens vocabulares da língua, ou seja, como a soma das formas livres que circulam nos discursos da comunidade”. Para efeito de descrição exigida pela obra lexicográfica concebemos o léxico como componente de base gramatical. Tal base possui um componente categorial e o léxico. Ainda segundo Borba (2003, p. 16) enquanto o componente categorial define as relações gramaticais determinantes à interpretação semântica, “o léxico especifica as propriedades

sintáticas, semânticas, e fonológicas de cada item lexical''. Apesar dos crescentes estudos de cunho lexicográfico em Língua Portuguesa, muito se tem a fazer nessa área, e, nesse aspecto, vale salientar a sua proximidade com a Lexicologia e, portanto o fazer lexicográfico tem-se apoiado, sobretudo, em teorias lexicológicas e alguns suportes na Lingüística e nas teorias gramaticais.

Em um outro sentido, o fazer lexicográfico apresenta-se como uma necessidade que a sociedade exige para compreender o mundo que a circunda e para facilitar a comunicação entre os sujeitos falantes-ouvintes. Desta forma, ratificamos o pensamento de Christophe e Candel (1986, p.132), quando afirmam que

Le lexicographe ''généraliste'', non ''spécialiste'', dispose en effet d'un fonds documentaire en general assez riche pour pénétrer peu à peu la spécialité, pour espérer saisir peu à peu les valeurs des dénominations qui la caractérisent.

É, portanto, trabalho do lexicógrafo penetrar, através de documentos de diferentes áreas, para ter uma visão da língua e entender cada denominação e até os elementos que compõem a unidade lexical dentro de uma área. Por esta razão e por outras mais, podemos afirmar que há muitos pontos de confluência e divergência entre a língua geral e a de especialidade e as ciências que tratam das unidades lexicais: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia. Por este motivo a próxima seção do trabalho aborda a diferença entre tais ciências, mesmo antes de nos debruçarmos sobre conceitos destas duas últimas.

Fazendo um paralelo entre Lexicologia e Terminologia, é importante lembrar o que diz Barbosa (1991, p. 182-189) ao se reportar à Lexicologia, considera-a como o estudo de todas as palavras de uma língua, nos mais variados aspectos: estrutura, funcionamento e mudança. A Lexicologia objetiva: ''definir conjuntos e subconjuntos lexicais''; analisar as relações entre o léxico de uma língua e o universo natural, social e cultural; conceituar e denominar lexias; elaborar modelos teóricos subjacentes às suas diversas denominações; considerar a palavra como elemento de captação da visão de mundo, de ideologia, de sistema de valores, e ainda como geradora e reflexo de sistemas culturais; um outro objetivo da Lexicologia é analisar e descrever as relações entre expressão e conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes. Neste mesmo viés, a Terminologia apresenta-se como uma

especificidade da Lexicologia, porém não inferior a esta, visto que suas tarefas incorporam todas as que esta última está submetida e mais as relações entre significados do signo terminológico, o que comporta a complexidade da criação desse signo e a renovação e ampliação dos universos dos discursos terminológicos. Portanto, falar de signo terminológico ou termo inclui falar de seus processos de formação e da maneira como esse signo se consolida, neste sentido, discorreremos mais adiante sobre alguns elementos preponderantes aos estudos terminológicos e terminográficos, os quais, como veremos, guardam uma grande semelhança com o signo geral partícipe do léxico da língua.

Paralelo ao estudo do léxico, de abordagem mais geral e sobre o qual vimos falando até agora, encontra-se a Terminografia, que tem um perfil mais restrito e trata-se de estudo mais recente. A Terminografia, ao lado da Terminologia, tem um perfil teórico para a realização do levantamento dos termos em áreas de especialidades diversas.

Ao compararmos Terminografia à Lexicografia, observamos que, ao contrário do que acontece na Lexicografia, a Terminografia atribui denominação a um conceito, passando então por um processo semasiológico, no qual se tem um conceito que precisa de um termo para designá-lo. Na Lexicografia, o processo é onomasiológico, ou seja, dá-se um conceito para uma denominação. Os estudos atuais procuram não ver essa sistematização de forma tão fixa, mas na tentativa de estabelecer um trabalho terminológico e/ou terminográfico, consideramos necessário recorrer a essas orientações.

Quanto às obras terminográficas e lexicográficas, de uma forma geral, podem ser chamadas de dicionário ou inventário. O grande número de obras terminográficas e lexicográficas visam corresponder às necessidades de uma sociedade heterogênea, permeada de discursos diversos. Enquanto as obras lexicográficas registram as unidades lexicais da língua geral, as obras terminográficas tendem a registrar os termos utilizados em um determinado domínio ou área de especialidades.

Ainda dentro da área de especialidade, pertinente ao estudo léxico e como estudo complementar à Terminografia, é salutar ressaltarmos a preponderância da Terminologia, enquanto disciplina, que não só centra-se numa área de especialidade, mas contribui para a compreensão da língua geral.

Das ciências ora apresentadas, a Terminologia é a que tem suscitado interesse mais recentemente. Sobretudo, a partir dos estudos do engenheiro austríaco Eugênio Wüster,

nos quais ele e seus seguidores tentavam sistematizar dicionários, glossários e vocabulários das línguas de especialidades, evitando que o **termo**- objeto de estudo da Terminologia- sofresse ambigüidades, causadas por aspectos tais como sinonímia, polissemia e homonímia tão comuns nas línguas naturais. Indubitavelmente, o trabalho do engenheiro funcionou como um incentivo para os estudos terminológicos, pois o que antes havia era apenas a prática de listar palavras e, não possuindo, tais estudos, objeto definido não tinha estatuto de ciência.

A partir do reconhecimento do termo como seu objeto de estudo, a Terminologia começa a figurar como disciplina independente, de cunho interdisciplinar. Os estudos sobre os termos implementados por Wüster originaram a Teoria Geral da Terminologia, que tinha como objetivo padronizar o uso dos termos técnico-científicos para criar uma unidade nas comunicações das áreas de especialidade no plano internacional. O estudioso considera também a terminologia como multidisciplinar, mantendo contato direto com a lingüística, a lógica, a ontologia, as ciências da informação e as diversas áreas de conhecimento técnico científico.

Apesar de a Terminologia pertencer às diversas áreas do conhecimento e ser usada por elas, possui sua especificidade e identidade próprias, que, segundo Krieger-Finatto (2004, p. 21), “[...]sua especificidade configura-se pela intersecção de outras disciplinas na compreensão do léxico temático, seu objeto central de investigação e tratamento”. Nesse sentido, ressaltamos a preponderância de tal disciplina quer nas áreas de especialidade propriamente ditas, quer nos aspectos lingüísticos inerentes aos termos. Pois, como afirma Krieger-Finatto (2004) a Terminologia tem avançado em pesquisas sobre a constituição e o comportamento dos termos, buscando esclarecer desde a sua origem até a observação de suas relações dentro e fora da área de especialidade a que pertence. Para isso a Terminologia se utiliza de estudos lingüísticos, que a fazem desenvolver o conhecimento sobre o termo designativo das línguas de especialidades e objeto central da Terminologia.

Com o desenvolvimento dos estudos terminológicos e o crescente interesse, sobretudo, de lingüistas pelas áreas de especialidades, percebeu-se as lacunas deixadas pela TGT (Teoria Geral da Terminologia), pois segundo esses pressupostos teóricos, não haveria variação lingüística e sinonímia entre os termos. A Terminologia se pautaria apenas na formação e delimitação dos conceitos, seria, portanto, objetivo da Terminologia atribuir termo para um conceito ou vice-versa e, ainda segundo a TGT, esses termos não seriam vistos como pertencentes a uma língua natural. Desta forma, os termos expressam conceitos e não

significados, advém deste pressuposto a não aceitação da variação na área da Terminologia. Vista desse modo, a Terminologia é prescritiva e normalizadora.

Contrapondo-se a essa visão prescritiva, surge uma Terminologia com base lingüístico-comunicacional, na qual as unidades terminológicas são observadas numa visão descritiva. Há, portanto, uma ampliação no que tange aos estudos terminológicos, que têm o enfoque voltado não só para a língua de especialidade, mas para a língua geral. Destarte, observa-se o funcionamento das terminologias, como acontece a qualquer outra unidade da língua. A partir de então são iniciados estudos que favorecem a Socioterminologia, formulada por François Gaudin. O estudioso (1993, p.16) afirma que

[...] o mesmo movimento que conduziu a lingüística estrutural à sociolingüística, uma socioterminologia pode levar em conta a realidade do funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas adequadas de linguagem.

Com esse posicionamento, ao comparar com o que ocorre entre Sociolingüística e Lingüística com o que pode acontecer entre Terminologia e Socioterminologia, enfatizando que, ao contrário da “simulação” de dicionários, glossários e demais objetos de referência terminológica, sem a preocupação excessiva com a normalização, é possível dar cunho de veracidade à Terminologia, conferindo-lhe o direito de considerar-se o contexto de produção e, conseqüentemente, a variação terminológica nas áreas de especialidades. Essa nova visão permite que a elaboração de trabalhos terminográficos registre as variações denominativas e conceituais, pelas quais os termos podem passar, visando atender às necessidades de informação exigida pelo usuário.

Essa visão renovada da Terminologia traz à baila a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que surge como estudo crítico e sistemático à TGT. Trata-se de uma proposta da Profª Maria Teresa Cabré e o grupo de pesquisa do Instituto de Lingüística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona (cf. Krieger- Finatto, 2004, p.35). Por meio da TCT, começou-se a valorizar a comunicação das línguas de especialidades, em detrimento da visão normalizadora. Um outro aspecto considerado, foi o fato de que as unidades terminológicas são pertinentes à língua natural e à sua gramática. Ao considerar os aspectos comunicativos, possibilita-se que uma unidade lexical venha a figurar como termo em determinado contexto ou situação de uso. Tal fato admite a variabilidade do termo, em consonância com a situação e o contexto em que foi utilizado. Nesse sentido, Krieger-Finatto

(2004, p.35) afirmam que não há termos, nem palavras, tudo é considerado unidade lexical, que adquire estatuto terminológico nas comunicações especializadas.

Todas essas implementações realizadas pela TCT, sobretudo, a visão lingüística tem propiciado um conhecimento mais aprofundado sobre a estrutura e o funcionamento do termo. Portanto, essa nova postura permite entender o termo de forma mais abrangente, através da qual constatamos o dinamismo e complexidade da linguagem, levando à descrição da área de especialidade a partir do seu comportamento em textos especializados. Por essa descrição, constatamos a existência da polissemia na área técnico-científica.

Um outro contraponto da TCT em função da TGT é não ver o conceito como interesse prioritário nas terminologias. Essa visão é corroborada pela Teoria Sociocognitiva da Terminologia, que compreende os termos como unidades de compreensão e representação, que funcionam como modelos cognitivos e culturais. Ainda segundo essa teoria, os termos evoluem, podendo ter comportamento polissêmico e sinonímico, resultante dos movimentos metafóricos, como menciona Temmerman, citada por Krieger- Finatto (2004, p.37).

Os estudos modernos da Terminologia têm implementado e dado um grande impulso na perspectiva lingüística da Terminologia. Baseado nessa perspectiva, Cabré considera que as línguas especializadas não são inventadas dentro de uma língua geral; que elas sempre podem admitir novas unidades, mesmo achando necessário o controle de entradas; há sempre um termo para cada conceito, o que reduz o número de sinônimos; as línguas especializadas dispõem de todas as possibilidades morfossintáticas que a língua geral possui, mas utilizam só uma parte dessas possibilidades; possuem um léxico que tem como característica o movimento de fluxo e refluxo de termos; não possuem teoricamente termos polissêmicos, os termos polissêmicos da língua comum são homônimos nas línguas de especialidades; só aceitam termos novos quando os conceitos já foram estabelecidos; há uma prioridade da forma escrita dos termos, sobre a forma oral; os termos especializados tendem a ser reconhecidos dentro de uma distribuição geográfica supranacional.

Indubitavelmente a Terminologia tem papel preponderante na divulgação do conhecimento e das técnicas de determinadas áreas, esse se constitui mais um motivo para a precisão do trabalho terminológico. É um verdadeiro caos comunicativo quando diante dos processos do saber e do fazer não contamos com fontes fidedignas de algumas áreas,

impedindo até a comunicação e, por conseguinte, a ausência da negociação e da divulgação do conhecimento e das tecnologias.

Na visão de Cabré (2004, p. 10), a Terminologia pode ser vista como disciplina, por possuir um objeto definido; como prática, por estabelecer diretrizes que orientam a seleção e organização dos termos; e como produto gerado dessa prática, por apresentar o conjunto de termos.

Para Aubert (2001, p. 24-5) a Terminologia pode ser considerada como objeto ou como instrumento, sendo o primeiro caso, como o conjunto de termos, que pode ser considerado como sinônimo de vocabulário de determinada área ou linguagem de especialidades. Já no segundo caso, trata-se do estudo desse vocabulário, língua de especialidade, ou do conjunto de termos de uma área.

Língua de especialidade, para Aubert, trata-se do conjunto de marcas lexicais, sintáticas, estilísticas e discursivas, que é caracterizada por um código lingüístico delimitador de uma atividade humana. A Terminologia, nessa perspectiva, apresenta-se como um estudo descritivo, que prioriza a identificação de termos de uma determinada área.

Com sua atenção voltada para o estudo léxico, a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia têm-se configurado como ciências ou disciplinas que buscam no léxico o ponto de partida para as suas pesquisas. No entanto, vale ressaltar as diferenças que perpassam tais ciências. Enquanto a Lexicologia e a Terminologia têm caráter mais teórico; a Lexicografia e Terminografia figuram como disciplinas práticas, voltadas, sobretudo, para a confecção de obras lexicográficas e/ou terminográficas. A Lexicologia, ao lado da Lexicografia, dá conta de um arcabouço mais abrangente, fazendo um estudo voltado para a língua geral; ao passo que a Terminologia e a Terminografia figuram nas áreas de especialidades e/ ou nas línguas de especialidades. Assim, de modo mais abrangente, podemos considerar a Lexicografia como a ciência dos dicionários da língua comum e a Terminografia como a ciência dos dicionários especializados. Essas distinções podem ser ilustradas no quadro a seguir:

Quadro1: Distinção entre as ciências do léxico

	Lexicografia	Lexicologia	Terminologia	Terminografia
Quanto ao fazer	Prático	Teórico	Teórico	Prático
Quanto ao objeto	Lexemas ou palavras	Lexemas ou palavras	Termos	Termos
Quanto ao recorte da língua	Língua geral	Língua geral	Língua de especialidades	Língua de especialidades

Apesar de considerarmos a Lexicografia e Terminografia como disciplinas práticas, ressaltamos que na atualidade ambas têm um estatuto teórico, visto que para produzir obras lexicográficas e/ ou terminográficas, sobretudo, numa perspectiva lingüística, necessário se faz o conhecimento teórico sobre esse fazer lexicográfico e/ou terminográfico.

Após apresentarmos essas diferenças, achamos necessário, abordar na seção seguinte alguns conceitos relacionados à Terminografia e à Terminologia. Para compreendermos melhor os estudos modernos relacionados mais precisamente à Terminologia, abordaremos a seguir sobre alguns elementos essenciais ao entendimento de um trabalho terminológico/ terminográfico, como o nosso: o termo e seus estatutos, a designação e o conceito

3.1 ALGUNS ELEMENTOS PREPONDERANTES PARA A COMPREENSÃO DO ESTUDO TERMINOLÓGICO/ TERMINOGRÁFICO.

A Terminologia/Terminografia para se estabelecer enquanto disciplina e ciência minimamente precisa determinar seus limites, apresentando um objeto de estudo, como já vimos anteriormente, o objeto de estudo desta ciência é o termo, signo terminológico ou unidade terminológica, que busca conceituar uma definição ou designar um conceito. Neste sentido, consideramos a necessidade de, no presente trabalho, fazer uma abordagem sobre tais elementos, ao mesmo tempo em que achamos conveniente indicar a nomenclatura a ser usada para definir cada um desses elementos.

Como já vimos anteriormente, a unidade terminológica ou objeto de estudo da Terminologia é o termo. Em visão mais ampla, trata-se de um signo lingüístico específico de uma área do conhecimento ou de um universo discursivo, de uma técnica que assim como o signo lingüístico, na visão saussuriana, tem um significante e um significado, na perspectiva mais abrangente, o termo é constituído de uma designação e de um conceito, elementos, que como já falamos, serão abordados mais adiante. Podemos dizer que o signo lingüístico está para o significante e para o significado, como o termo está para uma designação e um conceito, podendo ser representado pelo seguinte esquema:

Quadro2: relação signo/termo.

	Signo lingüístico	Termo
Língua	Geral	de especialidade
Parte material	Significante	Designação
Parte imaterial	Significado	Conceito e definição terminológica

Não podemos, no entanto, esquecer que o termo é também um signo lingüístico, com especificidades dentro de uma área de especialidade.

Em uma primeira discussão sobre o termo, necessário se faz conceituar termo enquanto unidade terminológica, ou seja, unidade mínima de significação de uma determinada área de especialidades. Na perspectiva da Terminologia tradicional ou da TGT, o termo pode ser visto com o estatuto de algo que nomeia um conceito; já na perspectiva

sociocognitiva, Temmerman (2000, p. 228) amplia a visão de termo, afirmando que “Terms are motors in the process of understanding as they link new understanding to previous understanding”⁵. Desta forma, o termo passa a ser concebido não apenas como um nome para um conceito, mas um signo que aciona o arcabouço lingüístico e cognitivo, sendo, portanto, histórico-sócio-culturalmente construído dentro de uma área do saber humano.

Para os organismos internacionais de normalização, como a ISO 1087 (1990, p.5) o termo é considerado como uma unidade lingüística, que designa um conceito dentro de uma determinada técnica ou área de especialidades.

A delimitação da pertinência ou não de um termo a um determinado domínio realiza-se a partir do contexto⁶ em que está descrito, o que é permitido pelo seu conteúdo conceptual e pela relação com as outras palavras. É por este viés que, de certa forma, confirmamos a preponderância do procedimento semasiológico na Terminologia, ou seja, parte-se da designação para o conceito. Muitas vezes o termo ganha uma nova conotação numa determinada área de especialidade, porém a Terminologia cuida para que o conteúdo nocional do termo tenha um sentido real, tornando o termo um *denotatum*, como suscita Barbosa (1981, p.36).

A unidade terminológica está vinculada à necessidade de nomear produtos, processos, objetos e ferramentas de uma técnica ou do saber e, portanto, não deixa de ser uma unidade lexical ou lexia, que não é necessariamente uma palavra, pode ser um sintagma com um certo grau de lexicalização ou não. Alguns sintagmas chegam a ser uma verdadeira definição e não uma denominação. Tais fatos são descritos pela Terminologia por meio da análise terminológica.

A análise terminológica tem como objetivo preencher semanticamente os termos levantados ou nomear uma noção. O contexto situacional do termo é que define a sua pertinência ao domínio por meio dos elementos nocionais que permitem associar a designação ao conteúdo semântico e, a partir deste, buscar a denominação do objeto a ser nomeado (Aubert, 2001, p.30). Já os traços conceptuais permitem conhecer o objeto, o ser, o evento, o processo e a reflexão sobre como nomear tal objeto. É partindo desses pressupostos que se

⁵ Termos são motores no processo de entendimento que ligam um conhecimento novo a um conhecimento já apreendido. Tradução nossa.

⁶ Contexto para a Terminologia funciona como veículo de traços semânticos que permitem relacionar termo e conceito numa dada situação. (Aubert 2001, p. 31)

estabelece a relação significado (conceito) e significante (designação) assim como significante e significado formam o signo lingüístico, conceito e designação formam o termo. Como já vimos o termo é, ao mesmo tempo, unidade lexical e unidade terminológica.

Enquanto unidade lexical, fazemos a seguinte indagação: como então determinar se um termo pertence ou não a um determinado universo discursivo? Que critérios utilizamos para afirmarmos a pertinência de uma unidade lexical a uma área de especialidade? Um dos critérios considerado por grande parte dos terminólogos e estudiosos da área é unânime em dizer que a unidade lexical para ser considerada como termo de uma língua de especialidade deve aparecer com uma certa frequência nos textos e discursos deste domínio, configurando-se como palavra-ocorrência. Segundo Kočourek, citado por Barros (2004, p. 41), “as unidades lexicais só se tornam termos quando são definidas e empregadas em textos de especialidades”. Corrobora com tal assertiva a afirmação de que a ativação de uma palavra da língua geral, usada com frequência e regularidade em textos e discursos de uma área de especialidade e, sobretudo, se tal palavra designa uma parte do processo, de uma técnica, de um ser de uso na área de especialidade, tendo, até um novo significado, certamente essa ganha estatuto de termo. É o que podemos perceber em muitos termos do universo discursivo do babaçu.

Entre as muitas características do termo que procura responder às nossas indagações, é importante ressaltar o seu caráter designativo e, automaticamente a sua dimensão conceitual. A relação entre designação e conceito remete-nos a idéia de monorreferencialidade e monossema, como coloca Rondeau (1984, p.19) “O termo caracteriza-se no sentido de que para uma noção dada, há, teoricamente, uma única denominação”. Porém, em contraponto a esse pensamento, o termo não designa apenas o conceito. Ele representa etapas, produtos, objetos que designam uma ciência ou uma técnica, ou seja, tanto por sua significação, como pela sua funcionalidade o termo indica seu pertencimento a uma determinada área.

Um outro impasse no que tange ao termo, é a maneira como este se configura estruturalmente. Nesse sentido, uma indagação quase constante é sobre a delimitação de termos complexos, formados por mais de uma unidade terminológica e aos quais, no presente trabalho, denominamos de sintagmas terminológicos. Além da dificuldade de delimitar tal unidade, há também dúvidas se trata-se de uma lexicalização ou não. Tais questionamentos, tanto sobre o termo e o não termo, como a pertinência a uma área de especialidade de um

sintagma lexicalizado, são desfeitos se o terminógrafo tem a certeza de que essas unidades terminológicas designam conceitos específicos.

Além dos pontos ora levantados, achamos conveniente estabelecer noções que possam subsidiar o uso das nomenclaturas de elementos inerentes ao termo, para podermos discutir critérios de utilização de tais nomenclaturas ao longo do trabalho, pois há muito impasse sobre o que vem a ser designação, conceito, noção, definição. Nesse sentido, ratificamos o pensamento de Alain Rey, citado por Krieger e Finatto (2004, p. 76) ao afirmar que

O nome é o objeto mesmo da terminologia: com efeito um nome definível no interior de um sistema corrente, enumerativo e/ou estruturado, é um termo; o conteúdo de sua definição correspondendo a uma noção (conceito), analisável em compreensão.

Partindo dessas prerrogativas, que designação e nome são, nessa esfera, sinônimos, bem como definição, noção e conceito. Durante os próximos segmentos do trabalho, discutiremos tais perspectivas.

A unidade terminológica ou termo tem sua materialização por meio da designação. Esta funciona como um codificador da unidade terminológica ou do termo. Há entre os estudiosos da área nomenclaturas diversas para o termo “designação”. Há quem use as nomenclaturas “termo” mesmo, “nome”, “definição”, ou até “conceito” de uma noção. Em nosso estudo o consideramos como designação a parte do termo que corresponde à sua forma lingüística, ou ao seu significante. Segundo Barros (2004, p.97) as designações representam termos ou símbolos. Tais designações tanto podem ser formadas por um morfema, como por vários morfemas, por lexias simples ou compostas ou se constituírem como siglas e acrônimos. Às designações que possuem mais de um lexema e, por isso são chamadas lexias complexas, consideramos como sintagmas terminológicos.

A existência de uma designação para cada conceito, no estudo terminológico configura a presença da monorreferencialidade e da monossemia. Entretanto, como acontece na língua geral, os termos de determinadas áreas podem apresentar para uma mesma designação vários conceitos ou mesmo, ao passar da língua geral para uma área de especialidade determinada, passa a ter um novo conceito. Um outro aspecto da designação que era negado pela TGT é a variação terminológica, concretizada pelos sinônimos, acontecem com frequência na área de especialidade.

A designação corresponde ao termo-entrada e pode acontecer pelo uso, ou seja, o termo recebe uma designação pela frequência de uso entre os sujeitos que participam de uma determinada técnica ou área de especialidade ou pela perspectiva da criação do termo a partir do conceito.

A segunda esfera do termo é o conceito ou há quem o denomine de “noção”, mas o conceito é o que equivale ao conteúdo, por isso é tratado como a conceptualização. É considerada também a parte mais abstrata do termo e, a partir da qual se cria a designação. Um termo pode até não ter a designação, porém seu componente conceptual é imprescindível. A ISO (Organização Internacional de Normalização) utiliza o termo “noção” para se referir ao conceito.

Entre os pesquisadores brasileiros há uma preferência pelo termo “conceito”, utilizado no inglês “concept”, em detrimento do termo “noção”, usado no francês “notion”, por usarmos em português os dois termos como sinônimos, entretanto o segundo termo causa uma expressão de maior imprecisão.

Na perspectiva de Dubuc (1978, p.29), o fato de o conceito estar mais relacionado à unidade terminológica, torna-se mais fácil estabelecer unidade terminológica do que uma unidade lexical. Destarte, um dos aspectos que torna o conceito algo que auxilia no estabelecimento da norma para que a pertinência do termo seja assegurada a determinada área. Isso acontece, sobretudo, porque o conceito é carregado de traços semânticos que faz com que um termo seja estabelecido numa língua de especialidade, paralelo a esse fator o contexto e os descritores determinam o conceito.

Os traços semânticos de uma unidade lexical, na Terminologia, equivalem às características do conceito de um termo que podem ser internas e externas, essenciais ou secundárias, como coloca Barros (2004, p. 107-9). As duas primeiras dizem respeito às características constitutivas do próprio objeto e características exteriores ao objeto, respectivamente. Quanto às segundas classificações, em essenciais ou secundárias, indicam traços imprescindíveis à compreensão do termo e traços que poderiam ser relevados num conceito.

Ainda é possível descrever tipos de conceitos que, para a autora supracitada (2004, 106-7), está dividido em três grupos: os conceitos próprios de um domínio, conceitos emprestados e conceitos que ultrapassa o domínio.

Todas essas classificações são rebatidas pela TCT, por considerar que primeiro, os termos não pertencem a um domínio determinado, mas são usados numa situação específica e ganham um valor específico dentro de cada domínio; depois há uma defesa por parte da TCT que não haja um padrão para a análise do termo, mas que em todos os níveis o terminólogo tenha liberdade de escolher o modelo lingüístico para trabalhar os termos.

Achamos conveniente, assim como fizemos com o termo, delinear um pouco qual é a visão da Terminologia Sociocognitiva do conceito. A teoria sociocognitiva entende o conceito como unidade de interpretação que pode ser descrita por conceitos ou categorias. Por isso o conceito utilizado, na Terminologia Tradicional, é revidado por parecer artificial, ou seja, primeiro se delinea um conceito para posteriormente, nomeá-lo. Em um outro sentido, Temmerman (2004, p. 36-40) acrescenta que o fato do termo ser materializado no discurso, percebemos que o conceito está no próprio termo e este, por sua vez, já aparece expresso no discurso por meio de um nome, não havendo necessidade de nomeá-lo obrigatoriamente.

Numa perspectiva mais pragmática, é necessário também perceber as delimitações temáticas sugeridas pelos conceitos. Fato que remete automaticamente para a área de especialidades, isto é, os conceitos são responsáveis, em grande parte, pelo estabelecimento do termo em determinada área e, por sua vez, possibilita a organização dos termos por meio do sistema conceptual que pode ser concebido como agrupamentos em campos de domínios, mapa conceptual, árvore de domínio. Essa organização permite ao terminólogo mensurar a pertinência ou não do termo a uma área de especialidade e auxilia na redação da definição, pois estando o termo dentro de um mapa conceptual, percebemos-lhes características que, provavelmente são relevantes para a definição. Neste sentido, concordamos com Lorente (2001, p. 90) quando diz que

La organizaciones de conceptos dirigen, según la metodología de la terminografía clásica, la redación de definiciones. La ubicación de un concepto en un entramado de relaciones conceptuales se refleja en la definición a través del descriptor y la de las primeras características definitorias.

Portanto a organização dos conceitos em árvores de domínio, como preferimos, reflete diretamente na definição de um termo, por meio de seus descritores e das características definitórias. Em outras palavras, a organização dos termos em árvores de domínio permite que a definição de um conceito seja desenhada a partir da relação com outros

conceitos, pertinentes à mesma árvore de domínio. A existência desta, porquanto, é de grande valor para o fazer terminográfico, que é marcado, a grosso modo, pela compilação de termos e suas respectivas definições.

Ao se debruçar no estudo da Terminologia e numa possível organização e produção de obras terminográficas, vislumbramos a necessidade de aprimorar definições para conceitos. Mas o que vem a ser definir numa abordagem terminológica/terminográfica? Para Finatto (2001, p.118) “definir, dito de modo simples, no âmbito das terminologias, é estabelecer vínculos entre um termo, um conceito e um significado”.

Na mesma linha de pensamento, Krieger e Fávero (2001, p.248) ao se reportarem à organização da microestrutura de uma obra lexicográfica e/ou terminográfica, referem-se às questões relacionadas à definição dizendo que “[...] correspond au projet d’établir l’équivalence de sens entre le term défini et ses “definisateurs” au moyen d’un énoncé linguistique”. A definição é vista como um enunciado lingüístico que consegue estabelecer uma correspondência de sentido entre o termo definido e seus definidores.

Pelo viés pragmático, Farias (2003, p. 20) assevera que “As definições apresentam um termo genérico e os traços que particularizam o termo definido”. Ou seja, a conceptualização de um termo, dentro da obra terminográfica, é formalizada pela presença de uma expressão que descreve o termo de forma mais abrangente e características que o especificam.

Na tentativa de responder à nossa pergunta inicial, trouxemos três concepções de definição, sendo a última mais voltada para a práxis do fazer terminográfico. Afinal a relação é muito estreita entre fazer terminográfico e a definição. Neste sentido, é importante percebermos que assim como há diferença entre unidade terminológica e unidade lexical, entre o fazer lexicográfico e o fazer terminográfico, é unanimidade distinguir a definição lexicográfica, da definição terminológica e ainda da enciclopédica. Enquanto a primeira traz à baila o perfil da palavra, descrevendo o seu significado; a segunda define um conceito e procura descrever processo, produtos, funções, estruturas. Segundo Pontes (1996, p.34), a pergunta que fazemos para obtermos como resposta a definição é “como se chama o objeto de ...?” ou “como designa a operação que consiste em ...?” E não, “o que significa o termo x?” já a definição enciclopédica traz a informação mais ampla sobre o que se quer informar, por isso descreve coisas e ocupa-se de um referente. A definição terminológica pode utilizar,

na sua constituição, tanto a definição lexicográfica quanto a definição enciclopédica como coloca Rey, citado por Finatto (2001, p. 118-9). Tal fato ocorre pela possibilidade que a definição terminológica (DT) pode trazer no seu bojo informações lingüísticas e enciclopédicas paralelamente.

Um outro aspecto da definição que queremos abordar é a sua freqüência em textos especializados. Por esse viés, consideramos importante fazermos um esclarecimento para ratificar a pertinência do texto à área ou não. Pearson (2004, 55) ao caracterizar o texto especializado, esclarece que para construir um *corpus*, a partir desses textos, é necessário não buscar apenas os termos, mas também definição ou elemento definitório, apesar da sua escassez em alguns textos. Essa freqüência está relacionada diretamente, com a relação autor-leitor, para textos escritos, ou falante-ouvinte, para textos orais. Em se tratando, particularmente, de materiais escritos de divulgação de produtos e de técnicas usadas, sobretudo, pela indústria, ou mesmo quando se cria um novo conceito ou se redefine um já existente, a presença do elemento definitório é constante.

A presença constante e objetiva da definição representa uma grande contribuição na formalização da definição terminológica, ao lado do contexto em que está inserido o termo, pois como colocam Bourigault e Slodzian (2004, p. 106-7)

A definição deve ser coerente com os sentidos contextuais (validados no *corpus*) e pertinentes em relação à aplicação (como está inscrita em uma aplicação, ela integra os objetivos comunicacionais e deve ser “localizada”).

Ao lado dessa abordagem, há sempre a possibilidade de renovação lexical, visto que o termo pode ganhar um novo sentido por meio da definição e/ou do contexto em que está inserido. No próximo segmento do trabalho, falaremos sobre a possibilidade da renovação e ampliação terminológica.

3.2 RENOVAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO UNIVERSO TERMINOLÓGICO: SOCIOTERMINOLOGIA E VARIAÇÃO.

Anteriormente fizemos distinção entre termo ou signo terminológico e palavra e percebemos que essas distinções são muito sutis. Entretanto, ressaltamos a esta altura, que podemos considerar, logicamente, todo o termo como palavra, mas nem toda palavra como

termo, visto que essa participa de um universo bem mais abrangente que o termo. Porém, assim como as palavras são criadas para designar algo, geralmente um referente, os termos têm essa mesma missão. Assim, termos e palavras como todo signo serve para representar ou nomear um referente. A esse respeito, Biderman (2001, p.13) afirma que “O léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade”. Portanto, é por meio dessa percepção da realidade que o usuário vai criando termos, no caso das áreas de especialidades, para nomear referentes do seu universo terminológico. A autora continua dizendo que

Os conceitos, ou significados, são modos de ordenar dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados surgem as categorizações lingüísticas expressas em sistemas classificatórios[...] podemos afirmar que o homem desenvolveu estratégias engenhosas ao associar palavras e conceitos, que simbolizam os referentes.

Isto quer dizer que, ao mesmo tempo em que há a necessidade de nomear os referentes, é preciso dar significado ou confirmar o conceito, que se nomeou. Então essa relação nome-conceito ou conceito-nome, como já postula a Terminologia moderna, passa por diversas estratégias para fazer representar o referente. E, muitas vezes, a língua não conta com palavras, que possam designar esse conceito, o que leva à criação de novas palavras, seguindo a morfossintaxe da língua. No caso das línguas de especialidades, há uma necessidade constante de criar termos ou, muitas vezes, pedir emprestado a outro sistema lingüístico, para denominar produtos e processos envolvidos numa determinada área do conhecimento. Portanto, na área de especialidades é comum o uso do neologismo e do empréstimo de outra língua.

Segundo Alves (2001, p.25),

A história das línguas mostra que a incorporação de unidades lexicais neológicas sempre acompanhou o desenvolvimento do acervo lexical dos idiomas. Como conseqüência, estudos sobre a neologia, particularmente no século XX, refletem a importância atribuída ao fenômeno neológico no nível lexical.

Tal fenômeno toma uma proporção maior em se tratando de língua de especialidade, pois, se na língua geral o neologismo a faz crescer em número de unidades lexicais, na língua de especialidade, o neologismo constitui-se como o próprio termo, que muitas vezes, como consideram estudos da área, não se encontram no dicionário geral com a acepção em que é empregado no domínio de especialidade.

No século XX, muitos trabalhos lexicológicos voltados para o estudo do neologismo foram publicados. O primeiro destes é o trabalho do francês Peter Wexler “La formation du vocabulaire des chemins de fer em France”, que tratava de um vocabulário técnico sobre as ferrovias na França. Com a publicação desse trabalho, muitos outros o seguiram. Segundo Alves (2001, p. 26), seu destaque também se deu em vistas de se ter um “vocabulário técnico em relação ao conjunto do léxico e bem delimitado no desenvolvimento da língua”. Percebemos com isso a pertinência da Terminologia para um léxico geral e a sua preponderância para o desenvolvimento lingüístico. A citada professora também afirma que nesse tipo de trabalho se sistematiza um vocabulário técnico ou científico por meio da descrição morfológica e semântica dos termos. Em consonância a essa descrição,

São estudados os processos de formação que constituem novas unidades lexicais e também as relações semânticas (campos semânticos, campos nocionais, sinônimos, antônimos, relações hiperonímicas e hiponímicas) que essas unidades neológicas estabelecem. Nesses estudos a atividade neológica reflete, pois, as duas vertentes vinculadas à Lexicologia, disciplinas de caráter estrutural: Morfologia e Semântica Lexical.

E, por conseguinte, também à Terminologia e à Lexicografia. Pois, apesar de muitos estudiosos insistirem na não existência dessas relações na Terminologia, é possível que tais relações semânticas ocorram mesmo em pequena escala. O que nos garante afirmar que a Terminologia é um subconjunto da Lexicologia e que, sendo subconjunto, nela podem ocorrer os mesmos fenômenos que ocorrem nessa ciência mais vasta.

Foi a partir da década de 1970 que a neologia pôde ser considerada como fenômeno que podia ocorrer também nas línguas de especialidades, pois a palavra neologismo tornou-se polissêmica, deixando de se referir apenas a aspectos lingüísticos da formação de novas unidades lexicais, como justifica Boulanger, citado por Alves (2001, p. 26):

[...] Em razão das políticas de planejamento lingüístico que passaram a emergir em vários países ou comunidades lingüísticas. A neologia estabelece, assim, relações mais estreitas com a Terminologia, já que o ato de nomear começa também a ser realizado no âmbito de uma perspectiva de planejamento e intervenção lingüísticas.

Ainda Boulanger, citado por Alves (2001, p. 27), numa visão contemporânea da neologia, atribui as seguintes tarefas ao conceito de neologismo

- processo prático de criação de novas unidades lexicais, na língua geral ou tecnoleto, por meio do recurso consciente ou inconsciente aos mecanismos de criatividade lexical habituais de uma língua;
- estudo teórico e aplicado relativo às inovações lexicais: os processos de criação, os critérios de reconhecimento, aceitabilidade e difusão de neologismos, os aspectos sociais e culturais da neologia;
- atividade institucional, organizada sistematicamente para coletar, registrar, difundir e implantar as inovações lexicais, no âmbito concreto de uma política de língua;
- tarefa de identificação dos setores especializados novos ou recentes, ou com lacunas que necessitam de intervenção;
- relação com os dicionários, tanto gerais unilíngües como específicos (dicionários de neologismos, de palavras selvagens, de empréstimos...)

Por todas essas atribuições dadas ao conceito de neologia, confirmamos a sua pertinência e preponderância para os trabalhos terminológicos. Assim, tanto os termos das línguas de especialidades, como os neologismos da língua geral constituem-se como elementos recentemente introduzidos na língua. Vemos a necessidade de fazer a distinção entre os dois tipos de neologismos. Os neologismos da língua comum, como vimos anteriormente, são unidades lexicais pertinentes ao léxico geral. Nas línguas de especialidades, os neologismos ou neônimos, por sua vez, constituem-se como termos de uma dada área técnico-científica. Barbosa (2001, p. 45-6), afirma haver entre neologismos e neônimos semelhanças e diferenças, uma delas já citada por nós anteriormente. Ocorre com essas nomenclaturas diferenças e semelhanças observadas entre língua comum e língua de especialidade. Ambos, neologismo e neônimo, podem ser gerados a partir da neologia fonológica, semântica, sintagmática, alogenética, havendo nesse sentido uma semelhança no que tange à formação do neologismo. Por outro lado observamos diferenças de ordem semântica, sintática e pragmática, o que lhes confere estatuto, natureza e funções bem definidas. Apesar de existirem tais nomenclaturas para designar os dois tipos de neologia, consideramos mais conveniente usar apenas neologismo e neologismo terminológico.

Há uma motivação advinda da necessidade de denominar os conceitos existentes nas áreas técnico-científicas na criação neológica nas línguas de especialidades. Razão pela qual esses neologismos tendem a seguir normas, o que contribui para que eles manifestem um caráter relativamente normativo e relativamente estável na língua, como afirma Alves (2001, p. 28).

A professora continua afirmando que os neologismos criados no âmbito de um tecnoleto pertencem a uma rede conceitual, suscitando uma relação unívoca entre designação e

conceito, dando-lhe um caráter denotativo ao neologismo e proporcionando-lhes similaridade em línguas diversas e entre línguas geral e de especialidades. Porém tal correspondência não indica, necessariamente a inexistência de variação na língua de especialidade. Nesse sentido, Alves (2001, p.28) assevera que

A relação idealmente unívoca entre designação e conceito não impede, entretanto, que variações lexicais também sejam observadas nos tecnoletos, possibilitando que criações lexicais de caráter sinonímico possam corresponder a um único conceito e que um mesmo termo apresente relações polissêmicas.

Ou seja, a correspondência conceito-designação, tão necessária a área de especialidades, não impede que haja mais de uma forma lingüística para o mesmo conceito, assim os neologismos, tal como acontece na língua comum, se constituem como sinônimos, podendo, inclusive, passar por alterações na sua forma.

Destarte, Quanto à formação tanto dos neologismos, da língua geral como nas línguas de especialidades, passam pelos mesmos processos: derivação, composição, formação sintagmática e por sigla, transferência semântica, truncção, empréstimos.

Podemos observar que, enquanto na língua comum os neologismos ocorrem predominantemente com unidades lexicais simples, nos tecnoletos temos a predominância de termos formados por dois ou mais elementos. Como podemos observar na linguagem do babaçu, a preferência por termos que são derivados ou compostos, por exemplo “coco melado”, “babaçual”.

Acontece com freqüência, sobretudo, na língua de especialidades das formações sintagmáticas serem representadas por estruturas sintagmáticas formais diversas, ou seja, são formadas, por exemplo, por um substantivo correspondente a um conceito genérico mais um adjetivo, que funciona como determinante do substantivo. É o que podemos ver em “terras” (substantivo determinado) + “avolutas” (adjetivo determinante)= “terras avolutas”. Uma outra formação seria o sintagma formado com preposição, como em “fio do machado”, “consorciamento do babaçual”. Essas formações podem concorrer com suas respectivas siglas em algumas áreas.

A criação de neologismos nas áreas de especialidades ocorre também pela migração sígnica, ou seja, unidades lexicais da língua geral passam a participar de um determinado domínio técnico-científico, ganhando novo significado. É o que constatamos

com o termo “curinga”, utilizado na terminologia do babaçu para designar “árvore grande, que se destaca entre as demais”.

Uma outra formação nas áreas de especialidades são os empréstimos, que para nós serão encontrados, apesar de ser de pouca frequência, na linguagem utilizada pela TOBASA e ASSEMA, por talvez, trabalharem com novas tecnologias, inclusive a informática, área em que os empréstimos são abundantes.

Salientamos finalmente que uma outra especificidade do neologismo terminológico é o fato de desempenhar uma função denotativa, visto que os termos neológicos designam conceitos criados pela necessidade de nomear novos referentes, advindos do desenvolvimento técnico e científico.

A criação de neologismos terminológicos segue uma política de planificação lingüística, por se constituírem criações motivadas pelas necessidades do desenvolvimento científico-tecnológico.

Segundo Alves (2001, p.30)

Essa política de planificação lingüística deve orientar os critérios de criação de termos. Esses critérios, adotados por organismos internacionais, como o “Office de la Langue Française (Quebec, Canadá), obedecem a princípios de caráter lingüístico, sociolingüístico e metodológico.

Embora termos consciência da necessidade de normalização da criação neológica, não podemos obscurecer que essa, como diz Cabré, citada por Alves (2001, p. 30), tem o dever de refletir a dinamicidade da língua e a liberdade que os usuários têm de nem sempre seguirem as orientações dos organismos e propostas de planificação.

Com esse posicionamento, inferimos que há necessidade de observar as diversas interações sociais e variações lingüísticas de uso que ocorrem quer no âmbito da língua geral, quer no âmbito das terminologias e que nos permite compreender essa variação, a partir de fatores diastrático, diatópico e diatécnico. Portanto, dedicaremos a próxima seção à Socioterminologia.

A relação entre língua e sociedade é tênue. Se considerarmos como social tudo o que o homem partilha com os seus semelhantes, observaremos que um dos aspectos mais

fortes desta convivência em sociedade é o seu trabalho. É no trabalho que o homem se constitui, enquanto indivíduo, enquanto cidadão. Ao se organizar em classes trabalhadoras, principalmente em sindicatos, o homem partilha um grande percentual de sua existência e, como não poderia deixar de ser, partilha também e principalmente a língua, em todos os seus aspectos, inclusive e, sobretudo, no léxico, nos termos que utiliza dentro do trabalho. É nessa perspectiva que a percepção da existência de termos técnicos de uma dada área de especialidade fez e faz com que se desenvolvam trabalhos terminológicos nas mais diversas áreas.

Como afirma Gaudin (1993, p.16),

[...] dans le même mouvement qui a conduit de la linguistique structurale à la sociolinguistique, une *socioterminologie* peut prendre en compte le réel du fonctionnement du langage et restituer toute leur dimension sociale aux pratiques langagières concernées.

Assim como a lingüística estrutural conduziu à sociolingüística, a socioterminologia descreve o real funcionamento da língua, restituindo-lhe todas as dimensões sociais que concernem às práticas de linguagem. O estudioso ainda adverte para uma visão mais abrangente da terminologia e, portanto para um caráter interdisciplinar e mais geral desta.

Porém, como já vimos, os primeiros trabalhos de abordagem terminológica não contemplavam os aspectos socioculturais que envolviam o domínio de estudo, bem como os fatores de variação não eram observados como traços preponderantes para o uso de um termo ou outro, para a possibilidade da existência de sinônimos, hipônimos, hiperônimos, polissemia e homonímia. Só a partir dos anos 80 do século XX, com o advento da Socioterminologia, esses aspectos foram levantados.

A palavra Socioterminologia foi usada pela primeira vez por Boulanger, mas foi através dos trabalhos de François Gaudin que ela tomou impulso e tem se constituído não só como metodologia, mas, sobretudo, como disciplina. Seu perfil se delineia entre a Terminologia e a Sociolingüística laboviana. Pesquisas atuais têm demonstrado os avanços para a Terminologia, a Lingüística e as áreas de especialidades. É notável sua contribuição no que tange à negação de um prescritivismo exacerbado da Terminologia.

Nesse sentido, concordamos com o pensamento de Gaudin (1993, p.216) ao afirmar que a Socioterminologia ultrapassa os limites da Terminologia propriamente dita, para trazer desde a origem do termo até sua recepção e aceitação, passando pelas práticas lingüísticas e sociais concretas que o ser humano exerce dentro do seu campo de atividade. Desta forma, a Socioterminologia deve encontrar pontos de reflexão que unam trabalho e linguagem, pois a linguagem usada pelo homem é reflexo de uma ação, ao mesmo tempo em que a linguagem orienta e testemunha a ação (trabalho), ajudando na sua realização.

Além dessa perspectiva da Socioterminologia, assim como a Terminologia numa visão mais moderna, há também um caráter prático. Pois tais elementos, como afirma Faulstich (1995, p. 282) vão dando à Socioterminologia estatuto de disciplina, que traz à baila pesquisas teórica e prática sobre o termo e suas variantes.

Segundo a mesma autora, enquanto prática do trabalho terminológico, a Socioterminologia baseia-se na análise da circulação dos termos; enquanto teoria, faz um estudo do termo numa perspectiva lingüística e de interação social. Portanto, a pesquisa socioterminológica deve encontrar suporte na Sociolingüística e na Etnografia. Da primeira, copia os critérios para a variação lingüística dos termos no meio social e as possíveis mudanças. Da segunda, recebe a influência do fato de que os membros de uma sociedade, através da comunicação, geram conceitos interacionais de um mesmo termo ou diferentes termos para o mesmo conceito.

Como vemos, a Terminologia tem evoluído para um trabalho socioterminológico, porém para que um trabalho tenha tal perfil, é necessário que o terminólogo, como diz Faulstich (1995, p.282), assuma alguns procedimentos metodológicos, que vão desde a identificação do usuário da terminologia a ser pesquisada à delimitação do corpus e o registro do termo e suas variantes. Além desses procedimentos, é importante salientar a seleção de documentação bibliográfica sobre o assunto; a análise do funcionamento dos termos, a redação de obras terminográficas, entre outros.

A variação lingüística é pertinente à Sociolingüística e a Socioterminologia, que se servem desta concepção de variação, por meio da qual a Terminologia tem comprovado o caráter plurirreferencial do termo. Isso torna a variante um aspecto inerente à Socioterminologia. Tais variantes consideram fatores sociais, situacionais, espaciais e lingüísticos que interferem ou promovem o uso do termo. Na língua de especialidade,

segundo Faulstich (2006, 11) é possível reorganizar as variantes, classificando-as da seguinte maneira: variantes **concorrentes**, **co-ocorrentes** e **competitivas**. As concorrentes podem ser: variantes **formais lingüísticas** e variantes **formais de registro**.

São variantes concorrentes as variantes terminológicas lingüísticas e as variantes formais de registro

As variantes terminológicas lingüísticas são as que têm a variação determinada pelo próprio fenômeno lingüístico. Para a autora supracitada (1998, p. 7), a classificação das variantes lingüísticas respeita os seguintes critérios: a análise do termo é realizada a partir da interpretação semântica; a funcionalidade é analisada nas unidades terminológicas complexas (UTCs); são analisados os subsistemas da língua portuguesa; são considerados os usos dos termos em suas formas orais e escritas. Classificam-se como:

a) Variante gráfica: é aquela que apresenta variação em registro escrito, ou seja, aparece com formas escritas diferentes em outros contextos de acordo com as convenções da língua. Encontramos este tipo de variante no campo do coco babaçu, em termos do “coringa” e “curinga”.

b) Variante lexical: para Faulstich é o tipo de variante que o item lexical ou parte dele aparece comutado e seu significado não sofre grandes alterações. Um exemplo disso é “alqueire” e “alqueire por linha”.

c) Variante morfossintática: é aquela que, mesmo com elementos gramaticais modificados o conceito, não se altera. É o que ocorre quando as pessoas que trabalham com o coco se referem à espécie de lagarta que come a amêndoa do babaçu, utilizando ora o termo “bigongo” e ora “gongo”.

d) Variante fonológica: é aquela em que podemos encontrar formas decalcadas da fala, como por exemplo, “almenda” ou “amenda” para se referir à “amêndoa”.

As **Variantes formais de registro** são aquelas que a variação provém do ambiente, onde os usos lingüísticos concorrem nos planos horizontal, vertical e temporal. As variantes terminológicas de registro são assim consideradas a partir dos seguintes critérios: são termos recolhidos do discurso real de uma determinada área de especialidade; são termos pertinentes a uma variedade socioprofissional; são termos utilizados em textos diversos dentro de dada área de especialidades; termos formais e não formais encontradas em textos orais e escritos sobre o assunto e de épocas diferentes. As variantes terminológicas de registro classificam-se como:

a) **Variante topoletal ou geográfica:** é aquela que ocorre em virtude de uso de diferentes registros, para o mesmo conceito e o mesmo significado. A mudança de registro ocorre quando se muda de localidade. Trata-se, portanto, de uma variação no plano horizontal da língua. É o que ocorre com os termos “cofa” (no Ciriaco- MA) e “panicum” (em São Miguel –TO), para designar o ninho da galinha, feito da palha do babaçu.

b) **Variante socioprofissional:** é o tipo de variante em que não há alteração no conceito e no significado mesmo quando há mudança de registro. Algumas esferas desta área de especialidades usam o termo “quitanda” e outras usam “bodega”, para designar o local onde se comercializa o coco.

Há ainda as **variantes co-ocorrentes**, que são aquelas nas quais estão incluídos os sinônimos, por estes apresentarem-se como formas que podem aparecer denominações diferentes para um mesmo conceito. Ao se reportar a este tipo de sinônimo, Faulstich (2006, p.87) o denomina como sinônimo terminológico; e as **variantes competitivas**, que se instauram a partir de empréstimos, termos híbridos, estrangeirismos.

Todas estas variações podem aparecer de forma combinada, ou seja, uma variante regional pode estar também numa variante morfossintática.

Vemos, portanto, a possibilidade de encontrarmos nas áreas de especialidades a existência da variação, o que nos leva a crer que este possa se constituir como um trabalho socioterminológico, através do qual possamos ultrapassar os limites impostos pela versão mais tradicional da Terminologia, descrevendo as possibilidades de uso que uma língua de especialidade, enquanto domínio lingüístico, influenciado por questões socioculturais e socioprofissionais, pode ter em sua constituição. Em sua maioria, as variações ocorrem em função dos contextos dos discursos orais e escritos e são de origem temática ou nocional, com a finalidade de harmonizar um universo de discurso e proporcionar a efetiva comunicação entre interlocutores da área de especialidade ou mesmo externa a ela.

3.3 METODOLOGIA DA OBRA SOCIOTERMINOLÓGICA: AS OBRAS TERMINOGRÁFICAS E LEXICOGRÁFICAS

As discussões sobre a perspectiva terminológica da língua têm a cada dia mais se aproximado de componentes sociais e culturais, enveredando para uma consistência de estudos socioterminológicos, o que tem possibilitado a visualização de variação no uso dos termos. A presente tese assim se configura e, portanto, consideramos necessário explicitar a forma como é realizado um trabalho socioterminológico, ou mais precisamente um trabalho socioterminográfico. O fazer socioterminológico ou socioterminográfico começa desde a escolha do informante até a elaboração final de cada verbete que compõe a obra socioterminográfica.

Segundo Faulstich (2006, p.11), a Socioterminologia se organiza sobre duas vertentes, enquanto prática do trabalho terminológico por meio da qual se analisa as condições de circulação do termo dentro do funcionamento da linguagem e enquanto disciplina descritiva, através da qual o termo é visto na perspectiva lingüística da interação social.

A discussão sobre variação ocorrida na obra socioterminológica busca, como já vimos, respaldo nos pressupostos, sobretudo, metodológicos da Sociolingüística e da Etnografia. Para tanto, o trabalho socioterminológico deve seguir os passos abaixo relacionados:

1. identificar os usuários da língua de especialidades escolhida, possibilitando o permanente reconhecimento tanto do usuário quanto universo de discurso;
2. definir os usos de materiais orais e escritos, descrevendo o repertório por meio do termo-ocorrência;
3. conferir a pertinência do material recolhido a uma determinada área com o auxílio de especialistas do assunto;
4. fazer a divisão do *corpus* em domínios e subdomínios;
5. definir e selecionar o material que compõe o *corpus* ou os *corpora*, com a finalidade de recolher o termo e/ou contexto em que está inserido;
6. descrever as condições em que o material que compõe o *corpus* e/ou os *corpora* foi(ram) produzido(s);

7. analisar o funcionamento do termo, tanto enquanto termo complexo como termo simples;
8. registrar os termos e suas variantes coletadas;
9. definir o tipo de obra socioterminológica a ser feita e a quantidade de termos a ser descrita;
10. redigir a obra socioterminológica, tanto em sua macroestrutura como na sua microestrutura.

Os procedimentos metodológicos supracitados constituem-se uma unanimidade entre os pesquisadores da área de especialidades, sobretudo, em Faulstich (1995, 1998, 2006); Miranda (1995).

O fazer lexicográfico não é uma atividade recente. Desde os primeiros tempos da escrita que já se procurava estabelecer listas de termos com a finalidade de explicar minimamente o seu significado, geralmente, tentando definir termos de uma obra literária. Este fazer lexicográfico era muito restrito e as obras se configuravam como glossários e vocabulários da língua. Além desse material, havia também a preocupação com a etimologia, assim foram feitas algumas obras com finalidades etimológicas.

A Lexicografia ocidental teve seus primeiros momentos nos tempos modernos. Sua preconização aconteceu por meio dos glossários latinos medievais que serviam de suporte na leitura de textos da antiguidade clássica e da bíblia. Porém seu início só se deu entre os séculos XVI e XVII, quando foram elaborados os dicionários monolíngües e bilíngües. Já os dicionários técnico-científicos na língua Portuguesa só vieram figurar a partir do século XX.

Nos dias atuais as obras lexicográficas e terminográficas têm tomado um impulso por uma necessidade cada vez mais crescente. Esse crescimento tem encontrado repercussão, sobretudo, no que tange às áreas de especialidades, pois como já discutimos anteriormente o desenvolvimento das técnicas e das ciências, de certa forma, exige ora conceitos ora nome para muitos termos criados e, conseqüentemente, a produção de obras que, no mínimo, compilem vocábulos a serem explorados. É neste patamar que refletimos sobre as tipologias de obras lexicográficas e terminográficas.

Entretanto, não é tarefa fácil determinar os diversos tipos de trabalho lexicográfico e/ou terminológico. Haensch (1982, p.96) afirma que essas dificuldades não

acontecem apenas por critérios lingüísticos, mas por fatores históricos e culturais que influenciam os diversos tipos de obras lexicográficas. Tais tipologias variam segundo a concepção de cada estudioso.

Para Barbosa (1994, p.290-1) a tipologização das obras lexicográficas dá-se a partir de alguns critérios: os níveis de atualização e de abstração da linguagem verbal; o universo léxico, os conjuntos-vocabulários, os conjuntos-ocorrência; as unidades-padrão correspondentes; a variação diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica, entre outros. Observando estes critérios, a autora classifica as obras lexicográficas e terminológicas como sendo:

- o **dicionário de língua** busca a recuperação, armazenagem e compilação de lexias efetivas, de freqüência regular, que integram as diferentes normas;

- o ***thesaurus linguae*** tem como proposta a compilação de lexias com alta, média, baixa e pequena freqüência, tendo ou não distribuição regular entre os usuários da língua, referindo-se às mais diversas variações: diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas.

- o **vocabulário técnico-científico/especializado** visa o recolhimento e armazenamento de vocábulos pertinentes a um universo discursivo, que configura uma norma discursiva. Trata-se da recolha de vocábulos com alta freqüência e distribuição regular, restritos a uma *phasis*, que podem relacionar-se a vários *topoi* e *strata*.

- o **vocabulário fundamental** visa a recuperação de vocábulos com alta freqüência e distribuição regular entre os usuários da língua, comuns a vários *topoi*, a vários *strata*, a várias *phasei* ou restritos a um *topos*, ou a um *stratum*, ou a uma *phasis*, sempre definido como elementos pertencentes ao conjunto-intersecção de subconjuntos de um universo do discurso.

- o **glossário**, no sentido aqui empregado, deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências de um *chronos*, de um *topos*, de uma *phasis*, ou, noutros termos, extraídas de um único discurso concretamente realizado.

Esta classificação aborda das obras mais gerais como o dicionário de línguas até obras mais específicas como os glossários, que tratam os termos dentro de um discurso individualizado.

Haensch; Wolf; Etinger; Werner (1982, p. 97) consideram que entre os critérios lingüísticos fundamentais que tipificam as obras lexicográficas e/ou terminográficas,

merecem relevo os modos de ser da língua e os aspectos da descrição lingüística. Quanto aos modos da língua, os glossários, os dicionários ou vocabulário de obras literárias constituem compilação de discursos individuais; enquanto que os *thesaurus* constituem compilação dos termos do discurso coletivo. Em se tratando das descrições lingüísticas, a tipologização, os autores consideram dicionários semasiológicos e onomasiológicos, dicionários de uso, entre outros. Na perspectiva histórico-cultural, os mesmos autores (1989, p.106) se reportam ao glossário como repertório de vozes, destinado a explicar um texto medieval ou clássico, uma obra de um autor; e ainda como repertório de palavras, geralmente termos técnicos, podendo ser monolíngüe ou plurilíngüe, que não pretende ser exaustivo.

Biderman (1984, p.11-6) registra a existência de quatro tipos de dicionários: o de uso da língua, que compila as palavras da língua geral; o ideológico ou analógico, organizado a partir de campos semânticos; o histórico, compilado a partir do vocabulário e da língua de uma determinada época; o dicionário especial, que registra palavra e termos de uma determinada área. Neste último, podemos localizar os dicionários terminológicos.

Como vimos até agora, existe um número considerável de tipos de obras lexicográficas e terminográficas, fato que é atribuído à heterogeneidade das relações sociais. Segundo Barros (2004, p.133) são obras lexicográficas os dicionários da língua, os dicionários especiais e os que registram as unidades lexicais em todas as acepções encontradas num sistema lingüístico. As obras terminográficas são aquelas que catalogam um conjunto de termos de um determinado domínio especializado ou técnico, tal como o dicionário terminológico.

Para Haensch; Wolf; Etinger; Werner (1982, p 103) não há nenhum termo genérico nas línguas indoeuropéias que abrigue todos os tipos de dicionários, vocábulos e glossários, por isso é comum utilizarmos a terminologia das obras lexicográficas e terminográficas. Na visão de Barros (2004, p.133), há dois termos genéricos que podem designar as obras lexicográficas e terminográficas: o dicionário ou repertório.

Ao se reportar ao fazer lexicográfico, Borba (2003, p. 15) afirma a definição *de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes*. Destarte, na organização de obras lexicográficas e terminográficas, fazemos a análise a partir da sintaxe

para a semântica, ou seja, a partir do contexto restrito e de sua estrutura sintática atribui-se o valor semântico.

Porém, tal concepção é muito restrita para refletirmos sobre o fazer lexicográfico e o fazer terminográfico. Há elementos mais relevantes a serem conhecidos para a realização desses fazeres e, sobretudo, para reconhecer a tipologia desses trabalhos. Segundo Barros (2004, p.137-44), são elementos que caracterizam as tipologias de obras lexicográficas e terminográficas: o público alvo, o tipo de dado a ser veiculado, quantidade de unidades lexicais a serem tratadas, a ordenação das entradas, entre outras. A partir destas características e da tipologização da Norma da ISO 1087 e dos tipos de repertórios do Office de la Langue Française, a autora enumera as seguintes tipologias de obras lexicográficas e terminográficas:

O **dicionário ou dicionário de língua** faz parte do sistema, tendo um público-alvo bem abrangente e visa compilar um grande número de unidades lexicais e fraseológicas, que se encontram em diferentes acepções, abrangendo diversos universos discursivos. Há obrigatoriedade da definição, mas não de informações enciclopédicas.

Um outro tipo de **dicionário** é o **terminológico**, também chamado **vocabulário**, está no nível da norma, tem como público-alvo os técnicos e especialistas no assunto e os terminólogos. Registram-se as unidades terminológicas.

O **glossário** pode ser também dicionário bilíngüe ou multilíngüe. Pode estar tanto na norma como no sistema, possui como característica primordial não apresentar definições, mas apenas lista de unidades lexicais e terminológicas com seus equivalentes em outras línguas.

A **enciclopédia** pode localizar-se tanto no nível do sistema como de uma ou mais normas de uma área de especialidades. Trata somente as unidades terminológicas de um ou mais domínios. Possui como característica principal informar dados extralingüísticos e referencial. Ao apresentar, além desses dados definições, chamar-se-á dicionário enciclopédico.

O **léxico**, neste caso, é entendido como apêndice de uma obra, com suas respectivas definições. Está no nível de uma norma. Apresenta uma lista de unidades lexicais, terminológica ou expressões de qualquer ordem utilizada por um autor que represente dificuldade de compreensão para o leitor.

As obras lexicográficas acima elencadas representam obras básicas, porém, a partir destas, há possibilidades de outros repertórios serem elaborados, por meio da combinação de elementos de diferentes obras.

No presente trabalho, combinamos características do glossário, o dicionário terminológico e o dicionário enciclopédico, na visão de Barros.

A nosso ver, é importante ressaltar uma outra característica do repertório e que a obra terminográfica a que nos propomos trabalhar contém: a relação entre língua e realidade, colocada por Borba (2004, p.20) *uma vez que procuram, pelo signo, levar à identificação do referente, por ter sido relativa utilidade prática, pois tal identificação depende muito da vivência com as palavras e as coisas a elas relacionadas*. Nesse sentido, é constante a identificação da funcionalidade nos termos por nós repertoriados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: AS PESQUISAS BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL, O CORPUS, A LOCALIDADE, OS INFORMANTES

A pesquisa propriamente dita consta de dois grandes momentos: a pesquisa bibliográfica e documental e a pesquisa de campo.

Através da pesquisa bibliográfica foi levantada bibliografia consagrada e atual na área de Terminologia, Terminografia, Lexicologia, Lexicografia, Sociolingüística e, sobretudo, Socioterminologia.

Foram levantados documentos descritivos e prescritivos sobre processos e produtos do coco babaçu, de 1980 a 2006, nas associações e comunidades que têm alguma relação com o manejo de tal produto, na TOBASA (Tocantins Babaçu S.A), na EMBRAPA, no SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e no IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) de Imperatriz e ainda obras produzidas por economistas, sociólogos, antropólogos, ecologistas e resultados de pesquisas realizadas sobre o babaçu e o material escrito disponibilizado na internet. Merecem destaque também os panfletos e encartes distribuídos pela ASSEMA, MIQCB e TOBASA, além de monografias, dissertações e teses.

A pesquisa documental foi realizada também com fontes orais. Mediante uso de gravador foram catalogadas entrevistas, conversas informais e canções populares, presentes no cotidiano das quebradeiras de coco, dos carvoeiros e dos catadores de coco e as respectivas transcrições foram realizadas por nós, mesmo que algumas entrevistas não tenham sido realizadas por nós.

A pesquisa de campo aconteceu nas áreas de assentamento onde o MIQCB, a ASSEMA e ASMUBIP, associações onde são desenvolvidos trabalhos comunitários com as quebradeiras de coco, e na TOBASA. A pesquisa tem como palco as mesorregiões maranhenses de Imperatriz e do Mearim e a mesorregião do Bico do Papagaio, nas quais o trabalho com o coco é constante.

4.1 PESQUISA DE CAMPO

4.1.1 DELIMITAÇÃO DO CORPUS

Para chegarmos ao levantamento e compilação dos termos, trabalhamos com dois *corpora*, sendo um de língua falada e outro de língua escrita, tendo em vista que, para

confrontarmos os dois processos de produção (manual e industrial), julgamos necessário utilizar documentos escritos relacionados à empresa, às associações e aos órgãos públicos, bem como às entrevistas feitas com as pessoas envolvidas nos processos de produção.

O *corpus* falado é composto de 44 (quarenta e quatro) entrevistas, feitas com pessoas que trabalham no processo manual e no processo industrial, de faixas etárias diferentes, dos mais diversos segmentos ligados à cultura do coco babaçu, como está descrito no quadro 4. O *corpus* escrito é composto de 16 (dezesseis) textos técnicos (publicações administrativas, folders, panfletos, encartes) produzidos pela ASSEMA, EMBRAPA e TOBASA e textos produzidos a partir dos encontros de quebradeiras, inclusive as 10 cantigas encontradas nesses encartes, bem como textos relacionados ao manuseio do babaçu, no período de 1980 a 2006, quando observamos desde as dificuldades de tornar o produto conhecido até a grande procura pelo mercado externo e a descoberta do aproveitamento integral do produto. Muitos desses materiais foram acessados pela internet e por material eletrônico cedidos pelas instituições produtoras do material. Estão presentes também no *corpus* escrito livros publicados sobre o assunto, trabalhos acadêmicos diversos.

4.1.2 CARACTERIZAÇÃO DAS LOCALIDADES

O Maranhão, como o Estado com maior produção de coco babaçu do país, possui exploração do produto em muitas cidades, cabendo ao Médio Mearim (Ver mapa nº 1) o título da mesorregião onde se concentra amêndoas de melhor qualidade. É formada por 20 cidades e é banhada pelo rio Mearim. Há recursos naturais abundantes e ainda babaçuais preservados. Nessa mesorregião, encontra-se a sede da ASSEMA, associação responsável pela divulgação e desenvolvimento de projetos arrojados com o coco babaçu. Sua sede encontra-se em Pedreiras, cidade que fica a aproximadamente 228 quilômetros de São Luís. Além de realizarmos pesquisa e entrevistas na sede da ASSEMA, visitamos alguns povoados na cidade de Lago do Junco, a aproximadamente 300 km de São Luís e onde estão concentradas as fábricas de papel e de sabonete, empreendimentos alcançados através da COPPALJ (Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco). Lago do Junco é uma cidade de pequeno porte, com apenas 9.833 habitantes, sua população sobrevive essencialmente da agricultura e do agroextrativismo. Há muitas áreas de assentamento, inclusive algumas já desapropriadas e regularizadas como de posse das famílias que nelas vivem. Visitamos os povoados de Santa Zita, que é uma área de assentamento e preservação, onde se desenvolve o projeto de plantação de essência para a fabricação do sabonete e o

Ludovico onde há a fábrica de sabonete. Essas duas localidades possuem uma Escola familiar agrícola, onde crianças e jovens conseguem fazer todo o Ensino Básico e são estimulados a valorizar o trabalho com o babaçu. Essas comunidades geralmente contam com uma cantina onde se negocia o coco e as famílias podem adquirir seus víveres a preço acessível.

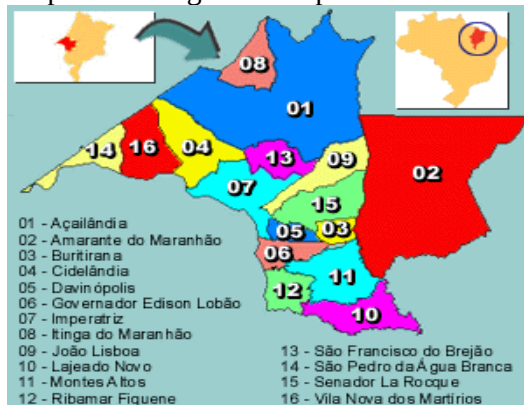
Mapa nº. 1: Região do Médio Mearim-MA.



Disponível no site www.citybrazil.com.br/ma/regioes/mediomearim em 23 de fevereiro de 2008.

Uma outra mesorregião do Maranhão em que o coco babaçu é muito valorizado e explorado é na mesorregião de Imperatriz (Mapa nº. 2) e onde está a sede do MIQCB. Nessa mesorregião, além da sede do MIQCB, visitamos as cidades de Cidelândia (Reserva extrativista do Ciríaco) e os povoados de Coquelândia e Petrolina. A RESEX (Reserva Extrativista) do Ciríaco fica a aproximadamente 50 km de Imperatriz e é uma das poucas reservas já implementadas pelo IBAMA. Petrolina fica a 38 km de Imperatriz e conta com uma associação de quebradeiras, filiada ao MIQCB, que comercializa a farinha do mesocarpio para a merenda escolar.

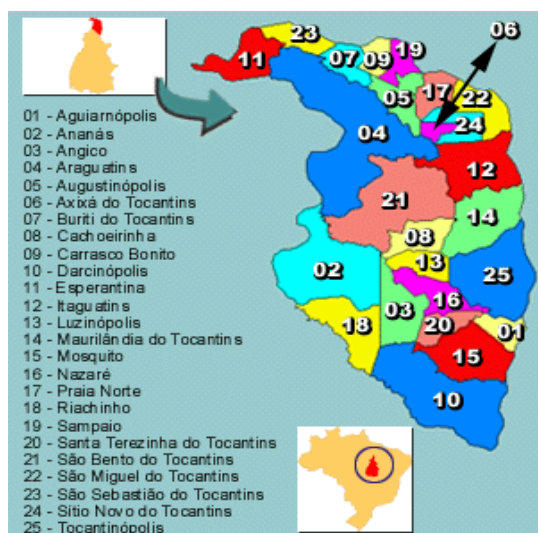
Mapa nº. 2: Região de Imperatriz- MA



Disponível no site: <http://www.citybrazil.com.br/ma/regioes/imperatriz/> em 25 de fevereiro de 2008.

O Estado do Tocantins conta com um percentual bem mais baixo que o Maranhão no extrativismo do babaçu, colocando-se em segundo lugar no *ranking* nacional, porém possui uma das mais importantes empresas de iniciativa privada que faz o beneficiamento do babaçu: a TOBASA. Nesse Estado, a nossa pesquisa se efetiva em três cidades: Buriti, São Miguel e Tocantinópolis. Trata-se de três cidades pertencentes à mesorregião do Bico do Papagaio (ver mapa nº. 3), Norte do Estado do Tocantins.

Mapa nº. 3: Mesorregião do Bico do Papagaio- TO



Disponível no site: <http://www.citybrazil.com.br/to/regioes/bicopapagaio> em 25 de fevereiro de 2008.

Tocantinópolis é uma das cidades de maior representatividade do Bico do Papagaio, no Norte do Tocantins, onde se encontra a TOBASA, empresa de beneficiamento do babaçu. Possui aproximadamente 25 mil habitantes e fica a aproximadamente 600 km de Palmas. Trata-se de uma cidade porte médio, com escolas públicas e conveniadas de ensinos fundamental e médio e um campus da Universidade Federal do Tocantins. Sua economia é basicamente a pecuária e o comércio. A TOBASA representa uma fonte de emprego para a cidade.

São Miguel é uma cidade de pequeno porte e tem sua economia voltada basicamente para a agropecuária, porém o agroextrativismo se constitui como fonte de renda de diversas comunidades. Por meio da expressividade das mulheres quebradeiras de coco, a cidade abriga associações de mulheres e o programa rede mulher de educação. Em São Miguel, além do óleo, as mulheres fazem peças artesanais tanto da palha, como do endocarpo do Babaçu.

A última cidade visitada foi a cidade Buriti do Tocantins, onde a atuação da ASMUBIP é intensa, tendo uma de suas representantes conquistado o prêmio de mulher empreendedora de 2006, do SEBRAE. Buriti é uma cidade de pequeno porte que conta com iniciativas locais para melhoria no que tange ao aproveitamento do babaçu. Na cidade, há escolas de ensinos fundamental e médio, com as quais a ASMUBIP faz parceria e incentiva para que o babaçu seja valorizado. Além da produção de óleo, a cidade conta com a confecção de peças artesanais produzidas por jovens da comunidade.

Para melhor visualização dessas localidades, observe o quadro abaixo:

Quadro 3: caracterização das localidades

Estado	Microrregião/Mesor região	Cidades	Povoados	Associações/empresas ⁷
Maranhão	Mearim	Pedreiras	A própria cidade	ASSEMA
		Lago do Junco	Ludovico	COPPALJ
			Santa Zita	COPPALJ
	Imperatriz	Cidelândia	Ciríaco	MIQCB/ ATARECO
		Imperatriz	Petrolina	AMP
			Coquelândia	MIQCB
Tocantins	Bico do Papagaio	Tocantinópolis	A Própria cidade	TOBASA
		Buriti do Tocantins	A própria cidade	ASMUBIP
		São Miguel	Juvelândia	MIQCB

4.1.3 CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES

Temos cerca de 44 informantes, sendo estes, pessoas que trabalham com o babaçu há mais de dez anos, o que é relevante e comum no manejo de tal produto, visto que grande parte da população dos dois Estados brasileiros é filho de quebradeiras e catadores de coco e aprenderam tal ofício com os pais ou mesmo têm convívio com a realidade do babaçu, quer pela necessidade de exploração do produto, quer por interesse de conhecer melhor suas utilidades.

⁷

Os entrevistados fazem parte de uma associação ou empresa, portanto, este item torna-se relevante.

Dentro do trabalho manual, temos as quebradeiras, os catadores, os carvoeiros e os artesãos. Dentro do trabalho industrial, entrevistamos os administradores de empresa, os técnicos das mais diversas etapas da atividade industrial, além dos coletadores (motoristas dos caminhões).

Foram selecionados informantes de ambos os sexos, com escolaridade variada, desde pessoas não alfabetizadas até pessoas que concluíram o curso superior, visto que as alternativas de processo e a implementação do próprio produto por empresas e associações permitem que se tenham pessoas em diferentes graus de escolaridade envolvidas no beneficiamento de tal produto.

O quadro demonstrativo abaixo, permite observar a distribuição de cada informante, segundo a faixa etária, o grau de escolaridade, o sexo, a profissão, a função que desempenha, a quantidade de tempo que trabalha com o produto, e a localidade onde vive.

Quadro 4: caracterização dos informantes.

Localidade	N.º de informantes	Idade	Escolaridade	Sexo	Código do informante ⁸	Profissão	Função	Tempo de trabalho com o produto
Pedreiras	4	32	Superior	M	PE1	Economista	Gerente de vendas	12
		36	Mestre	F	PS2	Socióloga	Gerente	22
		28	Médio	F	PSE3	Secretária	repcionista	24
		38	Médio	M	PT4	Técnico em agropecuária	Técnico administrativo	35
Ludovico	6	20	Médio	F	LE1	Estudante	Professor	15
		54	Fundamental	F	LQ2	Quebradeira de coco	Vereador	45
		56	Fundamental	M	LAG3	Agricultor	Comerciante	48
		75	Analfabeta	F	LQ4	Quebradeira de coco	Aposentada	70
		41	Fundamental	M	LQ5	Quebrador de coco	Gerente de produção da COPPALJ	37

⁸ Esta parte do quadro refere-se ao código a ser usado nas transcrições e no glossário e foi feito, considerando os seguintes aspectos: 1ª letra refere-se à localidade, 2ª, a profissão; 3ª, o número de ordem em que aparece por localidade. Por exemplo: PE1, P-Pedreiras, E-economista, 1-primeiro informante desta localidade pelo quadro.

		43	Fundamental	M	LAG6	Agricultor	Gerente de comercialização	38
Santa Zita	6	18	Médio	M	ST1	Técnico em agropecuária	Professor	15
		50	Médio	M	SQ2	Quebrador de coco	Quitandeiro	46
		48	Fundamental	F	SQ3	Quebradeira de coco	Quebradeira de coco	42
		38	Fundamental	F	SQ4	Quebradeira de coco	Quebradeira de coco	34
		74	Analfabeta	F	SQ5	Quebradeira de coco	aposentada	63
		22	Médio	F	SE6	Estudante	Professor	18
Ciríaco	6	48	Mestre	M	CB1	Biólogo	Gerente	40
		55	Analfabeta	F	CQ2	Quebradeira de coco CQ2	Quebradeira de coco	50
		46	Analfabeta	F	CQ3	Quebradeira de coco	Quebradeira de coco	40
		63	Fundamental	F	CQ4	Quebradeira de coco	Coordenadora regional	60
		42	Médio	F	CQ5	Quebradeira de coco	Quebradeira de coco	40
		48	Superior	M	CA6	Administrador de empresa	Fiscal do IBAMA	43
Petrolina	4	68	Analfabeto	M	PEAG1	Agricultor	Aposentado	64
		65	Analfabeta	F	PEQ2	Quebradeira de coco	Aposentada	60
		45	Fundamental	F	PEQ3	Quebradeira de coco	Presidente da AMP	38
		59	Fundamental	F	PEAR4	Artesã	Professora	53
Coquelândia	4	45	Superior	F	COP1	Pedagoga	Agente administrativa no MIQCB	40
		53	Fundamental	F	COQ2	Quebradeira de coco	Presidente da associação	50
		52	Analfabeta	F	COQ3	Quebradeira de coco	Quebradeira de coco	48
		63	Fundamental	F	COQ4	Quebradeira de coco	Quebradeira de coco	53
Tocantinópolis	6	26	Médio	M	TT1	Técnico em agropecuária	Supervisor de custos	22

		60	Doutor em Engenharia de Produção	M	TEN2	Engenheiro de produção	Gerente administrativo	12
		48	Fundamental	M	TM3	Motorista	Motorista	20
		48	Mestre	M	TEN4	Engenheiro mecânico	Engenheiro	18
		52	Analfabeto	M	TAG5	Agricultor	Carvoeiro	49
		74	Superior	M	TA6	Administrador	Gerente geral	34
Buriti do Tocantins	4	18	Médio	F	BE1	Estudante	Artesã	13
		26	Médio	F	BE2	Estudante	Professora	20
		64	Fundamental	F	BQ3	Quebradeira de coco	Presidente da associação ASMUBIP	60
		38	Fundamental	M	BAG4	Agricultor	Comerciante	34
São Miguel	4	65	Fundamental	F	SQ1	Quebradeira de coco	Coordenadora regional da associação	61
		68	Analfabeto	M	SAG2	Agricultor	Aposentado	66
		54	Médio	F	SQ3	Quebradeira de coco	Representante regional do MIQCB	51
		56	Médio	F	SQ4	Quebradeira de coco	Quebradeira de coco	51

Como podemos observar no quadro, em Pedreiras-MA, teremos 4 informantes, todos ligados à ASSEMA. No Povoado do Ludovico, teremos 6 informantes, associados à COPPALJ. Em Santa Zita, entrevistamos 6 pessoas, ligadas à COPPALJ. No Povoado de Petrolina, entrevistamos 4 pessoas da comunidade, ligadas à AMP (Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Petrolina). No Ciríaco, entrevistamos 6 pessoas, 2 ligadas ao IBAMA, 4 associadas ao MIQCB. Em Coquelândia, temos 4 informantes, sendo 3 da própria comunidade e 1 representante do MIQCB. Em Tocantinópolis, entrevistamos 6 pessoas, 5 das quais trabalham na TOBASA e 1 trabalha com o carvão do babaçu. Em Buriti do Tocantins, entrevistamos 4 pessoas, 3 destas ligadas ao movimento de mulheres trabalhadoras e 1 catador para a TOBASA. Em São Miguel, entrevistamos 4 engajadas nos movimentos sociais ligados ao grupo de mulheres trabalhadoras rurais.

Quanto à faixa etária, a quantidade de pessoas entre 18 e 26 anos, considerados como jovens é um número bem reduzido, conseguimos apenas 6 informantes nesta faixa

etária e, pela formação com o babaçu consideramos de representatividade na pesquisa, pois a politização e o envolvimento com sindicatos e associações costumam trazer para a linguagem muita semelhança no que concerne ao uso de termos. Destes jovens, 4 são professores, os quais estando com essa função, como dizem nas entrevistas, pretendem trabalhar para fixar as gerações futuras na terra e buscar a valorização para quem trabalha no babaçu. Dos outros dois, um é artesão e representa um grupo de jovens artesões da cidade de Buriti do Tocantins, que faz artesanato a partir do babaçu e das sementes oriundas da região; e o outro é supervisor de custos na TOBASA. Praticamente todos esses jovens nasceram, conviveram e convivem com a realidade da agroextrativismo do coco babaçu, tendo, portanto, incorporado a linguagem inerente ao universo discursivo de tal produto. A nossa pretensão é observar tanto o trabalho artesanal como o industrializado, este grupo corresponde ao que pretendemos. Os demais informantes são considerados adultos com mais de 28 anos, há também pessoas idosas com mais de 60 anos, que para nossa pesquisa, é de representatividade por poder dar-nos uma visão se houve ou se há alguma variação em decorrência da idade.

Quanto ao sexo, temos 26 mulheres e 18 homens, visto que como já expomos anteriormente, por questões históricas e culturais a presença da mulher com o babaçu é mais comum, os homens que aparecem na pesquisa são raramente encontrados no campo, na quebra do coco, como motorista, ou nas técnicas. Sua presença ocorre em funções mais administrativas ou no carvão.

Quanto à escolaridade, como vemos no quadro, há uma diversidade que vai do analfabeto ao doutor. Esse fato ocorre por ser o babaçu, um produto que tem despertado interesse às mais diversas categorias de profissionais, e que aparece como possibilidade de emprego em setores diversos. As associações e cooperativas aglomeram pessoas com formação diversa e, muitas vezes, estimulam o crescimento dos envolvidos. Além disso, o babaçu e os fatos históricos, culturais, antropológicos, ecológicos, econômicos e até bioenergéticos têm suscitado pesquisas acadêmicas, que irremediavelmente culminam uma formação de mestres e doutores e, que se oportunidade tiverem, continuarão trabalhando com o produto. Temos na nossa pesquisa, 9 analfabetos, sendo 5 aposentados, 3 quebradeiras de coco e 1 carvoeiro, destes, 3 são agricultores e 6 são quebradeiras de coco. Entre os analfabetos, 5 têm acima de 60 anos e 4 estão entre 46 e 58 anos. Dos entrevistados, 14 têm o ensino fundamental, sendo 1 vereadora, 3 comerciantes, 3 quebradeiras de coco, 2 coordenadores regionais das associações, 3 presidentes das associações, 1 professora, 1

motorista. Com ensino médio, temos 13 entrevistados, sendo 1 recepcionista, 1 técnico administrativo, 4 professores, 1 gerente de produção, 1 quitandeiro, 2 quebradeiras de coco, 1 supervisor de custos, 1 artesão, 1 representante regional do MIQCB. Com curso superior temos 4, sendo 1 economista, 1 fiscal do IBAMA, 1 agente administrativo do MIQCB, 1 gerente geral da TOBASA. Temos 3 mestres, sendo 1 gerente de vendas, 1 gerente do IBAMA, 1 engenheiro. Há ainda um doutor, gerente administrativo. Todo esse misto de profissionais nos dá um panorama da linguagem do babaçu, percebendo as variações que ocorrem dentro desse universo discursivo. A fala de cada um possibilita percebermos essa variação, visto que cada termo que aparece é relevante para a pesquisa.

4.1.4 CARACTERIZAÇÃO DO MATERIAL ESCRITO

Os textos retirados pela internet terão como identificador a letra A

Texto 1A- *Coordenação no sag do babaçu: exploração racional possível?* Disponível no site: www.pensaconference.org/arquivos_2001/40.pdf acesso em 25 de julho de 2007

Texto 2A –Estudo propositivo território Bico do Papagaio

Disponível no site: http://209.85.165.104/search?q=cache:PWTVnFSABAcJ:serv-sdt-1.mda.gov.br/gnc/gnc/ep/estudos/TO_BicodoPapagaio.pdf+%27%27bico+do+papagaio-+estudo+propositivo%27%27&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br&client=firefox-a acesso em 18 de agosto de 2006

Texto 3A- *Biomassa de babaçu pode ser alternativa regional de energia*

Disponível no site: www.fem.unicamp.br/~mtexeira acesso em 17 de abril de 2007

Texto 4A- Produtos folha da árvore

Disponível no site: <file:///D:/tese%20baba%C3%A7u/Nossos%20Produtos%20-%20Folha%20da%20%C3%81rvore%20Ltda.htm> acesso em 19 de agosto de 2006

Texto 5A- Biomassa de babaçu é alternativa energética.

Disponível no site: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/marco2003/ju205pg10a.html. acesso em 18 de janeiro de 2008

Os textos retirados de obras impressas terão como identificador a letra B

Texto 1B- *Economia do babaçu: levantamento preliminar dos dados.*

Texto 2B- *Guerra ecológica nos babaçuais: o processo de devastação dos palmeirais, a elevação do preço de commodities e o aquecimento do mercado de terras na Amazônia.*

Texto 3B- Nova Cartografia Social da Amazônia. Vol. 2

Texto 4B- Nova Cartografia Social da Amazônia. Vol. 3

Texto 5B- Nova Cartografia Social da Amazônia. Vol. 4

Texto 6B- Nova Cartografia Social da Amazônia. Vol. 6

Texto 7B- Minha terra tem palmeiras e gente de muita fibra.

Texto 8B- Boletim Biobor TOBASA

Texto 9B- Principais realizações da TOBASA

Texto 10B-FIGUEIREDO, Dias Luciene. **Dissertação de Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável** (DISSERTAÇÃO DE MESTRADO). Belém: UFPA.2005.

Texto11B- ASSEMA- Embalagem da farinha de babaçu Bionutri

As cantigas produzidas pelas quebradeiras serão identificadas pela letra C e se encontram no anexo

1C- Coqueiro que coco dá.

2C- Derrubar palmeira não.

3C- Ave Maria das quebradeiras.

4C- Cantiga

5C- Cantiga popular

6C- Cantiga

7C- Xote das quebradeiras

8C- Sinhá dos cocais

9C- Oh! Mulher, te chamo

10C- Nossa canção, nossa história

O *corpus* escrito foi constituído a partir de documentos produzidos pela EMBRAPA, MIQCB, ASSEMA, IBAMA, TOBASA e as obras produzidas por antropólogos, sociólogos, ecologistas, engenheiros e economistas sobre o assunto, os quais constam de descrição sobre os processos de beneficiamento do coco babaçu. Foram selecionados termos que descrevem e nomeiam processos e produtos referentes ao coco babaçu. Após a seleção dos termos, observamos a que categoria gramatical pertence cada termo, o estatuto lexical do termo, que define a coesão interna do termo e se o sentido geral termo permite reconhecê-lo como unidade terminológica deste universo discursivo.

4.1.5 LEVANTAMENTO DO *CORPUS* FALADO

O levantamento do *corpus* falado constou de três etapas. Inicialmente, foram feitas visitas às associações, empresas e comunidades para observarmos como ocorrem os processos que envolvem o extrativismo, o beneficiamento e a comercialização do coco babaçu. Para tanto, conversamos com os mais diversos segmentos envolvidos no processo.

Num segundo momento, trabalhamos com roteiros para entrevistas e aplicamos os primeiros questionários, através dos quais pretendemos levantar e mapear termos inerentes ao processo, fazendo a divisão por campo conceitual.

Após o levantamento dos termos, passamos ao levantamento dos conceitos. Nessa oportunidade, foi aplicado um novo questionário, por meio do qual os informantes são induzidos a conceituar os termos já catalogados e por eles mencionados anteriormente, para

termos a garantia do significado do termo dentro desse universo. Também nesse momento, contamos com as entrevistas realizadas pelo projeto financiado pelo CNPq **Visões de gênero na utilização dos recursos ambientais na Amazônia: uma ponte entre Acre e Tocantins** (1964/2006), coordenado pelo Prof. Dr. MARCOS FÁBIO FREIRE MONTYSUMA, da UFSC, nas quais podemos constatar o conceito de termos já levantados. Para tais entrevistas utilizamos o seguinte código MMCNPq, acrescido dos seguintes códigos por informante:

Quadro 5: informante da pesquisa **Visões de gênero na utilização dos recursos ambientais na Amazônia: uma ponte entre Acre e Tocantins** (1964/2006), coordenado pelo Prof. Dr. MARCOS FÁBIO FREIRE MONTYSUMA, da UFSC do CNPq.

INFORMANTE	CÓDIGO
D. Emília	1
D. Belízia	2
D. Raimunda	3
D. Raimunda Nonata	4
D. Luzenildes	5
D. Eliza	6
D. Esperidiana	7
D. Eunice	8
D. Luzia	9
D. Nelsa	10
D. Osmarina	11
D. Querubina	12
D. Tonilda	13
D. Eunice	14

4.1.6 LEVANTAMENTO DOS DADOS

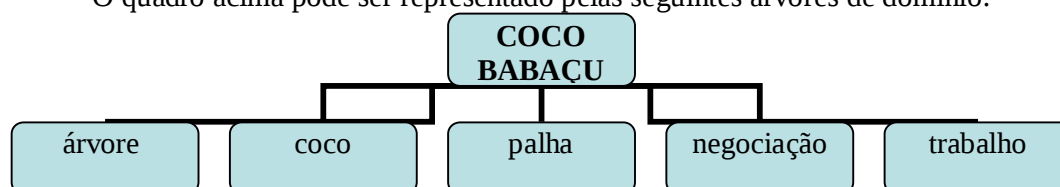
Após a organização do *corpus*, passamos ao levantamento dos dados que foi realizado também em 3 (três) etapas: transcrição ortográfica, levantamento dos termos característicos da árvore, do coco, da palha, da negociação e do trabalho, pertinentes ao universo discursivo do babaçu, que possui vários subdomínios, entre os quais destacamos processos, produtos e utensílios. Como podemos ver no quadro a seguir, através do qual

podemos também visualizar o número de termos coletados por campos conceituais e subcampos:

Quadro 6: Campos conceituais e subcampos

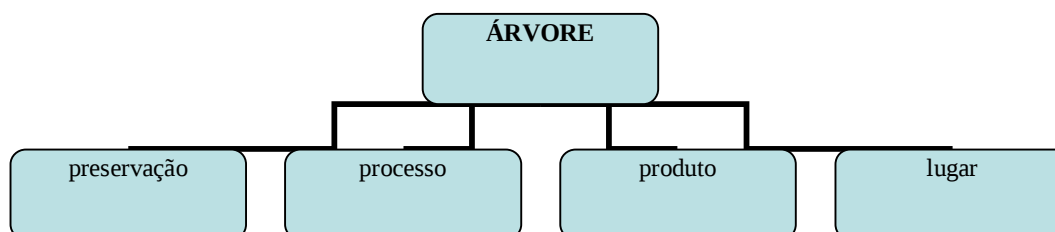
	ÁRVORE	COCO	PALHA	NEGOCIAÇÃO	TRABALHO	TOTAL
PRESERVAÇÃO	08 termos	-	-	-	-	08 termos
PROCESSO	03 termos	14 termos	01 termo	05 termos	05 termos	28 termos
PRODUTO	10 termos	31 termos	13 termos	-	-	54 termos
UTENSILIO	-	23 termos	01 termo	-	03 termos	27 termos
LUGAR	04 termos	01 termo	-	06 termos	-	11 termos
MEDIDA	-	01 termo	-	04 termos	-	05 termos
LEGISLAÇÃO	-		-	16 termos	07 termos	23 termos
ENVOLVIDO	-	05 termos	-	09 termos	12 termos	26 termos
TOTAL DE TERMO POR CAMPO	25 termos	75 termos	15 termos	40 termos	27 termos	182 termos

O quadro acima pode ser representado pelas seguintes árvores de domínio:

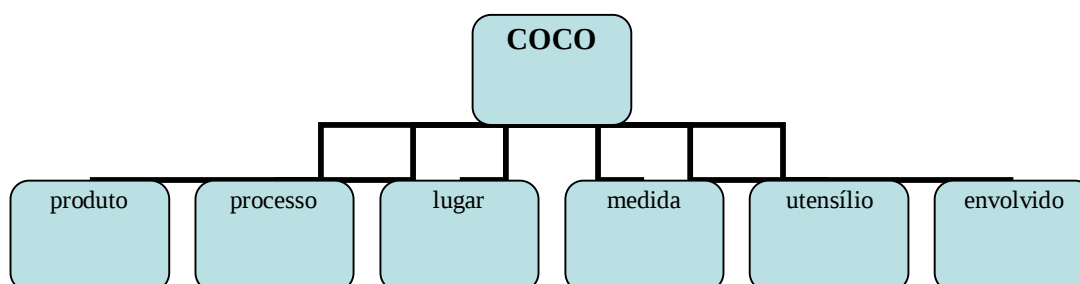


Cada campo conceitual tem subcampos como ilustramos nas árvores de domínio:

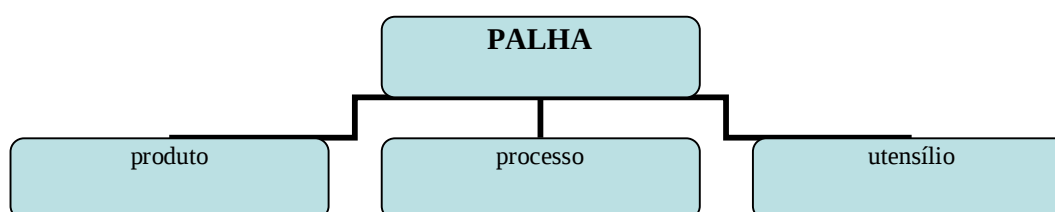
No campo ÁRVORE, temos os seguintes subcampos:



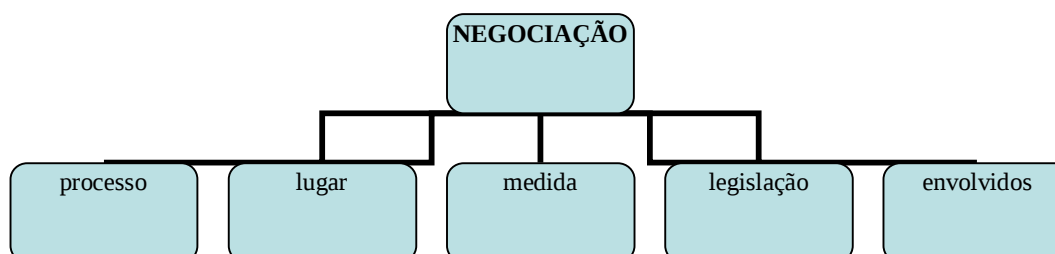
No campo COCO, aparecem os seguintes subcampos:



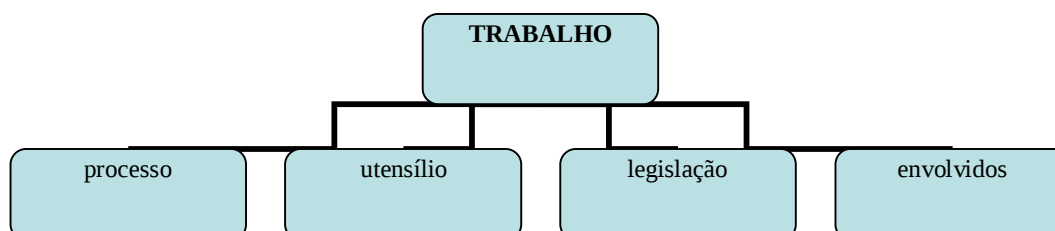
No campo PALHA, temos os seguintes subcampos:



No campo NEGOCIAÇÃO, os subcampos são os seguintes



No campo TRABALHO, temos os seguintes subcampos:



Após estabelecidos os campos conceituais e seus respectivos subcampos, procedemos ao preenchimento das fichas terminológicas.

4.1.7 INSTRUMENTO PARA PESQUISA DE CAMPO

- Ficha da localidade (anexo 3)- por meio desta foram levantados dados sobre o lugar onde a pesquisa foi realizada;
- Ficha de informantes (anexo 1)- visa identificar os dados pessoais dos informantes;
- Ficha da Empresa ou associação (anexo 2)- através desta, foram catalogadas as informações sobre a empresa ou associação pesquisada;
- Ficha terminológica (anexo 4)- através da qual temos toda a caracterização do termo relacionado ao coco babaçu;
- Questionário geral para técnicos dos trabalhos industrializado e manual (anexo 5)- por meio deste, além de conhecermos mais sobre o babaçu, tivemos a oportunidade de catalogarmos os termos inerentes a este universo discursivo.

4.1.8 QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS: DESCRIÇÃO E TRATAMENTO

Após conhecimento da área tanto através da leitura de bibliografias da área e pesquisa na internet, como a pesquisa exploratória, procedemos à elaboração dos questionários que serviram de roteiro para as entrevistas, em todos os processos e para os diversos sujeitos envolvidos no processo.

Nos questionários, foram elaboradas perguntas generalizantes e outras mais específicas direcionadas às quebradeiras, catadores, gerentes, presidentes de associações e movimentos sociais, motoristas e demais envolvidos descritos no quadro 4, com o objetivo de termos uma proximidade maior com a terminologia do babaçu e com as informações gerais e enciclopédicas inerentes a tal universo discursivo. As entrevistas realizadas nos permitem visualizar tanto os termos usados no extrativismo manual como no extrativismo mecânico, tanto as pessoas envolvidas no Maranhão como no Tocantins.

A partir dos questionários elaborados, outras perguntas foram elaboradas, visto que as entrevistas ocorreram em forma de conversa informal, pois a conversa fluiu. Quando dissemos aos informantes os nossos objetivos, a reação imediata foi de prestar todos os esclarecimentos para que nosso trabalho obtivesse sucesso.

As entrevistas foram realizadas por meio de um gravador de fita k7, da marca Sony. A gravação da fala dos informantes foi feita na íntegra, bem como as respectivas

transcrições. Para informar as fontes das transcrições recorreremos ao uso de códigos para os informantes, constantes nos quadros 4 e 5.

No que concerne aos textos escritos, utilizamos o *scanner* para digitalizar os textos. Após esse primeiro tratamento dos dados, catalogamos os termos manualmente, seguindo os critérios mencionados em 4.2.3.

4.1.9 REGISTRO DOS DADOS: PREENCHIMENTO DAS FICHAS

Dentre as fichas e questionários que foram preenchidos, merece destaque a ficha terminológica, na qual registramos dados relevantes e pertinentes a cada unidade terminológica. O seu preenchimento abre a possibilidade de organizar as informações obtidas tanto na pesquisa documental como na pesquisa de campo. A aludida ficha encontra-se assim discriminada:

Em 1º lugar, apresenta um **código**, que indica o número identificador de cada termo, que é colocado de acordo com a ordem alfabética dos termos levantados. O código é gerado tomando como referência os seguintes dados: a primeira letra do nome do domínio de aplicação do termo, por exemplo, “agronomia”-A, seguido da letra do campo “coco” -C, depois do subampo “produto”-PD e numeração de ordem em que foi catalogado o termo. O código é, portanto, escrito com letras maiúscula e em negrito ;

O 2º espaço da ficha é o **termo-entrada**, trata-se do termo registrado como pertencente ao domínio do babaçu, podendo apresentar-se como uma ou mais palavras, siglas, abreviaturas, símbolos. O termo-entrada se apresenta da seguinte forma: escrita em negrito, iniciando com letra maiúscula; separada do corpo do enunciado terminográfico por dois pontos e com forma lematizada; o nome apresenta-se no masculino singular e o verbo no infinitivo;

O 3º espaço trata-se das **referências gramaticais**. Estas informam a classe lexical, o gênero e o número do termo;

O 4º espaço da ficha é direcionado à **área de aplicação do termo**. Neste, temos a indicação do campo ou ao domínio a que pertence inicialmente o termo. Utilizamos o étimo do termo para indicar a sua utilização mais remota. Nesta etapa, utilizamos dicionários etimológicos, além dos dicionários eletrônicos Aurélio e Houaiss;

O 5º espaço da ficha contém a **indicação de dicionarização e suas acepções dicionarizadas**. É a parte da ficha que permite observar o registro dos termos em obras lexicográficas. Fizemos opção por consultar os Dicionários Eletrônicos Aurélio e o Dicionário Eletrônico Houaiss. Em caso de dicionarização, informamos se a acepção é equivalente ao uso neste domínio, se é diferente ou complementar;

No 6º espaço da ficha, temos o **campo conceitual**, o qual contém a informação a que domínio ou área dentro universo do babaçu pertence o termo, em conformidade com as árvores de domínio descritas no item 4.1.6;

No 7º espaço temos o **registro das variantes**: Regionais, socioprofissionais, gráficas, morfossintáticas e fonéticas, diastráticas, diatécnicas e diatópicas;

O 8º espaço é dedicado aos **conceitos dos informantes para o termo**. Nesta etapa são catalogados os conceitos relevantes dados pelos informantes ou pela fonte escrita. Faz parte também deste espaço o **código da ficha do informante**. Esta informação visa identificar e confirmar a pertinência do termo ao universo do babaçu, pois o envolvimento do informante com esse universo o faz conhecer a terminologia utilizada;

O 9º espaço é dedicado à **definição final**. Após os conceitos dos informantes serem analisados, redigimos a definição final para o termo;

O 10º espaço da ficha é o **contexto (+ fonte)**. Neste, fazemos a transcrição da ocorrência do termo, que deve estar entre aspas (‘ ’), seguida das indicações da fonte bibliográfica (autor, ano de publicação e página), no caso do *corpus* escrito e a indicação do informante no caso do *corpus* oral, por meio de códigos mencionados nos quadros 4 e 5;

O 11º espaço da ficha é dedicado às **remissivas**, através destas observamos as relações de significação entre o termo-entrada e outros termos do mesmo campo semântico;

O 12º espaço é relativo às **notas lingüísticas e enciclopédicas**. Nestas estão contidas informações mais gerais sobre o termo entrada, na perspectiva lingüística, podemos ter informações léxico-semânticas, morfossintáticas, ou pragmático-discursivas; na perspectiva enciclopédica temos informações não lingüísticas sobre o termo-entrada. Trata-se de informações ainda não contempladas na ficha e consideradas importantes;

O 13º espaço da ficha é dedicado ao responsável pelo preenchimento da ficha, possivelmente o **pesquisador**. Este espaço contém o nome de quem preencheu a ficha;

O último espaço da ficha é dedicado à **data do primeiro registro e da última atualização da ficha**. Nesta etapa, temos o acompanhamento de quando a ficha foi alterada, aparece, portanto, a data em que a ficha foi preenchida pela primeira vez e as datas das revisões e re-elaborações.

Elencamos esses dados para a elaboração da ficha terminológica, há, no entanto, outras possibilidades de elaboração. Porém consideramos que esta contempla as necessidades sugeridas pela pesquisa até o presente momento. Como podemos ver na ficha preenchida abaixo.

FICHA PREENCHIDA

ANEXO 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PPGL

LINHA DE PESQUISA: Descrição e Análise Lingüística

PESQUISA: Uma palmeira em muitos termos: terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu.

PESQUISADORA: Josete Marinho de Lucena

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão

FICHA TERMINOLÓGICA

CÓDIGO: MCPD141

1. Termo-entrada: gongo <i>Pachymerus nucleorum</i>					
2. Referências gramaticais: substantivo masculino					
3. Área de aplicação do termo: música					
4. Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas:					
DA – Dicionário Aurélio			DH – Dicionário Houaiss		
() TND	(X) TD	() AE	() TND	(X) TD	() AE
		(X) AD			(X) AD
		() AC			() AC
5. Campo conceitual: () Palha (X) Coco () Negociação () Trabalho () Árvore					
6. Variantes a. Regionais: bigongo b. Socioprofissionais: bicho do coco c. Fonéticas: d. Gráficas:					
7. Conceitos dos informantes:					
Cód.do Inf.: LQ5	Conceito 1: porque ela planta, o babaçu é uma planta que é fácil de nascer, porque às				

	vezes ele tem quatro vagem num coco, muita das vezes cria um “gongo”, né, besouro chamado que escurece e cresce, que chama gongo, às vezes ele não destrói tudo, às vezes sai um, mas tem coco que também num sai, num nasce também, porque ele come, quando dá gongo, mas se lá nós deixar aquele coco lá e nós num apanhar de lá a palmeira num nasce
Cód. do Inf.: TT1	Conceito 2: Um “gongo”... ele é só óleo, ele vira óleo lá.
Cód. do Inf.: MMCNPQ Raimunda Nonato	Conceito 3: O “gongo” é tipo uma larvazinha que ela entra na massa, uma lagartinha, que vara o coco, vara aquela massa. Vara o osso do coco, ele come a amêndoa. Aí ele é um negocinho assim curvadinho. ele vira óleo. a gente torra e come. Ele dá até sabão
Cód. do Inf.:	Conceito n:
8. Definição final: espécie de larva que se alimenta da amêndoa e logo após ocupa o seu lugar. É considerado o bicho-do-coco, porém no caso do babaçu é aproveitado, assim como a amêndoa, para fazer o óleo, ou seja, sua presença no coco não se constitui impedimento para que o óleo seja feito. É muito comum as famílias das quebradeiras comerem o gongo frito.	
9. Contexto de atualização (+ fonte): a gente come o “gongo” frito... é bom demais (CQ5)	
10. Remissivas: Ver Cf.	
11. Notas:	
Linguística: de origem malaia, representa uma onomatopéia. Séc. XIX.	
Enciclopédica:	
12. Data do 1º registro e da última atualização da Ficha: 08/12/2005- 06/07/2007- 07/12/2007	

Legenda: TD= Termo dicionarizado
TND= Termo não dicionarizado
AE= acepção equivalente
AD= acepção diferente
AC= acepção complementar

4.2. PROCEDIMENTOS PARA A ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO.

O trabalho apresenta-se estruturado com base em dois pontos: a organização de um glossário composto dos termos da Terminologia do babaçu (expressão adotada por nós para fazermos referência à terminologia em questão), baseada nas orientações teórico-metodológicas da Socioterminologia, e considerações sobre as características linguísticas dos termos do glossário. Com base nas contribuições teórico-metodológicas da Terminologia,

ciência interdisciplinar, relacionada com a lógica, ontologia, lingüística, lexicologia e atualmente em estreita conexão com a informática.

A obra confeccionada a partir de nossas pesquisas caracteriza-se em linhas gerais como um glossário da área de especialidade.

4.2.1 CARACTERÍSTICAS DO GLOSSÁRIO

Como mencionamos anteriormente, a obra que ora se instaura trata-se de um glossário, seguindo a perspectiva de Haensch (1982, p. 106), enquanto repertório de palavras ou termos técnicos, sem pretender ser exaustivo e a seleção dos termos ou das palavras acontece mais ou menos por escolha. Além desta característica o glossário a que nos propomos apresenta as seguintes características:

a) público-alvo: é destinado aos estudiosos do coco babaçu, geralmente economistas, antropólogos, sociólogos, engenheiros, quebradeiras de coco, catadores, carvoeiro, terminólogos, lingüistas e a sociedade em geral;

b) informações veiculadas pelos verbetes: a princípio, as informações constituintes de cada verbete têm natureza eminentemente lingüística, porém podem aparecer como nota explicativa informações enciclopédicas;

c) o número de línguas: o trabalho é essencialmente monolíngüe, em Língua Portuguesa, variante brasileira;

d) percurso metodológico da pesquisa terminológica: utilizamos o percurso semasiológico, partindo do termo para chegar ao conceito;

e) quantidade de unidades lexicais levantadas: não se trata de um glossário extensivo, visto que objetiva levantar unidades terminológicas que representem o repertório da terminologia do babaçu, mesmo que tenha aparecido apenas uma vez na pesquisas. Nessa perspectiva foi considerada a relevância do termo, não a sua frequência. Trata-se, portanto, de um glossário restrito e seletivo;

f) a cadeia interpretante: o repertório conta com termos específicos do domínio do babaçu especificamente, de outros domínios e do domínio geral, usados em larga escala nesta área de especialidade, portanto, consideramos que o glossário tem um sistema aberto, contando em grande escala com o movimento sógnico e criações neológicas;

g) a ordem das entradas na macroestrutura: é alfabético e sistemático, pois apesar da metodologia da elaboração do glossário estar baseada em um sistema conceitual, utilizamos a ordem alfabética para facilitar a busca do termo, sobretudo, pelo não especialista da área.

Pelas características ora expostas ratificamos a noção de glossário terminológico de Faulstich (1995, p. 283).

4.2.2 DELIMITAÇÃO DO REPERTÓRIO DO GLOSSÁRIO.

O repertório do glossário está constituído de unidades terminológicas diversas: substantivos, verbos, adjetivos, sintagmas terminológicos, siglas e acrônimos. Foram selecionados tanto termos populares como científicos, que foram identificados como pertinentes à área em estudo e encontrados nos discursos dos informantes e nos documentos escritos na área.

4.2.3 CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DOS TERMOS DO GLOSSÁRIO.

A entrada de termos no glossário aconteceu a partir dos seguintes critérios:

- a. Termos que denominam ações, operações, tarefas, máquinas, objetos, instrumentos e produtos relacionados ao coco de babaçu;
- b. Termos que complementam conceitos ou noções do citado domínio discursivo;
- c. Termos que caracterizam a palha, o coco, a árvore, a negociação e o trabalho e que tenham um grau mínimo de ocorrência no discurso dos informantes e/ou nos documentos escritos;
- d. Termos que caracterizam o universo sociocultural dos envolvidos em atividades relacionadas ao coco babaçu;
- e. Termos da língua comum com conceito específico na área;
- f. Termos dicionarizados ou não;

Salientamos ainda a necessidade de registrar termos que, mesmo com uma baixa frequência, seja específico do babaçu, visto que consideramos uma área de especialidades e, portanto, não podemos perder dados pertinentes à pesquisa.

4.2.4 ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO

Para a organização interna do glossário, consideramos os três componentes estruturais: a macroestrutura, a microestrutura e o sistema de remissivas.

A macroestrutura trata-se da organização interna de uma obra lexicográfica ou terminográfica e diz respeito às características gerais do repertório.

a) Divisão do Glossário

O glossário constitui não apenas a parte prática da pesquisa, mas, sobretudo, o conteúdo mais significativo do trabalho, sobre o qual durante a pesquisa e a própria escrita versa durante todo o percurso. O glossário propriamente dito encontra-se estruturado da seguinte forma:

1. **A introdução** é um texto básico, no qual o leitor encontra as características da obra; os critérios adotados na elaboração; o público-alvo; os objetivos que pretende alcançar; as informações fundamentais sobre a área de especialidades a que se refere a obra terminográfica;
2. **as abreviaturas, símbolos e outros elementos importantes** utilizados no percurso da obra, para facilitar a compreensão de dados constitutivos do repertório;
3. **a constituição da nomenclatura e apresentação dos verbetes** é feita a partir da sistematização da entrada do verbete no repertório;
4. **o glossário propriamente dito** é onde estão listados os verbetes com as devidas informações que lhe são peculiares, sobre os quais iremos especificar na microestrutura;
5. **índice remissivo sistemático organizado a partir dos campos conceituais**: o índice remissivo auxilia a esclarecer as relações conceituais entre os termos que compõem o repertório da obra, complementando as informações já obtidas pela ordem alfabética. Em caso de termos com ocorrência em mais de um campo, sua entrada no índice remissivo ocorre em todos os campos em que forem atualizados.

b) Critérios para a Organização dos Termos na Macroestrutura

Os termos serão distribuídos nos cinco campos conceituais: coco, palha, negociação, trabalho e árvore, tendo assim sua distribuição na macroestrutura de forma semi-sistemática e

em ordem alfabética dentro de cada campo. A grafia dos termos obedecerá às regras ortográficas do português, variante brasileira.

Cada termo terá entrada apenas uma entrada, conforme os trabalhos terminográficos que, em sua maioria, colocam os polissêmicos com uma entrada apenas, o que também ocorre com os homônimos, sinônimos, as variantes terminológicas (variantes fonéticas, morfossintáticas, lexicais e gráficas) e as variantes socioterminológicas (variantes regionais e socioprofissionais), os neologismos, empréstimos, entre outros.

A microestrutura é a organização dos dados que cada verbete contém.

Em linhas gerais, utilizaremos a fórmula básica do verbete proposta por Faulstich (1995, p.287), com algumas adaptações, como podemos ver abaixo:

VERBETE=	+TERMO-ENTRADA	+REFERÊNCIAS	GRAMATICAI
	+DEFINIÇÃO	±VARIANTE(S)	+CONTEXTO
	±REMISSIVA(S)	±NOTAS	+FONTE

Compreendendo a fórmula acima, dizemos que o verbete é a menor unidade autônoma de uma obra lexicográfica ou terminográfica. O termo-entrada é cada termo inscrito na obra, que se encontra respeitando a ordem alfabética no vocabulário. As referências gramaticais situam a unidade terminológica dentro de uma classificação lexical, o que é complementado pela definição do gênero a que pertence o termo. A definição é a descrição semântico-conceitual do termo e é feita a partir de conceitos dos usuários. A(s) variante(s) entra(m) como sinônimo(s) ou parassinônimo do termo em evidência. O contexto demarca a ocorrência do termo em situação de fala ou na escrita. Ao lado do contexto temos a fonte, ou seja, a informação de quem utilizou o termo e em que situação. As remissivas dizem respeito a termos já catalogados no glossário e que fazem referência ao termo em questão. Finalmente as notas lingüísticas e enciclopédicas trazem mais informações para esclarecimento do público-alvo sobre o termo.

Como já foi mencionado anteriormente, os verbetes estão compilados no glossário em ordem alfabética, com os termos-entrada em negrito. Os elementos do verbete que estão introduzidos na fórmula pelo sinal de somar (+) aparecem obrigatoriamente em todos os

verbetes, já os elementos que apresentam o sinal mais ou menos ($\pm$) podem ou não estar no verbete, dependendo da natureza do mesmo.

A organização dos verbetes acontece de acordo com as informações obtidas nas fichas usadas na pesquisa, sobretudo, na Ficha Terminológica (anexo 4).

Para cada verbete, utilizamos as seguintes informações: termo-entrada, referências gramaticais, gênero; área de aplicação; indicação de dicionarização ou não do termo; no caso dos termos dicionarizados; indicação ou não do campo ou subcampo do termo; variantes; definição; contexto de atualização e a respectiva fonte; e indicação remissiva do termo e finalmente as notas enciclopédicas e lingüísticas. Como podemos ilustrar pelo verbete abaixo:

amêndoa: *S.f.* (botânica; TDAC; coco) **BCPD10**

Var. fonológicas: almenda/ amenda/

Var socioprofissionais: castanha de babaçu/ bago/ bagem/vagem/ amêndoa/ caroço

Semente encontrada no interior do fruto do babaçu. Parte comestível do babaçu, de onde se extrai o óleo e o leite. Representa 6 a 7% do peso total do fruto.

“é *amêndoa* a que é fininha. Um baguinho fininho que nem a...” (CQ2)

Nota Lingüística: inicialmente *almendra*, séc. XV, do lat. *amygdāla*, derivada do gr. *amygdālē*.

Notas Enciclopédicas: Dentre os produtos não-madeireiros da extração vegetal que mais se destacaram, o **babaçu (amêndoa)** foi o principal, com uma participação de 19,4% no total da produção extrativista não-madeireira do país em 2005, que totalizou R\$ 508,6 milhões. Na sequência vieram **a piaçava (fibra)** com 17,6% de participação; o **açaí (fruto)**, com 16,4%; a **erva-mate**, 15,1%; a **carnaúba (pó cerífero)** e a **castanha-do-pará**, cada um com 9,2%.

A - Campos constituintes do verbete

Para melhor visualização de como está formado o verbete, demonstramos no quadro a seguir:

+ termo-entrada + referências gramaticais ($\pm$ domínio + dicionarização do termo e sua acepção dicionarizada + campo conceitual) + definição $\pm$ variante (S) + contexto + fonte $\pm$ remissivas $\pm$ notas

Apresentamos a seguir cada componente do verbete, indicando o procedimento adotado para chegarmos à redação de cada verbete, o que nos permite estabelecer homogeneidade ao glossário.

a) Termo-entrada

Trata-se do termo propriamente dito. Considerado por alguns estudiosos simplesmente como *entrada*, *endereço*, *vedete*, *termo-vedete*, essa unidade lingüística e, sobretudo, terminológica, recebe tratamento terminográfico, por isso na perspectiva gráfica vem escrito em negrito, começando sempre por letra maiúscula. A unidade vem separada do enunciado terminográfico por meio de dois pontos.

A entrada vem na forma lematizada: os verbos em sua forma infinitiva e os nomes no masculino, com exceção dos casos em que o feminino se constitua como traço semântico distintivo; e no singular, salvo nos casos de plural lexicalizado ou variação semântica.

O termo pode ser constituído de uma ou mais palavras, tornando-se termo complexo, que aparece como sintagma terminológico, ou ainda se constituir como uma sigla, acrônimo, abreviação. Estas últimas consideradas como reduções sintagmáticas, podem apresentar-se como sigla, ou seja, como a redução de um sintagma por meio de suas letras iniciais- e acrônimo- a redução de um sintagma sob forma de sílabas, geralmente as iniciais, pronunciadas como uma palavra autônoma. Os termos complexos (unidades fraseológicas) ou sintagmas terminológicos ou ainda, lexias complexas, são descritos da mesma forma como foram encontrados no discurso terminológico, inclusive no que se refere à dimensão e à ordem.

É considerado verbete principal o termo utilizado com mais freqüência no discurso dos informantes e na bibliografia especializada. As formas menos freqüentes destes termos, como sinônimos e variantes, são encontradas como remissivas.

b) referências gramaticais

As referências gramaticais dizem respeito às categorias lexicais (substantivo, adjetivo e verbo) gramatical (gênero e número) de um termo. Aparecem na microestrutura do glossário nas formas abreviadas, com letras em *itálico*, conforme as abreviaturas relacionadas abaixo:

Adj. – adjetivo/adjetival;

f. – feminino;

m. – masculino;

m./f. – masculino e/ou feminino;

nom. – nominal;

p. – plural;

s. – singular;

S. – substantivo;

S. / Adj. f. – substantivo ou adjetivo feminino;

S. / Adj. m. – substantivo ou adjetivo masculino;

V. – verbo.

Apresentam-se também como formas lexicalizadas os termos complexos, ora denominados sintagmas que são expressos no glossário pelas abreviações abaixo relacionadas e suas respectivas denominações:

Sin. term. nom. – sintagma terminológico nominal;

Sin. term. v. – sintagma terminológico verbal;

Aparecem ainda as reduções sintagmáticas, segundo o que consta na sequência abaixo:

Sig. – sigla

Acr. – acrônimo

Simb. – símbolo

c) domínio ou área de aplicação do termo

É a área do conhecimento específico na qual o termo foi usado inicialmente, como por exemplo, a botânica, a metrologia, a química, a física. A presença deste campo no glossário fornece uma possível dimensão de como as unidades lexicais, as unidades terminológicas propriamente ditas podem migrar de um domínio para outro, de uma área de especialidade para outra. Está relacionado ao étimo da palavra. O levantamento do étimo do termo foi feito no dicionário etimológico, de Antônio Geraldo da Cunha (1997) e no *Dicionário tocantinense de termos e expressões afins*, de Liberato Pova (1997), além dos dicionários eletrônicos Houaiss e Aurélio. O domínio encontra-se dentro do parêntese, juntamente com a indicação

de dicionarização e com o campo conceitual e ainda na codificação, representado pela primeira letra.

d) indicação de dicionarização dos termos e suas acepções dicionarizadas

Os termos e conceitos coletados são transcritos diretamente dos informantes ou do material impresso. Decidimos constatar a presença ou não dos termos em dois dicionários gerais: Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI e Dicionário Eletrônico Houaiss. A escolha destes dois dicionários ocorreu por estes apresentarem um cunho científico voltado para as áreas de especialidades.

A dicionarização ou não do termo é indicada por meio das siglas abaixo relacionadas. Os termos dicionarizados apresentam também a indicação se tem acepção equivalente em cada dicionário, ou se tem uma acepção complementar, ou ainda se aparece com uma acepção completamente diferente da que é usada no domínio do babaçu. Para identificarmos tais informações, utilizamos a seguinte legenda:

- TND: para termo não dicionarizado.

Em caso de termos dicionarizados, usamos as seguintes siglas:

- TDAE: indica que o termo é dicionarizado com acepção equivalente ao sentido dado pelos informantes. Esta equivalência pode ocorrer tanto no domínio do babaçu como em outro domínio de forma mais generalizada. Trata-se, portanto, de um termo que aparece no dicionário e tem equivalência ao seu uso no domínio do babaçu ou em qualquer outro domínio.

- TDAD: trata-se do termo dicionarizado com acepção diferente da que coletamos nos *corpora*.

- TDAC: é o termo dicionarizado com acepção complementar ao recolhido na pesquisa.

e) indicação do campo conceitual dos termos

A partir do conhecimento dos processos pelos quais passa o babaçu, fundamentamos nossa pesquisa em cinco campos conceituais, que se encontram definidos na microestrutura, após o levantamento dos termos. Os campos conceituais foram assim denominados:

1° Árvore (A): formado por termos que descrevem aspectos ligados a própria palmeira do babaçu ou sobre vegetações que tem uma relação direta com a preservação (PR), os processos (PRO), os produtos (PD) e os lugares (L) que têm pertinência com o babaçu.

2° Coco (C): neste campo estão repertoriados termos que determinam os processos (PRO), os produtos (PD), os utensílios (U), os lugares (L), a medida (M) e os envolvidos (E) no extrativismo do coco propriamente dito.

3° Palha (P): este campo conceitual é representado por termos que descrevem o processo (PRO) por que passa a palha, os produtos (PD) feitos a partir de matéria prima e os utensílios (U) usados no processo.

4° Negociação (N): o campo conceitual da negociação, é representado por termos que designam o processo (PRO), medida (M), lugar (L), legislação (LE) e envolvidos (E) que a negociação como o babaçu contempla.

5° Trabalho (T): no campo do trabalho há termos que representam o processo (PRO), utensílios (U), legislação (LE) e envolvidos (E) no trabalho com o babaçu.

Pode acontecer de um mesmo termo estar em campos conceituais diferentes ou mesmo em dois subcampos. Quando isso acontecer, os campos em que o termo aparece, são citados na microestrutura.

O índice remissivo traz os termos por campos conceituais. Portanto, os campos conceituais aparecem tanto na ordem alfabética como no índice remissivo.

f) Variante

Um mesmo termo pode apresentar-se de formas diferentes, constituindo-se como uma alternância do termo ou uma variante. Com base em Faulstich (1995, p.5), levamos em conta as seguintes variantes lingüísticas formais que são as mais comuns: variante morfossintática, variante fonética, variante gráfica.

Outros termos que também serão tratados como variantes são os empréstimos lingüísticos (variantes competitivas), as variantes sociolingüísticas, ou seja, as variantes de registro dos termos (variantes regionais, socioprofissionais) e as reduções sintagmáticas, tais como as siglas, os acrônimos, as abreviações.

Conforme os postulados da Teoria da Variação Terminológica, apresentados por Faulstich (1998, p. 10-12), consideramos os sinônimos como variantes co-ocorrentes. Sendo

termos menos freqüentes, os sinônimos são considerados como remissões dos diferentes significantes do termo mais freqüente e que têm entrada própria no glossário.

g) definição

Para a elaboração do vocabulário, achamos importante considerar alguns critérios na elaboração das definições:

- a) adequação ao público: optamos por definições, de preferência curtas e objetivas para facilitar o entendimento do usuário;
- b) pertinência das informações para o domínio em estudo: procuramos selecionar informações relativas à natureza do universo pesquisado, caracterizando o termo de acordo com a sua representatividade no contexto de atualização;
- c) redação da definição na forma afirmativa (sempre quando for possível);
- d) uniformidade sintático-semântico;

Os termos do glossário são definidos por meio do contexto social no qual se realizam.

As definições apresentam um termo genérico e os traços que particularizam o termo definido. Além disso, baseiam-se em contextos, preferencialmente, definitórios. Mas quando os conceitos dos informantes foram insuficientes, recorremos ao contexto do *corpus de referência* para uma melhor elaboração da definição final do termo.

Na elaboração das definições, sempre que possível, temos as mesmas características estruturais. Os termos são definidos por itens pertencentes à mesma classe do termo definido. Por exemplo, para a definição de um substantivo, um outro substantivo. Este procedimento resulta num padrão de definição coerente tanto morfossintático como semanticamente. Assim, as matrizes de definição são apresentadas a seguir:

a) para substantivos:

- termos que denominam operações: operação + descrição
- termos que denominam parte de alguma coisa: parte de ±descrição + funcionalidade
- termos com determinantes cuja base constitui termo-entrada: hiperônimo + descrição ±funcionalidade
- termos que denominam instrumentos: instrumento + descrição + funcionalidade

- termos que denominam conjuntos de elementos: conjunto/porção de + descrição ±funcionalidade
- termos que denominam máquinas: máquina + descrição + funcionalidade
- termos que denominam operários: operário + funcionalidade
- termos que denominam objetos e recipientes: objeto/ recipiente + descrição + funcionalidade
- termos que denominam espécie de alguma coisa: espécie de ±descrição + funcionalidade
- b) para os verbos
- verbo parassinônimo + descrição ±funcionalidade
- c) para os adjetivos
- Relativo a/ao + descrição ±funcionalidade
- Diz-se de + descrição + funcionalidade

h) contexto

É a ocorrência lingüística do termo em um enunciado no qual este termo se encontra atualizado, de forma não-lematizada, no âmbito de seu funcionamento conceitual e morfossintático.

Os diferentes tipos de contextos podem ser determinados pelo número e pelo tipo de descritores que são elementos reveladores de uma característica de um conceito em um contexto. Com base em Barros (2004, p.110-111), os tipos de contextos que adotamos em nossa pesquisa são:

- Contexto definatório: oferece informações claras sobre o conceito designado pelo termo estudado, apresentando um conjunto de traços conceituais que distingue este termo dos outros termos;
- Contexto explicativo: apresenta alguns dados conceituais específicos a respeito da natureza e de certos aspectos do termo pesquisado, tal como material, funcionamento e finalidade, mas sem defini-lo claramente. Mesmo não tendo definição precisa, este contexto oferece elementos importantes para o entendimento do conceito;
- Contexto associativo: veicula descritores suficientes apenas para determinar, através de associações, se o termo pertence a um domínio de aplicação ou a um grupo de termos, sem informar nada sobre sua natureza, funções e características específicas.

A transcrição em que o termo-ocorrência aparece, é apresentado entre aspas (‘ ‘’) e as indicações da fonte bibliográfica (autor, ano de publicação e página) remetem ao *corpus* escrito da pesquisa.

i) indicação de remissivas

Os termos remissivos são unidades lingüísticas que indicam informações das relações de significação mantidas entre o termo-entrada com outros termos.

Na microestrutura, a remissiva apresentará a seguinte forma:

- o verbete remissivo aparecerá no enunciado, em itálico.
- a remissiva conferir (Cf.): será para indicar a relação de antonímia, hiperonímia, hiponímia e conceito conexo.
- quando um termo é uma variante menos freqüente, ele não tem definição. Por isso, usamos a remissiva ver (V.). Isto significa que devemos consultar o termo mais freqüente definido anterior ou posteriormente.

j) notas explicativas

As notas explicativas têm como objetivo fazer referência às informações lingüísticas, às informações sócio-dicursivas ou às marcas de uso e às informações enciclopédicas importantes do termo, não previstas na definição.

As notas lingüísticas (**N.ling.**) fazem referência ao processo de formação e aos fenômenos lingüísticos ocorridos com esse termo, como por exemplo, os empréstimos.

As notas de marcas de uso (**N.m.uso**) são dados que informam sobre o valor de uso de cada unidade terminológica do ponto de vista socio-discursivo. Ou seja, elas indicam os aspectos temporal, geográfico, social, bem como apresentam indicações de níveis de discurso e de modalidade (oral/escrito). As marcas de uso mais comumente usadas são: nível de língua (gíria, forma popular, termo científico), freqüência (freqüente, raro, desusado), marca cronológica (obsoleto, neologismo) e marca geográfica (regionalismo).

As notas enciclopédicas (**N.encycl.**) dão as informações complementares dos termos do universo do discurso em questão, como também fazem referências a curiosidades em torno do termo.

Mesmo não fazendo parte da definição, as notas possibilitam um conhecimento maior do termo e sua definição.

B - O Sistema de Remissivas

Na microestrutura também temos a indicação das variantes (Var.) como remissão de um outro termo menos freqüente.

Por outro lado, como podemos perceber, além do Sistema de Remissivas está presente na microestrutura, ele se encontra também na macroestrutura, através do índice remissivo sistemático em que os termos estão organizados por campos conceituais.

4.6 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos dados coletados nas entrevistas e documentos escritos e, através da posterior confirmação por meio dos questionários, analisamos os termos enquanto unidades lingüísticas, que possuem elementos formadores, passam pela migração sógnica, entram na língua através da criação neológica ou mesmo do estrangeirismo e ainda analisar as ocorrências de diferentes termos para o mesmo conceito em situações sociais diferentes, sofrendo, portanto, influência de aspectos diastrático, diatópico, diatécnico .

5. UMA PALMEIRA EM MUITOS TERMOS: A TERMINOLOGIA DA CULTURAAGROEXTRATIVISTA, INDUSTRIAL E COMERCIAL DO COCO BABAÇU

5.1 REPERTÓRIO SOCIOTERMINOLOGICO DO EXTRATIVISMO, INDUSTRIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO COCO BABAÇU

A



Abano: *S.m.*(artesanato; TDAE; palha) **APPD1**

Utensílio feito de palha, geralmente da palha do próprio babaçu, usado para atizar o fogo de brasa, utilizado com muita freqüência no interior do Brasil.

“Vou no mato tiro o olho boto pra murchar e aí vou fazer o cofo, o *abano*, a esteira.” (PEAR4)

Notas Lingüísticas: Do castelhano *abanico*; *auano* séc. XV.

Acordo complementar: *Sin.term.nom.*(legislação;TND; negociação) **LNLE2**

Acordo que revalida os preços da amêndoa e do óleo de babaçu, acertado um dia antes do Acordo sobre o babaçu ser firmado, por mais dois anos. Este acordo confirma a tendência de altos preços do produto, ratificando o que fazia o Acordo sobre o Babaçu.

“O *acordo complementar* asseverava que seriam mantidos por mais de dois anos a partir de 15 de outubro de 1944 até 25 de julho de 1946, os preços estabelecidos para amêndoa e óleo de babaçu em 24 de julho de 1942.” (1B- p. 32)

Notas Lingüísticas: Do fr.*accord*; *acordo* ‘resolução concordância’ séc. XIII. complement+ - ar. sec. XIX; do latim *complémentum*. Lexia complexa formada por nome+ adjetivo comum de dois gêneros.

Acordo sobre o babaçu: *Sin. term.nom.* (justiça; TND; negociação) **JNLE232**

Acordo assinado entre Brasil e EUA, que garantia a compra de 75% da produção de óleo e de amêndoa de babaçu, tendo em vista o preço fixo da tonelada do produto, representando uma tentativa de solucionar problemas de mercado, ocorridos ao final da II Guerra Mundial.

“[...] quando Brasil e EUA foram signatários do *Acordo sobre o Babaçu*, que entrou em vigor em 25 de julho de 1942, e de um Acordo Complementar, de 30 de dezembro de 1944. Através do primeiro dispositivo jurídico, a exportação de amêndoas e óleos de babaçu só era permitida para os EUA, que fixava os preços da toneladade amêndoa e dos óleos, assegurando a compra de 75% da produção anual.” (1B- p. 32)

Notas Lingüísticas: Do fr.*accord*; *acordo* ‘resolução concordância’ séc. XIII. Lexia complexa formado por nome+ preposição+nome delimitador desta área de especialidade

Aforamento: *S.m.* (legislação; TDAC; AE; negociação) **LNLE3**

Var. socioprofissionais: arrendamento; contrato de meia; foro

Taxa cobrada anualmente mediante utilização de terra para colocar roça e, na região dos babaçuais, para a exploração do babaçu.

“O pretenso proprietário cobra o *aforamento* de três alqueires por linha, o que equivale a 90 quilos para cada 25 metros quadrados plantados, de acordo com o produto plantado.” (1B-p.153)

Notas Lingüísticas: -a+for+-amento

Agricultura familiar: *Sin.term.nom.* (agricultura; TND; trabalho) **ATPRO4**

¹Sistema de trabalho no qual se intercala a quebra do coco babaçu com o cultivo de produtos agrícolas diversos. ²Trabalho realizado geralmente por grupos de famílias que conquistaram seu pedaço de terra ou mesmo que se encontram como arrendatários.

“Os depoimentos dos representantes de entidades revelam que, em cada localidade, o processo de organização das famílias que sobrevivem da *agricultura familiar*, no caso em particular, da coleta e quebra do coco babaçu, se deu de forma diferenciada, estando atrelada às maneiras como foram incluídas ou excluídas dos investimentos públicos e/ou privados.” (1B- p. 229)

Notas Lingüísticas: Do lat. *Āgrīcūltūrā*. Séc. XV. famili+-ar, séc.VXI. lexia complexa formada por nome + adjetivo.

Agroextrativista: *Adj. 2g* (economia;TND; coco) **ECPRO5**

Ver: *agroextrativismo; extrativista, extrativismo vegetal*

Qualidade relativa ao que se extrai de produtos agrícolas; o mesmo que extrativismo vegetal. A atividade desenvolvida geralmente por mulheres e consorciada com atividades agrícolas diversificadas, tais como a cultura de plantas medicinais e cultivo de diversos produtos.

“Assim, quem fala sobre eles são aquelas agentes sociais trabalhadoras *agroextrativistas*, organizadas em movimentos sociais e autônomas politicamente.” (1B- p. 25)

“[...] tal como observado nas áreas de extrativismo, em particular do extrativismo do babaçu, compreende-se às dificuldades que sempre enfrentam os trabalhadores *agroextrativistas*.” (1B- p. 89)

Notas Lingüísticas: do gr. *agro+* rad. do lat. *extra(c)tum* (supn. de *extrahère* 'extrair') +sufixo -ivo; 1844; *extractivo+* do gr. -ismo.

Agroflorestal: *Adj 2g.*(ecologia; TND; árvore) **EAPR6**

Qualidade relativa ao que consegue desenvolver o trabalho agrícola em meio à formação florestal. A existência de florestas de babaçu ou babaçal possibilita o desenvolvimento da exploração agrícola e agroextrativista.

“O coco de babaçu é oriundo de uma palmeira nativa da região norte do Brasil, ocupando elevadas extensões de terras com coberturas florestais, sendo um recurso renovável de imenso potencial energético e de produtos químicos. Além desses indicadores *agroflorestais*, o babaçu apresenta elevada importância ecológica, social e política como produto extrativo.” (TEN2)

Notas Lingüísticas: do gr. *agro+florest+-al* .

Amêndoa: *S.f.* (botânica; TDAC; coco) **BCPD10**

Var. fonológicas: almenda/ amenda/

Var socioprofissionais: castanha de babaçu/ bago/ bagem/vagem/ caroço

Semente encontrada no interior do fruto do babaçu, comestível, de onde se extrai o óleo e o leite, representando 6 a 7% do peso total do fruto.

“é amêndoa a que é fininha. Um baguinho fininho que nem a...” (CQ2)

Notas Lingüísticas: inicialmente *almendra*, sec. XV, do lat. *amygdāla*, derivada do gr. *amygdālē*.

Notas Enciclopédicas: Dentre os produtos não-madeireiros da extração vegetal que mais se destacaram, o **babaçu (amêndoa)** foi o principal, com uma participação de 19,4% no total da produção extrativista não-madeireira do país em 2005, que totalizou R\$ 508,6 milhões. Na sequência vieram a **piaçava (fibra)** com 17,6% de participação; o **açaí (fruto)**, com 16,4%; a **erva-mate**, 15,1%; a **carnaúba (pó cerífero)** e a **castanha-do-pará**, cada um com 9,2%.

AMTR: *Sig.* (sindicalismo; TND; trabalho) **STEN223**

Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais – Lago do Junco e Lago dos Rodrigues (MA). Associação que reúne mulheres trabalhadoras, sobretudo, as quebradeiras de coco de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues, na microrregião do Rio Mearim.

“No município de Lago do Junco, sob a organização da **AMTR**, a cooperativa fornece o produto para a denominada prensa, onde há o processamento de retirada do óleo de babaçu que é vendido posteriormente para o comércio local.” (1B- p. 174)

Notas enciclopédicas: A **AMTR** faz acompanhamentos técnicos de projetos desenvolvidos pela **ASSEMA** é o caso da produção de sabonete que tem como base o óleo do coco babaçu. O projeto do sabonete conta com uma coordenação e acessória de bolsistas do CNPq e da Universidade Federal do Ceará. Além do sabonete há também a produção de papel artesanal e das essências. Cerca de 125 mulheres estão envolvidas na produção de sabonete, de papel e de essências aromáticas.

Aproveitamento integral do babaçu: *Sin.term.nom.* (ecologia; TND; coco) **ECPRO11**

Ver: aproveitamento do babaçu/ aproveitamento/ aproveitamento vegetal.

Utilização de todas as partes do babaçu, sobretudo, a amêndoa, inclusive o seu potencial energético, pois na concepção de alguns curiosos sobre o babaçu, no processo de quebra do coco, as quebradeiras desperdiçam a casca do coco, a farinha que cai da quebra.

“A utilização de equipamentos e máquinas modernas para o *aproveitamento integral do babaçu*, como no caso da indústria Tobasa Bioindustrial. Sediada em Tocantinópolis (TO), impõe a intensificação da coleta dos frutos que são catados inteiros e transportados para a indústria, onde são beneficiados, conforme informações contidas no site da empresa.” (2B-Almeida; 2005, p.86)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo+ preposição indicativa de posse +o nome delimitador desta área de especialidade

Aracó: *S.m.* (artesanato; TND; palha) **APPD12**

Cesto feito de palha que, assim como o cofo, serve para guardar, sobretudo, víveres. Nas regiões onde o trabalho com o coco babaçu é constante, utiliza-se para juntar ou carregar o coco, ou mesmo as amêndoas.

“... olha ali aqueles cofo...quando ele.. daquele tamanho ali. Ali é *aracó* que o chama pequeninim.” (PEQ2)

Notas Lingüísticas: acredita-se que a palavra tenha origem indígena.

Arame: *S.m.* (construção; TDAD; negociação) **CNLE14**

¹Cerca; ²no universo do babaçu, a palavra ganha a conotação de proibição, impedimento. Indica que por a terra estar cercada, as mulheres quebradeiras estão proibidas de entrar nas áreas de ocorrência do babaçu.

“...então ele nunca mandou ninguém tomar, mas sempre lutar, porque as terras não podem viver debaixo de *aramé*. Tem de ser livre. Pras pessoa que num tem onde morar. (MMCNPq 5-)

“...eles não querem que quebrem na beira desse *aramé*, eles não querem que faça buraco.” (1B- p. 217)

Notas Lingüísticas: do lat.*aerāmen –inis* ‘bronze’. Séc. XIV.

Área de incidência do babaçu: *Sin. term. nom.* (agricultura; TND; trabalho) **ATLE16**

Ver: área de ocorrência dos babaçuais/ áreas de babaçuais/ babaçal/ região ecológica do babaçu.

Local onde a presença das palmeiras de babaçu é freqüente, chegando, algumas vezes, a formar verdadeiras florestas escuras e densas.

“ Aqui, pretendo apresentá-la como alternativa de direito para garantia de acesso e uso comum das palmeiras de babaçu pelas quebradeiras de coco e suas famílias nas áreas de domínio público e privado, deslocando a relação conflituosa com os fazendeiros para o Estado, que se responsabilizará pela concessão das *áreas de incidência de babaçu*.” (1B- p. 65)

Notas Lingüísticas: nome+ loc. Adjetiva+ preposição indicadora de posse+ nome delimitador desta área de especialidade.

ARENT: *Acr.* (sindicalismo; TND; negociação) **SNLE209**

Associação da Reserva Extrativista de Extremo Oriente Norte. Associação ligada ao IBAMA, que visa regularizar a situação da Resex do Extremo Oriente Norte do Tocantins.

“A *ARENT* tem auxiliado na implementação da reserva extrativista... muito precisa ser feito.”(CA6)

Arranchamento no cocal: *Sin. term. nom.* (construção; TND; trabalho) **CTL17**

Local feito de palha do coco, onde os catadores ficam durante vários dias para realiza a cata do coco.

“*arranchamento do cocal*- os catadores ficam dias nos cocais catando coco de forma intensa. A produção é transportada nos jumentos até os sacolões ou caçambões. A jornada envolve a permanência por vários dias no cocal e implica em uma retirada massiva, principalmente no verão que coincide com a safra do coco.” (4B- p.9)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+locução adverbial de lugar.

Arranchar no cocal: *Sin. term. v.* (nomandismo;TND; trabalho) **NTPRO220**

Ato de permanecer no arranchamento, com a finalidade de realizar a cata do coco com maiores resultados.

“Os catadores vão se *arranchar no cocal* para catar o coco. A produção é transportada nos jumentos até os sacolões ou caçambas.” (2B- p. 115)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por verbo+locução adverbial de lugar.

Arrendador de coco: *Sin. term. nom.* (economia; TND; negociação) **ENEN219**

Ver: arrendamento

Sujeito responsável pela negociação na cata do coco, sobretudo, para a produção de carvão, não sendo o dono da terra arrenda as áreas de cocais e o trabalho do catador.

“Sabemos que as situações de arrendamento do coco são comuns em diversos locais, mas nessa região não foram enfatizados, diferentemente do que foi observado no Pará e no maranhão, onde o *arrendador do coco* é personagem importante do processo.”

(2B- p.117)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Arrendamento: *S.m.* (agricultura; TDAC; negociação) **ANLE214**

Ver: arrendador de coco

Aluguel de fazendas ou lotes, realizado pelo arrendador ou intermediário, para a retirada do coco inteiro, utilizado na produção de carvão, havendo, inclusive, a instalação de baterias de fornos dentro das áreas arrendadas.

“Sabemos que as situações de *arrendamento do coco* são comuns em diversos locais, mas nessa região não foram enfatizados, diferentemente do que foi observado no Pará e no maranhão, onde o arrendador do coco é personagem importante do processo.”

(2B- p.117)

Notas Lingüísticas: -a+renda+mento

Notas Enciclopédicas: A negociação é diretamente feita com as siderúrgicas, sem qualquer intermediação do fazendeiro; negociação direta feita entre o fazendeiro. Na Região do Médio Mearim Maranhense, o termo pode ser utilizado para designar situações de retirada de coco inteiro, e para descrever casos em que os trabalhadores e suas famílias são obrigados a retirar toda a mata para a formação das chamadas soltas. A madeira é convertida em carvão.

ASMUBIP: *Acr.* (sindicalismo; TND; trabalho) **STLE18**

Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio. Associação que visa a melhoria de renda para as mulheres quebradeiras de coco babaçu e suas famílias, por isso procura apoiar iniciativas que venham a gerar rendas a partir de criação de animais, cultivo de roças diversificadas e, sobretudo, o extrativismo vegetal centrado no coco babaçu e seus derivados.

“A *ASMUBIP* é a Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio. É uma associação que tem uma abrangência regional.” (MMCNPq1).

Notas enciclopédicas: “A *ASMUBIP* centra suas estratégias de geração de renda, nas atividades relacionadas a criação de pequenos animais, no enriquecimento dos quintais com espécies voltadas para a diversificação e segurança alimentar e o extrativismo, processamento e comercialização dos produtos do babaçu e há 12 anos desenvolve o projeto babaçu,

responsável pela infraestrutura de processamento e comercialização dos produtores oriundos da exploração desta palmeira.” (ESTUDO PROPOSITIVO TERRITÓRIO BICO DO PAPAGAIO)

ASSEMA: Acr. (sindicalismo; TND; negociação) **SNLE19**

Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão. A associação está localizada na região mearina e visa apoiar e incentivar os pequenos produtores tanto no que concerne à agricultura familiar como no extrativismo do babaçu. Faz o intercâmbio na comercialização dos produtos derivados do babaçu, na região do Médio Mearim e trabalha na exportação destes produtos.

“... o município de Esperantinópolis que é também um raio de atuação da ASSEMA.” (SQ2)

“A ASSEMA se encontra entre os trinta maiores exportadores do Maranhão, sem receber nenhum tipo de incentivo, seja fiscais ou financeiros.” (1B- p.127)

Notas enciclopédicas: A ASSEMA é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, de caráter regional, que tem por objetivo fortalecer as famílias de trabalhadores e trabalhadoras rurais que sobrevivem da agricultura e do extrativismo vegetal, ou seja, do agroextrativismo, para reivindicar e propor, junto ao poder público e à iniciativa privada, formas de desenvolvimento sustentáveis. Sediada no município de Pereiras (MA), a ASSEMA está presente em 17 localidades, das chamadas Áreas de Assentamento para Reforma Agrária, de seis municípios localizados no Médio Mearim. Trata-se de uma região entre a Amazônia e o Nordeste, a segunda do Estado em ocorrência da chamada palmeira de babaçu. Nesses municípios, a população rural chega a 73.897 habitantes. (Minha terra tem palmeiras e gente de muita fibra)

ASSINTI: Acr. (sindicalismo; TND; negociação) **SNEN224**

Associação Intermunicipal de Mulheres Trabalhadoras Rurais e Agroextrativistas no Município de Imperatriz. A associação foi criada com objetivo de dar suporte às associações de mulheres que surgem espontaneamente nas áreas de assentamento, próximas a região de Imperatriz, no Maranhão.

“Para dar suporte ao processo de criação dessas associações, foi criada a Associação Intermunicipal de Mulheres Trabalhadoras Rurais e Agroextrativistas no Município de Imperatriz-ASSINTI- com sede em Imperatriz e abrangência até São Pedro de Água Branca.” (1B- p.232)

ASSUMA: Acr. (sindicalismo; TND; negociação) **SNEN225**

Associação dos Apicultores Agroextrativistas do Sul e do Oeste do Maranhão. Associação que tem sua base sindical relacionada à questão extrativista e visa, juntamente com as associações de mulheres, gerar melhoria de vida e de trabalho para o pequeno produtor da região tocantínia.

“Em Cidelândia, o trabalho de campo contou com a mediação do presidente da Associação dos Apicultores Agroextrativistas do Sul e Oeste do Maranhão- ASSUMA, Euvaldo Pereira da Silva, que me levou até a Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Reserva Extrativista do Ciríaco- ATARECO.” (1B- p. 209)

ATARECO: Acr. (sindicalismo; TND, negociação) **STEN217**

Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Reserva Extrativista do Ciriaco. A associação está situada dentro da própria Resex e visa, como as demais associações e cooperativas garantir a preservação do babaçual e a busca de melhoria de vida dos moradores da reserva extrativista do Ciriaco, na microrregião de Imperatriz(MA), na cidade de Cidelândia.

“Nesta RESEX, a ATARECO foi obrigada a instituir um fiscal, que é o responsável por fiscalizar toda e qualquer queima de coco no interior da área, isto é, tem a responsabilidade de vigiar o tipo de coco que está sendo utilizado na produção do carvão, bem como seu destino final.” (2B- p. 106)

**Atraca:** S.f. (embarcação; TND; árvore) **EAPD23**

Ficus dendroica H.B.K. Espécie de cipó parasita que se enrola helicoidalmente no coqueiro chegando a sufocá-lo. É uma planta que se torna árvore e de onde se tira um leite que possui uma propriedade cicatrizante e, portanto, é usado pelo povo da região na cura de ferimentos.

“Ah... essa planta aí em cima da palmeira é a atraca... ela cresce que é uma beleza... a gente usa aqui pra curar ferida é... o leite dela.” (SQ3)

Notas enciclopédicas: Segundo o pesquisador Ricardo Monteles (disponível no site: <http://www.uepb.edu.br/eduep/rbct/sumarios/pdf/etnobotanica.pdf>, em 18 de janeiro de 2008) é uma planta usada na cura de doenças do sistema osteomuscular.

ATRAMAG: Acr. (sindicalismo; TND; negociação) **STLE218**

Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas das Reservas Extrativistas da Mata Grande. A associação visa, em primeiro lugar, fazer valer a criação da reserva florestal. Há um empenho em organizar os trabalhadores rurais, sobretudo, as mulheres quebradeiras de coco e conscientizá-lo(a)s do seu papel e da importância de preservar o babaçu.

“O processo de demarcação dessa área vem gerando uma série de conflitos, envolvendo trabalhadores rurais e quebradeiras de coco, de um lado, e os proprietários, do outro, que, inclusive, chegaram a ameaçar o presidente da ATRAMAG.” (2B- p. 107)

Azeite: S.m. (culinária; TDAE; coco) **CCPD25**

Produto principal extraído da amêndoa do babaçu; espécie de óleo usado nas iguarias, para preparar alimentos, na indústria de cosméticos e, ainda como medicamento.

“...a gente junta o coco, quebra de grupo junta dez e quinze mulhere, aí quebra aquele coco desmancha ele em óleo e o óleo a gente vende, o azeite... a gente vende...” (CQ5)

Notas Lingüísticas: segundo JM, do ár. *az-zayt* 'óleo, essência, azeite'; f.hist.1262 *azeite*, Séc. XIII *azeyte*.

Notas enciclopédicas: O processo para se chegar ao óleo ou azeite, vai desde a quebra, passa por uma lavagem, depois leva-se ao sol para secar, moem-se ou pilam-se as amêndoas. Depois as amêndoas são torradas com água até separar a água do azeite. Deixa-se apurar enquanto ferve. Daí resulta o azeite.

B



Babaçu Livre: *Sin. term. nom.* (legislação; TND; negociação) LETLE27

Ver: Lei do Babaçu Livre.

¹Livre acesso aos babaçuais, com a finalidade de juntar e quebrar o coco; ²acesso à terra e às riquezas que ela oferece ao homem sem que haja impedimento por parte dos chamados donos da terra; ³logomarca dos produtos comercializados pela ASSEMA; ⁴denominação dada à embaixada do Babaçu em São Luís e aos produtos fabricados e comercializados via ASSEMA.

“*Babaçu Livre* é a luta de mais 300 mil mulheres pelo livre acesso aos babaçuais no estado do Maranhão, garantindo seu direito à terra e praticando o extrativismo do babaçu.” (11 B)

Notas Enciclopédicas: A Embaixada Babaçu Livre é a casa da ASSEMA em São Luís. Aberta no dia 20 de março de 2003, em um dos casarões do centro histórico de São Luís, capital do Maranhão/Brasil, a Embaixada Babaçu Livre é o espaço da comunicação e da mobilização de recursos da ASSEMA. É uma casa de eventos, como exposições, feiras e debates. É o espaço onde a economia solidária acontece. Aqui, os(as) visitantes conhecem a linha de produtos Babaçu Livre e a história da gente de fibra que faz tudo isso acontecer na região do Médio Mearim. Aprendem também sobre o agroextrativismo, o comércio justo e a economia do babaçu. Na Embaixada Babaçu Livre as pessoas tornam-se mais solidárias e se transformam em voluntárias da ASSEMA ou descobrem que é preciso fazer algo mais e se tornam “Amigos(as) da ASSEMA”, fazendo doações financeiras mensais, semestrais ou anuais.

Como uma das estratégias dos Programas de Comunicação e Mobilização de Recursos e de Comercialização Solidária da ASSEMA, esse espaço tem o grande desafio de garantir, no futuro, a sustentabilidade institucional da ASSEMA, com a ampliação e diversificação de fundos, em laços de cooperação com a sociedade local.

Parcerias

A Embaixada Babaçu Livre hoje é mantida através de uma parceria estabelecida entre a ASSEMA e a OXFAM GB Brasil que tem garantido o suporte financeiro necessário para manter a casa. Outros mantenedores da Embaixada são os próprios grupos de geração de renda, como as cooperativas dos pequenos produtores agroextrativistas de Lago do Junco (COPPALJ) e de Esperantinópolis (COPPAESP), a Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues (AMTR), a Associação dos Moradores da Gleba Riachuelo (Lima Campos), a Associação de Jovens Rurais de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues e o Grupo de Mulheres de Santana (São Luiz Gonzaga do Maranhão), que, através da venda de seus produtos têm contribuído para a manutenção da casa. Além desses, contamos também com a parceria de outros grupos interessados em estabelecer a economia solidária no Maranhão.

Outros apoios pontuais têm garantido o desenvolvimento de suas ações: DED; Christian Aid; Actionaid; Ministério de Desenvolvimento Agrário; Fundação Banco do Brasil; Petrobrás; Universidades federal e estadual do Maranhão; Centro Educacional Colméia; Escolas de ensino fundamental e ensino médio da rede privada de São Luís; e o Centro de Cultura Popular Antônio Vieira Filho.(disponível no Site: <http://www.assema.org.br/geral.php?id=Conhe%E7a%20a%20Embaixada>. Acesso em 11 de junho de 2008)

Babaçual: *S.m.* (botânica; TDAE; árvore) **BAL28**

Var. socioprofissionais: área de ocorrência de babaçu; área de incidência do babaçu., cocal
Lugar onde se concentra grande quantidade de babaçu; na visão dos grandes proprietários e criadores de animais, verdadeira praga. Para quem sobrevive do extrativismo, sinônimo de paraíso. Vegetação muito freqüente nos Estados do Tocantins, Maranhão, Piauí, Pará e Mato grosso.

“A gente luta muito em defesa da preservação do *babaçual*, porque pra nós a palmeira é a nossa vaca, é o nosso sustento, o sustento da nossa família, nós tira tudo é daquelas palmeira. Quando a gente vê alguém acabando com a nossa palmeira, nós já estamos sentindo que ele tá acabando com a nossa riqueza.” (MMCNPq14)

Notas Lingüísticas: derivado de babaçu, com o acréscimo do sufixo “al”, designativo de lugar. Coletivo de babaçu.

Notas enciclopédicas: No Brasil, a área de ocorrência dos babaçuais corresponde a 18,5 milhões de hectares, sendo que mais da metade está centrada no Maranhão. O vale do rio Mearim e a região dos cocais detêm a maior concentração de babaçuais nativos do País. Essa região integra um ecossistema que se estende pelos estados do Piauí, Pará e Tocantins. (Organização agroextrativista das quebradeiras de coco de babaçu)

Babaçu: *S.m.* (botânica; TDAE; árvore) **BAPD26**

Var.regional: coco, coco de babaçu, coco babaçu, palmeira, palmeira de babaçu, coco pirinã.
Orbignya phalerata. Planta angiosperma, da família das palmáceas; palmeira que chega a medir 20 metros de altura, suas folhas estão sempre voltadas para o céu; coco do qual se pode extrair mais de sessenta produtos. Possui um potencial químico e energético.É aproveitado na alimentação e na indústria de cosméticos.

“Como as quebradeiras dizem o *babaçu* não tinha preço e os conflitos sociais agravavam o cotidiano destas mulheres.” (2B- p.269)

Notas Lingüísticas: Babaçu/ AGUAÇU, AUAÇU, BAGUAÇU, GUAGUAÇU, AUAÇU, VANAÇU; sin. COCO-DE-PALMEIRA, COCO-NATÁ, COCO-PINDOBA, PALHA-BRANCA, coco de pirinã.); Par.babaço(s.m.).

Palavra de origem tupi *iwagwa'su* (< *i'wa* 'fruta' + *gwa'su* 'grande'). As variantes supõem orig. comum tupi, em que o -w- tanto pode ter-se mantido como vogal (silábica ou assilábica), quanto pode ter-se consonantizado em -gw-, -v- ou -b-. A palavra. deve ter sido usada desde o início da colonização portuguesa, porém sua dicionarização tenha acontecido bem depois.

Bage(m): *S.f.*(botânica;TDAD; coco) **BCPD29**

Var. . Regionais: caroço

socioprofissionais: amêndoa, coco, castanha

fonética: vagem; bage; vage

Semente do coco, de onde se extrai o óleo e que tem grande valor comercial.

“chama coco....coco... a gente chama babaçu...só assim os dois nomes...coco...babaçu...aí a *bagem*, uns chamam *bagem*, outros chamam amêndoa. Conheço só os popular mesmo, que são popular da região”.(LQ5)

Notas lingüísticas: Variação de “vagem” Do latim *vagina*, *ae* 'bainha, estojo, envoltório', através da fonte de divulgação popular *bainha*, que dá origem às fontes de divulgação nasalizadas *vagem/bagem* e às variantes desnasalizadas *vage/bage*; ver *vagin-*; fontes históricas do séc.XV *vagees*, 1721 *vagem*, 1899 *vaija*, 1899 *vaja*. A forma popular *bagem* deve ter se tornado popular pelo processo que ocorreu com a mudança do fonema oclusivo – *b*, intervocálico, do latim clássico, que se torna o fonema construtivo –*v* no português. Portanto, com o uso de *bagem* em lugar de *vagem*, retorna-se ao fonema oclusivo do latim clássico.

Bago: *S.m.* (botânica;TDAE;pouco) **BCPD30**

Ver: *bagem*

Variantes Regionais: castanha

Var. socioprofissionais: amêndoa, castanha, coco

Variantes fonéticas: *bague*, *baga*

“*Bago* é, e outras de seis, outras tem cinco, outras tem quatro, tem delas que tem quatro mas o bago vale a pena...” (CQ2)

Notas Lingüísticas: sinônimo de *baga* Do lat. *bāca*. “fruto carnoso e indeiscente”.

Balaio: *S.m.*(artesanato;TDAC;palha) **APPD31**

Cesto feito do talo retirado da palha do babaçu, utilizado no transporte do coco.

“o *balaio* você faz ele... só quem sabe fazer, né... você monta ele direitinho aí no meio passa uma trança, aí sobe pra frente aí depois no remate aqui fica assim... um negocim bem no fundo assim eles ajunta num sei como é que é não...”(CQ3)

Notas Lingüísticas: palavra de origem controversa. Fonte histórica data do séc. XVI.

Bancada: *S.f.* (móvel;TDAD;negociação) **MNL32**

Local onde as mulheres quebradeiras de coco se reúnem para realizar a quebra; grandes bancos adaptados com marchado que facilita a quebra do coco, evitando acidente com marchado.

“Logo após, o coco é repassado para as *bancadas*, onde o processo de separação de amêndoas e cascas é realizado. As amêndoas são pesadas e vão para o interior do prédio, enquanto as cascas vão para um depósito próprio.” (1B- p. 286)

Notas Lingüísticas: *banc*+ o sufixo de coletivo *-ada*

Barracão (de coco): *Sin. ter. nom.* (construção ;TND;coco) **CCL33**

Construção feita da palha de coco, que serve de depósito para o coco inteiro, edificada pelo dono da terra ou pelo atravessador, com intuito de guardar o coco inteiro ou de juntar as mulheres para quebra.

“O fornecedor arrenda uma área da fazenda, contrata mulheres para quebrar coco, as coloca em um *barracão* construído em ponto estratégico para que possam trabalhar de forma intensiva e depois compra as amêndoas por preço abaixo do mercado. As mulheres são obrigadas a dar toda a casca ao fornecedor e o quilo da amêndoa está sendo vendido por R\$

0,40. Identificamos os chamados *barracões de coco* em Olho D'água das Cunhas e Igarapé Grande.” (3B- p. 9)

Notas Lingüísticas: o termo *barracão* genérico é delimitado pela presença do termo *coco* que indica a pertinência do termo a esta área de especialidade, no entanto, dentro do texto técnico pode-se omitir o segundo elemento do sintagma terminológico.

Bateria de forno: *Sin. ter. nom.*(utensílio;TND;coco) UCU 34

Espécies de fornos dispostos em série, colocados em um mesmo local, com a finalidade de transformar o coco babaçu em carvão.

“A questão do carvão de babaçu, assim colocada, sugere extemporânea e repete propostas de oito anos atrás, quando os preços de ferro-gusa animavam os empresários a adquirir terras de babaçuais, a implantar suas *baterias de fornos* e a incentivar experiências de carbonização, queima do coco inteiro ou apenas da casca.” (2A-Alfredo Wagner, 2001, p. 36)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetival

Bateria de produção de carvão: *Sin. ter. nom.*(utensílio;TND;coco) UCU 35

Ver: bateria de forno

“*Baterias de produção de carvão*- localizados em lugares ermos esses núcleos aglutinam toda a produção recolhida pelos fornecedores e trazida por caminhões. Os núcleos são áreas terceirizadas pela COSIMA e se localizam, no Mearim, nos municípios de Lago da Pedra e Croata.” (3B- Nova Cartografia da Amazônia 2, p. 9)

Bigongo: *S.m.* (botânica;TND;coco) BCPD36

Ver:gongo

“*Bigongo*- larva que se desenvolve no interior do endocarpo, ao ser retirada na quebra do coco babaçu é utilizada na alimentação, fazendo parte da culinária das quebradeiras de coco. A larva é riquíssima em gordura. e tem o sabor delicioso do coco babaçu. O bichim também é chamado de gongo.” (COQ2)

Notas Lingüísticas: de origem desconhecida. Possui o mesmo significado que *gongo*. O acréscimo do elemento mórfico *-bi* é de origem desconhecida.

Biobor: *S.m.* (química; TND; coco) QCPD37

Espécie de borracha feita a partir da farinha do mesocarpo do coco, produzida pela TOBASA.

“Borracha produzida com *Biobor* (formulação otimizada) apresenta excelentes propriedades de DPC e de resiliência.” (8B)

“O *Biobor* é um produto vegetal, orgânico e ecológico, com granulometria inferior a 150 micra, com características que permitem a sua utilização na substituição balanceada de **parte** das cargas reforçantes tradicionais nos compostos para a produção de borracha natural, sintética (SBR), borracha nitrílica (NBR) e de EVA.” (8B)

Notas enciclopédicas: Os testes práticos demonstram que a substituição de **parte** das Cargas Reforçantes tradicionais pelo **Biobor**, em suas formulações originais, não apresentam alterações significativas nas propriedades mecânicas testadas, tais como: dureza, abrasão, densidade, resistência à tração de ruptura, alongamento na ruptura e DPC, pois seus valores encontram-se dentro da faixa de tolerância da metodologia analítica utilizada (conforme a norma ASTM D 2000). (Boletim Biobor- Tobasa)

Biomassa do babaçu: *Sin. term. nom.* (botânica; TND; coco) **BCPD38**

Subproduto obtido a partir da casca retirada do coco durante a quebra ou a extração da amêndoa, que possui um alto potencial energético.

“Se a estas se somarem as cascas das quebradeiras de coco, hoje jogadas no mato, seriam 2,9 milhões de toneladas de *biomassa de babaçu* por ano, o suficiente para produzir 260 MW de energia, em sistema de co-geração.”(5A)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada pelo hibridismo –*biomassa* + locução adjetival.

Borra: *S.f.* (química; TDAC; coco) **QCPD39**

Var. socioprofissionais: massa da amêndoa; ração

Bagaço do coco; espécie de resíduo do coco após a retirada do óleo ou a prensagem da amêndoa.

“Aqui nós inda perde porque a gente não tem as coisa suficiente, porque tem uma máquina que a gente... pra aí pros rumo do Tocantins acho que já tem essa máquina, que eles bota o coco e aí tira o óleo e aí aquela... tem uma *borra* que ele fica com uma *borra* como o da panela ali oh” (CQ3)

Notas Lingüísticas: Do lat. *Burra, ae*. Fontes históricas 1092 *borras*, 1348 *borra*.

Notas Enciclopédicas: A borra é usada como ração para animais.

Bróio: *S.m.* (química; TND; coco) **QCPD40**

Var. fonética: brói

Espécie de massa retirada da entrecasca do babaçu e de onde se tira a farinha de mesocarpo ou farinha de babaçu.

“... a gente tira o mesocarpo do coco verde. Lava ele, busca ele no mato, bota pra secar, quando secar você descasca, tirando o *bróio*, quando o *bróio* seca você leva na forrageira processa, peneira, aí embala, aí sela. A gente também já vende...” (CQ5)

Notas Lingüísticas: termo de origem desconhecida. Atribui-se sua origem ao vocabulário afro-brasileiro. Neologismo criado depois das descobertas do mesocarpo do coco.

Bucho do talo do coco: *Sin. term. nom.* (botânica; TND; palha) **BPU41**

Parte mais grossa da haste da folha da palmeira; folha mais largas da palmeira.

“Eu ainda não fiz o tapiti, ainda vou tentar fazer do talo da... do talo do coco, o *bucho do talo do coco*, que a gente faz o tapiti do bucho do talo do coco” (PEAR4)

Notas Lingüísticas: lexia composta por nome+ locução adjetival dupla.

C

**Caçambão:** *S.m.* (construção; TND; trabalho) **CTU42**

var. socioprofissional: container

Espécie de carroceria de caminhão, colocado em pontos estratégicos, de preferência à beira de estradas, com a finalidade de recolher o coco inteiro para ser levado à TOBASA.

“Caçambão- é uma espécie de caçamba que fica na beira das estradas para ser cheia de coco inteiro. Posteriormente os caminhões da Tobasa o recolhem e levam todo o coco para a fábrica.” (4B)

Notas Lingüísticas: -caçamb+ -ão

Cacete: *S.m.* (botânica; TDAC; coco) **BCU43**

var. regional: macete, marrete, porrete

Pedaço de pau utilizado para bater o coco sobre o machado na ocasião de quebra, realizada de forma artesanal.

“... mas se é o processo que nós tem a máquina que nós temos de quebrar se é o nosso machado e nosso *cacete* então aquilo pra nós rende mais é macete, *cacete*. É a mesma coisa marrete. Tem uns que fala marrete tudo a mesma coisa.” (BQ3)

Notas Lingüísticas: de origem controversa. -caço (vasilha com cabo)+ -ete. Séc. XIX.

Caieira: *S.f.* (construção; TDAE; coco) **CCU45**

Local onde se atea fogo para que o coco torne-se carvão.

“... bora fazer ali um buraco pra queimar *caieira*, bora...” (CQ3)

“O carvão feito na *caieira* tem que botar um pouco de água, com palha e a terra.” (MMCNPq- 4)

Notas Lingüísticas: cal+ -eira. Há uma vocalização do fonema -l.

Caldeira: *S.f.* (utensílio; TDAC; coco) **UCU46**

Grande tanque feito de metal ou de ferro, que produz vapor, utilizado tanto no processo de fazer o carvão do babaçu, quanto na extração do óleo.

“...esse aqui é o epicarpo que é a fibra possui alto poder calorífico, componente de estofamento e utilizado como combustível para *caldeira* potenciais. Utilizamos pras *caldeira* aqui pra gerar..pra geração de vapor e também comercializamos pra cerâmica.” (TT1)

Notas Lingüísticas: Do lat. *caldāria,ae* 'banho quente; vaso para água quente, caldeira, estufa'; Séc. XIII *caldeira*, sXIII *caldeyra*, segundo Houaiss.

Caminhoneiro: *S.m.*(transporte; TDAC; trabalho) **TTEN216**

Espécie de atravessador, responsável pela comercialização do coco inteiro em algumas regiões.

“Há situações em que os *caminhoneiros* percorrem os povoados recolhendo o coco inteiro ou carvão de coco retirado das fazendas ou imóveis rurais arrendados. A figura do *caminhoneiro* sobressai aqui. Em outras regiões esta figura do intermediário é designada como de fornecedor. Ele percorre as estradas comprando todo carvão de coco produzido, além de oferecer tambores e sacos que são utilizados na sua produção. Os sacos servem para o armazenamento do carvão já confeccionado, diferentemente da região do Tocantins em que são utilizados para armazenar coco inteiro. Em outras situações, são os *caminhoneiros* dos próprios povoados que levam o carvão para Açailândia. Essa última situação ocorre na Estrada do Arroz, em Imperatriz, mais precisamente nos povoados de São Félix, Coquelândia, Matança e Bacaba.” (1B, p.110)

Notas Lingüísticas: *caminhon+ eiro*. Séc. XVI

Cantina: *S.f.*(vinicultura; TDAE; negociação) **VNL48**

Local onde as quebradeiras e suas famílias levam seus produtos (amêndoa, farinha de babaçu) para serem comercializados. Local onde podem trocar ou vender as amêndoas extraídas e onde podem adquirir víveres a preço acessível, mesmo nas comunidades mais longínquas.

“Nós trabalhadores rurais. E eu moro em uma comunidade também... ela fica aqui em outro município que é Lago dos Rodrigues que antes era um município só, chamado Três Poços. Eu trabalhei cinco anos lá em uma *cantina*.” (LAG6)

“Porque a gente compra as amêndoa e a gente compra lá nas cantina. Os cantineiro pega. Tem lá os comerciozinho que são as *cantina* da cooperativa. (LQ5)

Notas Lingüísticas: Do it. Séc. XIII. Lugar onde se enterra o vinho para ser curtido. Séc. XVIII, *taberna*.

Notas enciclopédicas: As cantinas são estabelecimentos comerciais utilizados pela COPPALJ para estabelecer uma rede de compra e troca de mercadorias por amêndoas de babaçu, visando o sustento da sua unidade de produção de óleo bruto, extraído das amêndoas e, ao mesmo tempo, estabelecer uma relação mais solidária com os camponeses(as)...(Silva, 2001, p. 258)

Cantineiro: *S.m.* (cantineiro; TDAC; negociação) **VNE49**

Pessoa responsável pela comercialização na cantina, cuja função é comprar o coco das quebradeiras e repassá-lo às cooperativas, ao mesmo tempo em que comercializa produtos de primeira necessidade para as quebradeiras e suas famílias; especie de atravessador.

“Uma pessoa do povoado é escolhida como *cantineiro*, uma espécie de funcionário da cooperativa responsável pela compra de mercadoria e repasse do montante do produto babaçu ao gerente da cooperativa.” (1B, p.173)

Notas Lingüísticas: *-cantin+ -eiro*

Notas enciclopédicas: Geralmente as amêndoas são compradas por um <cantineiro> ou atravessador, os quais repassam para as agroindústrias. Os cantineiros são pessoas escolhidas pelo grupo de mulheres dos seus respectivos Núcleos. (ESTUDO PROPOSITIVO TERRITÓRIO BICO DO PAPAGAIO)

Capemba: *S.f.* (botânica; TDAE; coco) **BCPD50**

Var. fonética: catemba, capenga

Parte externa que protege o cacho do coco desde a sua formação até a sua queda, usada tanto em trabalhos artesanais decorativos, como recipiente de mantimento ou de alimentação para animais.

“...e a *capemba* quando cai do coco, aquela que tá dependurada, que é aquela que a gente vê nas palmeira, as *capembinha*, elas tirada novinha, cai no chão. Aí ela limpinha..... a gente corta ela aí bota ali. O que tem de comer mistura tudinho.” (PEQ2).

Notas Lingüísticas: Fontes históricas datam do início do Séc. XX, com variação de *catemba*, termo originário da língua quicongo, que é formado pelo prefixo de diminutivo *Ka* + *temba* 'pedaço de pano, de papel'.

Capoteiro: *S.m.* (automóvel; TDAD; árvore) **AAPD57**

Var. socioprofissional: curinga

Palmeira jovem, considerada virgem, que se encontra no desenvolvimento da palmeira entre a sua infância, quando é considerada pindova, e a idade adulta, quando é chamada curinga.

“Há áreas onde é comum os pindoveiros, os palmiteiros e os *capoteiros* se faz o raleamento.” (TT1)

Notas Lingüísticas: *capot*+ *-eiro*. Séc. XX.

Captação de amêndoa: *Sin. term.nom.* (botânica; TND; coco) **BCPRO52**

var. socioprofissional: extração da amêndoa; extração do coco; captação do coco

Ato ou efeito de retirar a amêndoa do coco; resgate amêndoa.

“A referida unidade de produção de óleo alcançou uma produção de 257.580,0 Kg de *amêndoas captadas* através das cantinas, o que produziu aproximadamente 57.829,0 Kg de óleo em 1996. No ano seguinte, 1997, a *captação de amêndoas* foi superior, atingindo 278.797,0 Kg.” (1B, p.255).

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Carboativação: *S.f.* (físico-química; TND; coco) **FQCPR053**

Processo de carbonização e ativação, ao mesmo tempo, pelo qual passa o coco de babaçu ou apenas sua casca, tornando-se carvão ativado, utilizado na indústria de filtro de água.

“A *carboativação* é um processo de carbonização seguido da ativação, que a ativação é a injeção de vapor dentro dos fornos. É através da caldeira e a caldeira é movida gerando vapor da própria combustão dos fornos que é feita a ativação do carvão.” (TT1)

Notas Lingüísticas: termo composto pelos radicais *carbono*+ *ativação*.

Carbonizar: *V.i.* (físico-química; TDAE; coco) **FQCPR054**

Queimar numa segunda etapa o endocarpo ou o coco inteiro, para transformá-lo em carvão propriamente dito.

“O endocarpo é a matéria prima dos fornos, onde é colocado na parte superior do forno onde ocorre uma queima bruta, em seguida é *carbonizado* e depois ativado para resfriamento e porosidade do carvão, depois teremos carvão ativado bruto produto final da área dos fornos. Ativação - ejeção de vapor nos fornos.” (TT1)

Notas Lingüísticas: De origem francesa *carboniser* (1803) 'reduzir a carvão; queimar, calcinar'. Termo derivado de *carbono*, é formado –*carbono*+ *-izar*.

Carga: *S.f.* (transporte; TDAE; coco) **TCM55**

Medida equivalente a um jacá geralmente de coco babaçu ou de outro produto agrícola.

“...tem vez de você catar até quato *carga* por dia. Quato *carga* é o jacá que eu chamei de *carga*.” (SQ3)

Notas Lingüísticas: De origem duvidosa, provavelmente originário do proparoxítono português arcaico *carrega*. Fonte histórica data do séc. XIV.

Caroço: *S.m.* (botânica; TDAC; coco) **BCPD56**

Ver: Bagem, bago, amêndoa, castanha.

“O produto.... O azeite que dá do *caroço* fino é o mesmo que dá do *caroço* grosso. (SQ5)

Nós coletamo o *caroço* do babaçu, que muito chama castanha mas nós conhece como *caroço* aqui. (MMCNPq 2)

Notas Lingüísticas: De origem controversa, provavelmente originária do latim vulgar *carūdium*. Segundo Cunha, derivado do *karýdion* ‘*avelã, noz pequena*. Séc. XVII.

Carrancismo: *S.m.* (mitologia; TDAD; trabalho) **MTEN51**

Espécie de trabalho escravo a que eram submetidas as quebradeiras de coco; prática utilizada pelos donos da terra para forçar as quebradeiras a não entrar nas suas terras para retirada do coco.

“Outras práticas de submissão foram descritas como a ação de grandes proprietários de terras no município de Porto que cometiam arbitrariedades classificadas por elas como *carrancismo*. Consideram *carrancismo* uma modalidade de trabalho análoga ao trabalho escravo em que há sempre um componente de violência física e brutal, ou seja, se vendem a produção fora são punidas ou surradas. Caso entrem em áreas sem pedir permissão, são presas.” (2B, p.134-5))

Notas Lingüísticas: *carranço*+ *-ismo*.

Carterinha: *S.f.* (utensílio; TND; trabalho) **UTU58**

Espécie de documento concedido por fazendeiros para que as quebradeiras tenham acesso as áreas de babaçu dentro das fazendas, sobretudo, em algumas regiões do Maranhão e do Piauí, funcionando como uma interdição à entrada nos babaçuais.

“Em Capinzal do Norte há uma área onde o fazendeiro providenciou *carteirinhas* e credenciou as mulheres que poderiam fazer coleta do coco, restringiu a entrada das quebradeiras que não possuem a *carteirinha*.” (3B, p. 9)

Notas Lingüísticas: *-carteira*+ *-inha*

Carvão (de coco): *S.f.* (Siderurgia; TDAC; coco) **SCPD59**

Subproduto do coco babaçu, feito a partir da casca do coco ou do coco inteiro, utilizado em larga escala como alternativa ecológica em áreas de incidência de babaçu, principalmente quando feito da casca. Usado em larga escala pelas próprias quebradeiras de coco e por indústrias e siderúrgicas que beneficiam o babaçu.

“...e esse é o *carvão* ativado bruto que é produzido a partir do endocarpo, né.. o endocarpo é submetido aos fornos e a partir disso aí... ele é... passa por um processo de carbonização, de ativação dentro desse fornos. Esse é o *carvão* ativado do coco. E também ele é utilizado para produção de *carvão* especiais, como o carvão ativado granulado, que é utilizado para a fabricação de filtro doméstico e industriais, para purificação de água. Tratamento de afluentes industriais e uso no saneamento básico no tratamento de água. Esse é o carvão, ele é granulado, ele é lavado, boa parte desse carvão é seco através do secador e é acrescentado um produto químico que é a brat e, pra evitar microorganismo e depois é comercializado pra essas empresas com essa finalidade.” (TT1)

“O *carvão* é o mais quente e é usado no ferro guso, pra siderúrgica. É levado pra esses lugar, deixando a mulher sem um toco.” (MMCNPq 1)

Notas Lingüísticas: o termo é usado acompanhado ou não pelo produto de que é feito, porém fica subentendido quando aparece em textos desta língua de especialidade.

Casca de babaçu: *Sint. term. nom.* (botânica; TND; coco) **BCPD62**

var. socioprofissional: cavaco do coco

Parte que reveste o carvão e é responsável pelo alto potencial energético do babaçu.

“Do coco eu não perco nada. A *casca* eu faço o carvão. Esse bagaço que sobra eu jogo lá no fogo pra aumentar o fogo pra eu torrar meus coco. O gongo a gente tira. Eu tirei dois litro só de gongo.” (MMCNPq-12)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Castanha de babaçu: *Sint. term. nom.* (botânica; TND; coco) **BCPD63**

Ver: amêndoa

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Catar (coco): *Sin. term. v.* (colheita; TDAC; coco) **CCPRO64**

¹Colher ou apanhar coco de babaçu; ²apanhar o coco, visando a realização da quebra; para os fazendeiros, industriais e atravessadores, pode ser considerado como sinônimo de coletar, ou seja, apanhar o coco inteiro.

“Essa *cata* se dá assim.... tem vez de você... de você *catar* até quatro carga por dia. Quatro carga é o jacá. Aquele jacá que a gente chama de carga.” (SQ3)

“O fato de exigir enorme esforço físico, que inclui percorrer grandes extensões *catando os cocos* e carregando-os, faz com que os recrutadores de força de trabalho considerem os homens os mais habilitados para essa atividade. (2B, p. 110)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por verbo+ nome. O segundo elemento pode aparecer ou não, por seu uso em texto dentro da área de especialidade já deixar subentendido que se trata da cata do produto principal de área.

Catadeira: *S. f.* (colheita; TDAE; coco) **CCE65**

¹Pessoa, geralmente do sexo feminino, a quem é atribuído o trabalho de apanhar o coco inteiro para ser repassado para a indústria ou para as carvoarias; ²categoria de trabalhadoras que se contrapõe à quebradeira de coco; ex-quebradeiras de coco que migram para esta categoria pela necessidade de sobrevivência e de não agüentar o trabalho pesado de quebrar o coco, sem conseguir o essencial para sua sobrevivência e da sua família.

“Aliás o termo *catadeiras*, que aparecem em ofícios do Ministério da Fazenda, em documentos de entidades patronais e nas alocações de empresários, é considerado pelos MIQCB como pejorativo, encerrando uma discriminação que não contempla o ato de transformação realizado pelas unidades agroextrativistas como trabalho ou atividade produtiva.” (1B. p.37)

Notas Lingüísticas: radical do particípio de *catad*+ *-eira*.

Catador: *S.m.* (colheita; TDAE; coco) **CCE66**

Pessoa do sexo masculino que realiza a cata, sobretudo, do coco inteiro e leva até os caminhões dos atravessadoras ou empresas.

“Quando não envolve toda sua família, contrata os *catadores de coco*, cuja tarefa consiste em catar os cocos, que devem ser colocados nos jacás para serem transportados até os fornos que, diferentemente de outras regiões, consistem em tipos de tambores utilizados para a produção de carvão do coco babaçu.” (2B- p.110)

Notas Lingüísticas: radical do particípio de *catad*+ -or.

Chapada da limpeza: *Sin. term. nom.* (instrumento; TND; coco) **ICU69**

Var. regional: prensa

Conjunto de equipamentos utilizados para a extração artesanal do óleo

“A prensa existente na área de assentamento denominada de *chapada da limpeza*, é muito diferente daquela instalada no Lago do Junco-MA. Aqui a mesma se caracteriza por sua rusticidade e simplicidade e pela quantidade artesanal produzida semanalmente. A mesma consta dos seguintes equipamentos: primeiro é um forno de barro semelhante aquele construído para produzir carvão, onde a amêndoa é torrada (300Kg.). outro equipamento é uma espécie de forrageira adaptada para moer amêndoa torrada na primeira fase. O terceiro e último equipamento é um forno de chapa de ferro, de formato retangular, e nos moldes daqueles utilizados para torrar a farinha de mandioca.” (1B, p.131)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Cocal: *S.m.* (botânica; TDAC; árvore) **BAL71**

Ver: babaçual

Var. socioprofissionais: área de ocorrência de babaçu; área de incidência do babaçu

“No povoado de Santa Rita, Dona Leonora informa que Sr. Zé Luiz mandou derrubar todo o *cocal*, pois a casca do coco quebrado esta ferindo o casco dos animais.” (1B- p.194)

Notas Lingüísticas: -coc+o sufixo de coletivo -al

Coco babaçu (*Orbinya martiana*): *Sin. term. nom.* (botânica; TND; coco) **BCPD72**

Var. morfossintática: coco de babaçu

Fruto da palmeira do babaçu, formado por uma casca muito rígida, composta de três camadas, epicarpo, mesocarpo e endocarpo e uma espécie de noz ou castanha, de onde se extrai o óleo ou azeite, como é chamado pelas mulheres.

“O que é que se faz do *coco babaçu*.... é uma série de coisas depois dele quebrado, você leva ele pra comércio... um comércio que a gente tem que chama cantina.” (SQ3)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva ou nome com valor qualificativo.

Coco de solta: *Sin. term. nom.* (botânica; TND; negociação) **BNLE73**

Var. socioprofissionais: coco preso

Espaço cercado onde se desenvolvem as palmeiras de babaçu, respeitando uma certa distância entre si.

“Abaixo, o depoimento da senhora Lídia, moradora do Centro Coroatá, que fala sobre a viagem dos seus pais do Piauí rumo ao Maranhão... não havia o que chama de *coco de solta*, ou seja, palmeiras de babaçu esparsas em pastagens cercadas.” (1B- p.141)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Coco inteiro: *Sin. term. nom.* (botânica; TND; coco) **BCPD206**

Espécie de coco que ainda não teve a amêndoa extraída e já é levado para a comercialização, sobretudo, para a produção de carvão, sendo sua comercialização muito combatida pelas quebradeiras.

“O último encontro ocorreu em dezembro de 2004 e face à gravidade dos problemas ambientais decorrentes dos desmatamentos de babaçuais as quebradeiras de coco decidiram realizar uma campanha contra as devastações e contra a venda do *coco inteiro*.” (4B- p. 4)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo.

Coco lameado: *Sin. term.nom.* (botânica; TND; coco) **BCPD 78**

Var. regional: coco encharcado.

Var. morfossintática: coco enlameado.

Var. socioprofissional: coco melado.

Etapa em que o coco, por ter levado muita chuva, encontra-se impróprio para a quebra.

“O *coco* melado ou *lameado*, ou seja, aquele que apanhou chuva e mostra-se inadequado para a quebra porque pode ocasionar cortes nas mulheres, já que escorrega, é guardado em casa até o mês de julho, quando as mulheres colocam para secar e procedem a quebra.” (1B- p. 175)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo.

Coco liberado: *Sin. term. nom.* (botânica; TND; negociação) **BNLE74**

var. socioprofissional: coleta livre do coco, coco livre

Permissão para que as quebradeiras de coco possam entrar nas propriedades para quebrar coco, sem o impedimento do dono da terra.

“Os outros trabalhos é meio dependioso, inclusive as quebradeiras de coco dentro das fazendas elas não tem *coco liberado*. Elas não tem coco liberado dentro das fazendas do coronel Ventura.” (1B- p.236)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo.

Coco pirinã: *Sin. term. nom.* (botânica; TND; coco) **BCPD76**

Uma das variedades do coco babaçu de pequeno tamanho, contendo em seu interior, amêndoas finas, de pouca espessura.

“Tem aqueles babaçu que a amêndoa é fininha,que é pequeno,que é aquele *coco pirinã*. Pra nois sendo coco, tudo é bom.” (MMCNPq- 4)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo.

Coco preso: *Sin. term. nom.* (botânica; TND; negociação) **BNLE77**

Ver: coco de solta.

“Constatamos que há muitas situações do que elas designam *coco preso*, em oposição ao uso livre e aos recursos abertos...” (2B- p.133)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo.

Cofa: *S.f.* (escudaria; TND; palha) **EPPD79**

Var. regional: ninho.

Cesto feito, geralmente, da palha do babaçu, que serve de ninho para deitar as galinhas.

“...da palha a gente tira a palha, a gente risca ela, aí põe ela no lugar quando ela murcha ali é pra cobrir a casa né aí do olho você tira o olho bota pra murchar aí racha ele, tala ele pra fazer

o cofo, faz a *cofa* de deitar galinha, faz o cofo de você amarrar na cintura e faz o cofo de arroz pra botar o arroz dentro pra trazer pra casa e aí pra quebrar.” (CQ2)

“... a *cofa* é redonda a galinha bota ovo nele.” (CQ3)

Notas Lingüísticas: oriundo do lat. *cophinus* 'cesto'. A palavra feminina tem um sentido complementar ao –*cofo*, relacionado a sua funcionalidade- a de ninho.

Cofo: *S.m.* (escudaria; TDAC; palha) **EPPD80**

Var. regional: pacará; cesto; panicum; aracó

Var. socioprofissional: paneiro

Cesto feito de palha do babaçu, usado para apanhar coco e arroz, sobretudo, nos estados Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará.

“...faz o *cofo* de você amarrar na cintura e faz o *cofo* de arroz pra botar o arroz dentro pra trazer pra casa e aí pra quebrar o coco...” (CQ2)

“...a gente usa o *cofo* que é o pacará. A gente chama aqui pacará.”(SQ3)

De carregá *cofo* de coco/ Pra faltar e botar festa” (6C)

Notas Lingüísticas: oriundo do lat. *cophinus* 'cesto'. Encontrado como –*cofinho* nas fontes históricas do séc. XIV.

Coleta do coco inteiro: *Sin. term. nom.* (botânica; TND; coco) **BCPRO81**

Var. socioprofissional: cata do coco inteiro.

Ação de juntar o coco inteiro para levar para as siderúrgica ou para as grandes empresas. Esta ação é muito contestada pelas quebradeiras, pois é considerada uma exploração depredadora, contrária à cata e a quebra simultânea do coco.

“...*coleta* e compra do *coco inteiro*. Nós vamos ter os fornecedores os catadores, os fazendeiros, os fornecedores simples, os formiguinhas, que são os equipamentos e o transporte pela TOBASA. Esses são os fornecedores e catadores, são responsáveis pela produção inicial da cata e coleta. São aquelas pessoas que vão lá no campo mesmo e têm contato direto com o babaçu nas florestas.” (TT1)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva, formada por nome+ adjetivo.

Coletor de coco: *Sin. term. nom.* (botânica; TND; coco) **BCEN82**

Pessoa responsável por apenas juntar o coco caído das palmeiras e espalhado no babaçual, facilitando o trabalho das empresas de exploração do coco.

“Em ambos os casos, as famílias extrativistas são reduzidas à condição de meros *coletores de coco*. Em outras palavras a identidade quebradeiras, que entre outros atributos pressupõe agregação de valor, torna-se debilitada e bate de frente com a nova classificação que as empresas tentam impor, qual seja: catadeiras e catadores.” (2B- p.69)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Compra de coco inteiro: *Sin. term. nom.* (comércio; TND; negociação) **CNPRO83**

Var. morfossintática: compra do coco inteiro.

Atividade comercial realizada, geralmente, pelos atravessadores e cantineiros diretamente das quebradeiras e/ou catadores e coletores.

“O principal problema está relacionado à ação das siderúrgicas localizadas em Açailândia que tem estimulado a *compra do coco inteiro* para a feitura do carvão... (6B- p.5)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva, formada por nome+ adjetivo.

Concessão real de uso: *Sin. term. nom.* (comércio; TND; negociação) **CNLE85**

Termo judicial, que permite o uso da terra e sua possível exploração sustentável, por um tempo determinado, em áreas desapropriadas para reservas extrativistas.

“Sublinha-se, nesse processo, que o uso das áreas desapropriadas para a implantação de reservas extrativistas ficou garantido por meio de instrumento jurídico da *concessão real de uso*, que não transfere o domínio da terra e do uso por tempo determinado.” (1B- p.59)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva dupla.

Confisco do coco: *Sin. term. nom.* (justiça; TND; negociação) **JNLE86**

Apreensão do coco coletado pelas mulheres dentro das propriedades privadas, geralmente realizada a mando do dono da terra

“O fazendeiro não possui entreposto comercial, mas também não permite que os cocos sejam retirados de sua propriedade, além de se utilizar, juntamente com seus capatazes, de medidas violentas para impedir o acesso das mulheres às áreas de coleta, tais como castigos corporais, aplicado pelo encarregado da terra; e o *confisco do coco*.” (1B-p.153)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Conjunto de moinho: *Sin. term. nom.* (matemática; TND; coco) **MCU87**

Número considerável de objetos que servem para o beneficiamento do babaçu, tais como moinhos que quebram o invólucro da amêndoa, tacho para cozer a amêndoa, correias transportadoras, entre outros instrumentos utilizados no beneficiamento industrial.

“A proposta do projeto foi orçada em aproximadamente US\$ 23.000(vinte e três mil dólares), para a aquisição de máquinas de beneficiamento, como um *conjunto de moinho* e a prensa manual, com capacidade para beneficiar cerca de 5Kg/hora de óleo babaçu.” (2A-Silva, p.252)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Consortiamento (do babaçal): *S.m.* (associativismo; TND; negociação) **ANPRO89**

Conservação da palmeira e de usufruto conjuntamente com outras culturas, principalmente de roça e criação de gado num mesmo espaço.

“Então a gente tem o *consorciamento* muita das vezes as palmeira é muito... é muito embutida na outra é obrigado ter um raleamento.. pra dar agricultura e também ao mesmo tempo dá o babaçu, então você ta colhendo as duas coisas, né. Não ta colhendo só agricultura, mas também ta colhendo babaçu e aonde tem isso. Tem área que muitas das vezes você pega uma parte que as palmeira também são pouca. A gente tem que ta tendo aquela curiosidade de pegar uma lá onde tinha muita palmeira pindova pequena e plantar onde num tem, né.” (LQ5)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva, que pode vir ou não compondo a lexia.

Container: *S.m.* (armazenamento; TDAC; coco) **ACU90**

Var. socioprofissional: caçambão

Var. ortográfica: contêiner, containeer.

Espécie de caçamba usada nas comunidades onde os catadores juntam o coco, para que depois o atravessador ou os caminhões das empresas venham recolher.

“A TOBASA além de comprar as amêndoas, compra também grandes volumes de coco inteiro em toda a região do Bico do Papagaio. Uma das estratégias usadas para facilitar a compra é colocar *containers* em diversos lugares, que são preenchidos nas e levados posteriormente para a agroindústria em Tocantinópolis.” (2A)

Notas Lingüísticas: empréstimo do inglês. Séc. XX.

Contrato de arrendamento: *Sin. term. nom.* (justiça; TND; negociação) JNLE91

Contrato entre duas partes, o arrendador, quem arrenda, o dono da terra, e o arrendatário, a quem se arrenda, ou seja, a parte que paga para usufruir da terra, inclusive, a exploração do coco.

“O aumento do aforamento, que chegou a 40quilos para cada metro quadrado plantado, somado à recusa do proprietário em conceder o *contrato de arrendamento* às pessoas que precisavam se aposentar também aparece como fator que precipitou o conflito em Tapuio.” (1B- p.155)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

COOPAESP: *Acr.* (sindicalismo; TND; trabalho) STEN231

Cooperativa de Pequenos Produtores Agroextrativistas de Esperantinópolis. Grupo de pessoas que se agrupam com o objetivo de valorizar e estimular o trabalho desenvolvido principalmente a partir do coco babaçu e as culturas de subsistência, apresentando alternativas para a melhoria de vida das populações que sobrevivem destes produtos na região de Esperantinópolis-MA.

“Um voltado para a produção do mesocarpo, em Esperantinópolis, conduzido pelo COOPAESP e outro a produção artesanal de papel reciclado, em Lago dos Rodrigues, ambos com mercado muito restrito e termos de volume de produção adquirida.” (2A-Mesquita, p. 127)

COOPAI: *Acr.* (sindicalismo; TND; trabalho) STEN228

Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Imperatriz. Espécie de organização que visa implementar a produção agrícola e o beneficiamento do babaçu, buscando melhores condições de vida para as populações que exploram esses produtos na região de Imperatriz-MA.

“No plano de parcerias para a concretização desse projeto, as mulheres associadas da ASSINTI podem contar com a Cooperativa de Pequenos Produtores Agroextrativistas de Imperatriz (COOPAI), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Centro de Estudos do Trabalhador Rural (CENTRU) que tem prestado assessoria principalmente no trabalho de formação política.” (1A- Araújo, 234)

COOPPAV: *Acr.* (sindicalismo; TND; trabalho) STEN230

Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Viana. Grupo de pessoas que, inicialmente, reuniram-se com a finalidade combaterem a exploração dos atravessadores que compravam o que produziam e superfaturavam, quer comprando quer vendendo produtos aos pequenos produtores do município de Viana-MA.

“Fundada em 28 de fevereiro de 1993, a COOPPAV procurou formar uma organização dos cooperados (sócios) para fazer frente à exploração sofrida pelas famílias integradas à pequena

produção dos chamados intermediários ou atravessadores, que se dedicam a atuar na área do município, comercializando gêneros de primeira necessidade no local onde residem os sócios, comprando arroz, farinha, feijão, milho e as amêndoas do coco babaçu por um preço abaixo do valor real...” (2A- Silva, p.262)

COPPALJ: *Acr.* (sindicalismo; TND; trabalho) **STEN93**

Cooperativa dos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco. Organização das populações rurais do município de Lago do Junco- MA, com o objetivo implementar e valorizar os produtos derivados do babaçu e a agricultura familiar, oportunizando uma sobrevivência digna a essas populações e uma perspectiva de fixar as futuras gerações nos povoados por meio de gerações de renda diversas, inclusive do que extraem da terra e do babaçu.

“...porque a associação de jovens ela já é filha dessas outras entidades, né... da MTR que é associação de mulheres, da *COPPALJ* que é a cooperativa que ta aí que tem as cantinas.”(SE6)

Correia transportadora: *sin. term. nom.* (mecânica; TND; trabalho) **MTU96**

Var. socioprofissional: transportadores

Correia estreita feita de borracha, acoplada a pequenos trilhos que fazem-na rolar, transportando produtos e subprodutos do coco babaçu no Complexo Industrial da TOBASA.

“O transporte da maioria da matéria prima e de produtos intermediários é feita por *correias transportadoras* e transportadores.” (TT1)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Corte da terra: *Sin. term. nom.* (agricultura; TND; trabalho) **ATPRO97**

Período de cadastramento feito pelo INCRA para que a quebradeira tenha direito de acesso às áreas de babaçual.

“... a senhora Maria, cujo marido não foi cadastrado porque no período do cadastramento, ou, segundo sua classificação, do *corte da terra*, se encontrava em uma área de extração aurífera do Pará... (1B- p. 150)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Cunca: *S.f.* (botânica; TDAD; árvore) **BAPD100**

Parte que reveste o cacho do coco, muito comum entre os diversos tipos de palmeira. Usada em larga escala na fabricação de peças de decoração, sobretudo, como vaso para se colocar arranjo de flores.

“Sai uma *cunca*... a <cunca> racha.... aí quando ela rachar sai o <mangará>. É só o pendão.” (CQ2)

Notas Lingüísticas: origina-se de *conca/ concha*. Aparece nas fontes históricas a partir do séc. XV

Cunha: *S.f.* (instrumento; TDAC; coco) **ICPD101**

Var. regional: machado

Espécie de machado sem cabo, utilizado na quebra do coco babaçu. Colocado no chão, durante a quebra, sendo sustentada debaixo da perna, sua lâmina fica voltada para cima, onde o coco é colocado.

“A *cunha* é no lugar do machado... ela num tem cabo. Ela é uma espécie de machado agora ela num tem cabo. É o que nós usa aqui em casa e é no chão... a gente utiliza o machado. Tem

região que o pessoal usa *cunha*, mas nossa região nós não usa *cunha*... aqui pro lado do Lago dos Rodrigues é que usa *cunha*.” (SQ3)

Notas Lingüísticas: de origem controvertida, acredita-se que vem do lat. e data do séc. XIV.

Curinga: S.f. (jogo; TDAD; árvore) JAPD95

Var. fonética: coringa

Palmeira de tamanho superior às outras, sobressaindo-se na área de incidência de babaçu.

“...porque assim as palmeirona alta a gente chama *curinga* porque é alta, mas a baixa a gente chama é palmeira mesmo...agora as altona assim chama aquela *coringa* alta, porque é alta, cresceu muito” (risos) (COQ4)

“...e ela vira *curinga*, ela cresce todo tempo.” (CQ4)

Notas Lingüísticas: origina-se do quimbundo *kuringa* ‘matar’. Aparece nas fontes históricas a partir do séc. XIX.

D

Derrubada (de palmeira): Sin. term. nom. (poder; TND; árvore) PAPR102

Var. morfossintática: derrubada da palmeira

Var. fonética; derribada.

Desmatamento do babaçual; derrubada predatória da palmeira.

“*Derrubada de palmeira* não é brincadeira, não.” (2C)

“Em relação à devastação registramos *derrubadas*, compra de carvão do coco inteiro, envenenamento das pindovas e arrendamento do coco.” (4B- p. 5)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva, que pode vir ou não compondo a lexia.

Descorticagem: S.f. (medicina;TND:coco) MCPRO105

Retirada da casca da amêndoa por meio de processo mecânico, sem fragmentá-la em muitos pedaços.

“Projetos mecânicos de *descorticagem* e do corte transversal do coco de babaçu, patenteados no INPI.”(8B)documentos da TOBASA)

Notas Lingüísticas: -des+-cortic+-agem.

Diária: S.f. (salário; TDAE; trabalho) STLE107

Remuneração paga por serviço prestado, tanto por produção quanto por tempo de serviço, na agricultura ou na coleta do babaçu.

“A remuneração ocorre por produção e por tempo de serviço. Isto implica duas formas de executar a jornada de trabalho e de receber a remuneração. Ambas recebem a designação de *diária*, que é diferente para homens e mulheres. Ela alcança, no máximo, o valor de R\$ 20,00 em se tratando de homens que cumprem as metas estabelecidas de encher plenamente os jacás. As mulheres e crianças recebem no máximo R\$ 15,00 e R\$ 10,00 respectivamente. Para efeito comparativo, vale sublinhar que nesta região o valor da *diária* para serviços de roçagem, chamados de roçar juquirá, variam entre R\$ 12,00 e R\$ 15,00. a demanda por trabalho na catação de coco tem aumentado significativamente, embora os catadores trabalhem mais e por mais tempo.” (2B- P.110)

Dono do coco: *Sin. term. nom.* (latifúndio;TND; negociação) **LNEN106**

Proprietário das porções de terra de onde é retirado o coco babaçu e, portanto, este tem direito sobre o coco dali retirado, inclusive o poder de comprar das quebradeiras por um preço bem menor que o mercado.

“Elas pertencem ao *dono do coco*, sobretudo pelo fato de passarem a ter valor de troca que, inclusive, chega a ser maior do que o valor da própria amêndoa.” (2B- p.130)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

E**Encantadeira (de coco):** *Sin. term. nom.* (música; TND; coco) **MCEN104**

Conjunto ou banda formada de mulheres quebradeiras de coco que além da quebra, cantam e dançam as músicas relacionadas à quebra, à preservação do coco e às dificuldades que estão implicadas na vida da quebradeira.

“...inclusive eu estou fazendo parte de um grupo que é das *encantadeira*, né. Já fomo em toda parte. Já fomo em Brasília, já fomo em São Paulo. Já fomo no Rio de Janeiro. Fomo assim p fazer show. São as quebradeira de coco, né... que são dos quatro estado, que tem o movimento. Aí essa trabalhadora... há muito tem pó que elas canta, né... a gente cante em toda coisa que a gente vai né...na manifestação que a gente vai, né... a gente descobriu que tinha o dom que podia ta se reunindo. Ai no ano de 2005, a gente se reuniu e saímos cantando pelo Brasil a fora. (MMCNPq 4)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva, que pode vir ou não compondo a lexia.

Encarregado da terra: *Sin. term. nom.* (latifúndio; TND; negociação) **LTEN110**

Capataz do fazendeiro; pessoa geralmente responsável por controlar o aforamento dos camponeses e fiscalizar ao trabalho das mulheres.

“O fazendeiro não possui entreposto comercial, mas também não permite que os cocos sejam retirados de sua propriedade, além de se utilizar, juntamente com seus capatazes, de medidas violentas para impedir o acesso das mulheres às áreas de coleta, tais como castigos corporais, aplicadas pelo *encarregado da terra*; e confisco do coco. Segundo a entrevistada o *encarregado da terra*, responsável por recolher o aforamento dos camponeses, está sempre de porte de uma espingarda, utilizada para amedrontar as mulheres.” (2A- Martins, p.153).

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Endocarpo: *S.m.* (botânica; TDAC; coco) **BCPD111**

Var. socioprofissionais: osso, osso do babaçu, jodera

Uma das camadas que compõe a casca do coco, bastante rígida onde estão alojadas as amêndoas e a qual é muito usada para o artesanato e para a produção de carvão.

“... e esse é o carvão ativado bruto que é produzido a partir do *endocarpo*, né.. o *endocarpo* é submetido aos fornos e a partir disso aí... ele é... passa por um processo de carbonização, de ativação dentro desse fornos. Esse é o carvão ativado do coco. E também ele é utilizado para produção de carvão especiais, como o carvão ativado granulado, que é utilizado para a fabricação de filtro doméstico e industriais, para purificação de água. Tratamento de afluentes industriais e uso no saneamento básico no tratamento de água. Esse é o carvão, ele é granulado, ele é lavado, boa parte desse carvão é seco com secador e é acrescentado um produto químico que é a brat e, pra evitar microorganismo e depois é comercializado pra essas empresas com essa finalidade.” (TT1)

Notas Lingüísticas: *end(o)+ -carpo*. Séc. XIX.

Entreposto comercial: *Sin. term. nom.* (comércio; TND; negociação) **CNL112**

Var. socioprofissional: bodega; quitanda, mercearia

Estabelecimento comercial, cujo proprietário é o próprio dono da terra e existe com a finalidade de manter, sobretudo, a relação de domínio sobre as quebradeiras e seus produtos.

“...elas se recusaram a trabalhar no sistema de meia, que consistia no trabalho de todas as mulheres, tanto na coleta quanto na quebra do babaçu, em frente ao *entreposto comercial* do pretenso proprietário e no repasse da metade da produção para esse último.” (1B- p. 146)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo.

Envarar casa: *Sin. term. v.* (construção; TDAE; palha) **CPPRO113**

Colocar vara feita do talo do babaçu na cobertura de casas ou formar faxina.

“...aquele talo do coco a gente *envara casa*, você já viu casa *envarada*.” (CQ2)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por verbo+ nome.

Envenenamento da pindova: *Sin. term. nom.* (depredação; TND; árvore) **DAPR204**

Var. socioprofissional: envenenamento da palmeira; envnenamento do olho da pindova (palmeira).

Ação de pôr veneno olho da palmeira jovem, com a finalidade de exterminá-la. Ação realizada com muita frequência para dar lugar ao pasto para o gado.

“*Envenenamento das pindovas*- em função da pecuária, os fazendeiros estão mandando eliminar as pindovas que são as palmeiras pequenas e plantando capim. O veneno é colocado no olho das pindovas por trabalhadores dos povoados próximo as áreas de fazendas.” (5B- p.10)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Epicarpo: *S.m.* (botânica; TDAE; coco) **BCPD114**

Var. socioprofissionais: casca, fibra

Parte mais externa da casca, de consistência fibrosa e de grande teor calorífico.

“Isso aqui é umas frações do coco. Temos aí o *epicarpo* que é essa parte externa do babaçu, o mesocarpo, que é aquela farinha, que é a segunda parte; o endo... endocarpo que é aquela partezinha dura. É a madeira do babaçu na verdade e a amêndoa que é a semente, né... esse aqui é o *epicarpo* que é a fibra possui alto poder calorífico, componente de estofamento e utilizado como combustível para caldeira potenciais. Utilizamos pras caldeira aqui pra gerar..pra geração de vapor e também comercializamos pra cerâmica.” (TT1)

Notas Lingüísticas: *ep(i)+carpo*. Séc. XVIII

Esteira: S.f. (artesanato; TDAE; palha) **APPD116**

Espécie de tecido a partir da palha do babaçu, que forma uma superfície reta, podendo servir de tapete, de porta, de janela nas casas de taipa, muito comum na zona rural.

“O talo delas serve pra cercar quintal pra envarar casa da paia dá pra fazer esteira pra pa num sei... as porta daqui antes as porta era de <esteira> de paia também né e...uma série de coisa que você faz ... (BQ3)

Extração vegetal: Sin. term. nom. (agroeconomia; TND; coco) **ACPRO213**

Var. socioprofissional: atividade extrativa do babaçu: extrativismo vegetal

Processo de retirada das amêndoas do interior do coco.

“O trabalho na *extração vegetal*, dividido em safra, de agosto a janeiro, e entressafra, de fevereiro a agosto, compreende a coleta, o transporte do produto até o povoado, a quebra e a comercialização.” (2A- Martins, p. 160)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo.

F**Farinha de mesocarpo:** Sin. term. nom. (alimento; TND; coco) **ACPD119**

Var. morfossintática: farinha de mesocarpo de babaçu.

Var. socioprofissional: massa de babaçu

Farinha produzida a partir do mesocarpo do babaçu, ou seja da parte da casca do coco, que tem a consistência mais maleável e fácil de tornar-se farinha. De grande poder nutritivo e terapêutico é reconhecido no mercado fitoterápico.

“Farinha de mesocarpo A Farinha do Mesocarpo de Babaçu mais conhecida como pó do babaçu ou ainda simplesmente mesocarpo do babaçu. É 100% Natural. Tem propriedades anti-inflamatórias e analgésicas, consumido portanto por pessoas em tratamento de reumatismo, artrite reumatóide, úlceras, tumores e inflamações em geral (útero e ovário).” (4A)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Farinha orgânica: Sint. term. nom. (alimentação; TND; coco) **ACPD118.**

Tipo de farinha obtida por meio da serragem do coco no processo industrial, utilizada como câmara para galinha, na ração animal de um modo geral e como combustível para as cerâmicas.

“...essa é a *farinha orgânica*, porque quando o coco é pelado ele é serrado ao meio. Nessa serra gera também uma farinha... a gente considera *farinha orgânica*... Utilizado como câmara

de frango essa farinha e combustível nas cerâmicas também. Também utilizado como volumoso para ração animal.” (TT1)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo.

Fibra (do coco): S.f. (botânica; TDAE; coco) BCPD122

Estrutura de filamentos que formam tanto a palha como o mesocarpo, da qual se faz a farinha de mesocarpo e o bróio.

“A *fibra* do coco é uma partezinha antes da massa e também aproveita a *fibra* da palha também. Nós chamamos de *fibra*. Todos dois são aproveitados [...]temos aqui um núcleo de papel que é aproveitado a *fibra do coco*.” (SQ2)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva, que pode vir ou não compondo a lexia.

Fio do machado: Sin. term. nom. (ferramenta; TND; coco) FCU123

Ver: gume do machado

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva, que pode vir ou não compondo a lexia.

Firma: S.f. (comércio; TDAE; negociação) CNL124

Espécie de empresa com as mais diversas atividades, desde a produção de carvão a exploração vegetal e mineral na região Norte do Brasil e onde é possível ter um emprego que dê para sustentar a família.

“O trabalho na agricultura e no extrativismo vegetal, assim como a recorrência a deslocamentos sazonais, seja para áreas de extração aurífera ou para as denominadas *firmas*, aparece em todos os depoimentos como estratégias de sobrevivência das famílias.” (1B-p.156)

Floresta babaqueira: Sin. term. nom. (ecologia; TND; árvore) EAPR126

Var. regional: mata dos cocoais; babaçal; cocal.

Área de grande concentração de palmeiras de babaçu, impedindo muitas vezes até que haja um alinhamento entre as palmeiras.

“Processo de quebra do coco inteiro nas *florestas babaqueiras* para retirada da amêndoa (parte interna do fruto), corte feito a “gume” de machado pelas quebradeiras.” (9B)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo.

Formiguinha: S.f. (zoologia; TND; trabalho) ZTPRO129

Processo de transporte do coco que vai do babaçal à empresa de beneficiamento, desde a cata à chegada aos silos da empresa.

“...coleta e compra do coco inteiro. Nós vamos ter os fornecedores os catadores, os fazendeiros, os fornecedores simples, os *formiguinhas*, que são os equipamentos e o transporte pela TOBASA. Esses são os fornecedores e catadores, são responsáveis pela produção inicial da cata e coleta. São aquelas pessoas que vão lá no campo mesmo e têm contato direto com o babaçu nas florestas.” (TT1)

Notas Lingüísticas: *formig(u)+inha*.

Fornecedor: *S.m.* (comércio; TDAD; negociação) **CNE130**

Var. socioprofissionais: fornecedor simples; atravessador; arrendatário do coco.

Pessoa que intermedia a compra e venda do coco, ou seja, a negociação entre catador e empresa.

“Há situações em que os caminhoneiros percorrem os povoados recolhendo o coco inteiro ou carvão de coco retirado das fazendas ou imóveis rurais arrendados. A figura do caminhoneiro sobressai aqui. Em outras regiões esta figura do intermediário é designada como de *fornecedor*. Ele percorre as estradas comprando todo carvão de coco produzido, além de oferecer tambores e sacos que são utilizados na sua produção. Os sacos servem para o armazenamento do carvão já confeccionado, diferentemente da região do Tocantins em que são utilizados para armazenar coco inteiro. Em outras situações, são os <caminhoneiros> dos próprios povoados que levam o carvão para Açailândia. Essa última situação ocorre na Estrada do Arroz, em Imperatriz, mais precisamente nos povoados de São Félix, Coquelândia, Matança e Bacaba.” (2B- p.110)

Notas Lingüísticas: *-fornecid+-or.*

Forno de barro: *Sin. term. nom.* (construção; TND; coco) **CCU131**

Espécie de fogão que funciona como forno de fazer carvão, usado para torrar a amêndoa.

“... primeiro é um *forno de barro* semelhante àquele construído para produzir carvão, onde a amêndoa é torrada.” (1B-p.131)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Forno de chapa de ferro: *sin. term. nom.* (construção; TND; coco) **CCU132**

Var. regional: forno de ferro; forno

Tipo de forno semelhante ao forno usado em casa de farinha que serve para cozinhar a amêndoa torrada e moída até evaporar a água e ficar apenas o azeite.

“O terceiro e último equipamento é um *forno de chapa de ferro* de formato retangular, e nos moldes daqueles utilizados para torrar a farinha de mandioca.” (1B- p.131)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva dupla.

Forno móvel: *Sin. term. nom.* (construção; TND; coco) **CCU133**

Espécie de forno utilizado na fabricação do carvão feito a partir do coco babaçu, que pode ser instalado em lugar não fixo.

“Nesta região, conhecida como Mearim foi possível observar, em relação ao processo de devastação dos babaçuais, as seguintes situações: derrubadas de palmeiras, produção de carvão do coco babaçu, baterias de fornos de babaçu, compra de coco inteiro, *foros móveis*, compra da casca, envenenamento da pindova, e arrendamento do coco.” (3B- p.5)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Foro: *S.m.* (justiça; TDAC; negociação) **JNLE134**

Var. socioprofissional: arrendamento; contrato de meia; aforamento

Arrendamento que prevê a entrada das mulheres quebradeiras de coco para a retirada e quebra do coco, com pagamentos feitos com a própria amêndoa.

“... ou ainda, pagar algum tipo de renda de 50% ou mais. São os chamados contratos de *foro*, arrendamento ou mesmo contrato de meia, este último mais comum entre os próprios trabalhadores.” (1B- p.49)

Notas Lingüísticas: do lat. *-foru(m)* 'praça pública. Séc. XII.

Forrageira: *S.f.* (agricultura; TDAD; coco) **ACU135**

Máquina utilizada para processar o coco depois de torrar; funciona como moinho no qual é retirado o óleo da amêndoas.

“*Forrageira* é uma máquina que tritura o babaçu. A gente torra ele e passa numa máquina e dali ele sai moído.” (MMCNPq 8)

Notas Lingüísticas: *-forrage(m)+-eiro*

G



Gongo *Pachymerus nucleorum*: *S.m.* (música; TDAE; coco) **MCPD141**

Var. regional: bigongo, bicho-do-coco

Espécie de larva que se alimenta da amêndoa e logo após ocupa o seu lugar. Aproveitado, assim como a amêndoa, para fazer o óleo, ou seja, sua presença no coco não se constitui impedimento para que o óleo seja feito.

“O *gongo* é tipo uma larvazinha que ela entra na massa, uma lagartinha, que vara o coco, vara aquela massa. Vara o osso do coco, ele come a amêndoa. Aí ele é um negocinho assim curvadinho, ele vira óleo. A gente torra e come. Ele dá até sabão.” (MMCNPq 4)

Notas Lingüísticas: de origem malaia, representa uma onomatopéia. Séc. XIX.

Notas Enciclopédicas: Iguaria utilizada em larga escala entre as quebradeiras e suas famílias, o gongo é comido frito ou assado, misturado à farinha.

Guerra do carvão: *Sin. term. nom.* (justiça; TND; negociação) **JNPRO145**

Conflito gerado a partir da coleta do coco inteiro para as siderúrgicas e da exploração indevida de madeira na fabricação de carvão. Conflito muito comum nos estados que ainda contam com um vasto número de babaçuais.

“Aliás, a julgar pelas recentes medidas tributárias adotadas pelo governo do Estado do Pará na denominada ‘*guerra do carvão*’, estamos diante de uma competição econômica entre unidades da federação em torno de uma tentativa de maior concentração de meios de coleta do coco inteiro e de madeira para a produção de carvão.” (2B- p.87).

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Gume de machado: *Sin. term. nom.* (instrumento; TND; coco) **ICU146**

Var. socioprofissional: fio do machado

Parte do machado responsável por desferir o corte e onde se coloca o coco para ser quebrado.

“Processo de quebra do coco inteiro nas florestas babaçueira para retirada da amêndoa (parte interna do fruto), corte feito a “*Gume*” de machado> pelas quebradeiras. “(TT1)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

J



Jacá: *S.m.* (artesanato; TDAC; coco) **ACU149**

¹Cesta feita de palha, usada para carregar o coco babaçu, geralmente, no lombo de animal;
²medida equivalente a quatro cargas de coco.

“Nós carrega o coco num jumentinho com um *jacá* e uma cangalha.” (MMCNPq-2)

“Essa cata se dá assim.... tem vez de você... de você catar até quatro carga por dia. Quatro carga é o *jacá*. Aquele *jacá* que a gente chama de carga. (SQ3)

Notas Lingüísticas: Do tupi *aya'ka* 'cesto feito de taquara'. Séc.XVII.

Jodera: *S.f.* (botânica; TND; coco) **BCPD150**

Var. regional: osso do coco

Var. socioprofissional: endocarpo

Parte do coco de babaçu que apresenta maior resistência e é usado em larga escala na confecção de bijuterias.

“...nós temos dois torno de tirar a *jodera* do babaçu e tem uma cinco furadeira. Nós temo um grupo de dez adolescente que já trabalha o babaçu já venderam pra Holanda, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília eles já venderam o babaçu hoje.” (BQ3)

Jupá: *S.m.* (construção; TND; palha) **CPPD151**

Var. regional: galpão

Cobertura de palha onde se coloca os produtos agrícolas e o próprio coco babaçu; local onde se pode descansar do árduo trabalho.

“Após esse processo, o produto é colocado em saco e transportado para o *jupá* uma cobertura de palha utilizada para armazenar a produção agrícola. O *jupá* serve também para recompor as energias gastas no processo de trabalho e guardar instrumentos como a pá, a enxada e outros. (1B- p.158)

Notas lingüísticas: possivelmente termo de origem indígena.

Juquira: *S.f.* (culinária;TND; trabalho) **CTLE152**

Trabalho temporário, consorciado ao trabalho com o babaçu, contrato para se fazer o trabalho na roça.

“Aos que ficam restam algumas estratégias de sobrevivência, como a *juquira*, termo utilizado para denominar os serviços contratados temporariamente [...]

...a partir da segunda fala, compreendo que o trabalho de *juquira* , desempenhado na maioria por homens, corresponde, de certo modo, ao trabalho com o coco babaçu.” (1B- p.226)

L

Lata (de coco): *S.f.* (metalurgia; TDAE; negociação) **MNM153**

Unidade de medida, utilizada na mensuração da amêndoa, que tem como base a lata de querosene, equivalente a mais ou menos dezoito litros de amêndoa.

“Comecei quebrar o coco com oito anos. A mãe quebrava as lasquinha pra eu tirar o coco Primeiro numa latinha de sardinha depois meio litro maior, que foi enchendo...até encher um prato, dois prato, três prato... e até duas *lata* de coco por dia já quebrou”

O que quer dizer *lata de coco*?

Num tem aquelas *lata* de querosene? Aquela lata que dá dezoito litros.”(MMCNPq,-6)

Notas lingüísticas: de origem controversa, acredita-se que tem origem céltica ou germânica. A atual acepção é encontrada em fontes históricas do séc. XV.

Lei do Babaçu livre: *Sin. term. nom.* (justiça; TND; negociação) **JNLE154**

Lei sancionada em cada município, prevendo o livre acesso aos babaçuais, para a retirada e a quebra do coco, sem o impedimento do dono da terra, que permite que haja a exploração do produto por qualquer pessoa.

“O tipo de contrato, ao privatizar o uso de uma área, parece ter violado uma disposição básica da *Lei do Babaçu Livre*, que poderia ser assim enunciada: um direito de uso comum sobre um determinado recurso significa que nenhum membro do povoado ou da comunidade pode ser excluído de usar este recurso, embora para fazê-lo tenha que observar regras de uso comunitariamente definidas.” (2B- p.104)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva+ adjetivo que se refere ao nome constitutivo da locução adjetiva.

Notas Enciclopédicas: A Lei do Babaçu Livre foi aprovada em 1997, mas essa conquista faz parte de um longo processo de lutas. Antes de 1960, as quebradeiras não encontravam nenhum empecilho para extrair o coco, a partir de então as terras começaram a ser cercadas com arame farpado e porteiras com cadeado, além de intensa fiscalização dos proprietários. Sem condições de trabalho, as famílias entravam em atrito com os empregados das fazendas numa guerra que cobrou vidas de ambos os lados. Mas a luta dessas mulheres é que a Lei seja estadual e federal. (quebradeiras de coco do maranhão)

Leite de coco (de) babaçu: *Sin. term. nom.* (alimentação; TND; coco) **ACPD155**

Var. socioprofissional: leite de babaçu

Leite retirado da amêndoa do coco ainda verde, com propriedades semelhantes ao leite humano, muito usado no tempero de caças e para molhar o cuscuz.

“Nós tirava o *leite de babaçu*, apurava esse leite, temperava, botava farinha e jantava a toda família toda.” (MMCNPq-2)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva, ligada a outra locução que pode ser usada ou não.

Liberar o coco: *Sin. term. v.* (justiça; TND; negociação) **JNLE156**

Ação de possibilitar a quebra do coco, sem os impedimentos colocados pelos considerados donos da terra, onde se localizam os babaçuais.

“As lideranças desses mutirões decidiram não apenas *liberar o coco* e partem para reconquistar as terras que tinham sido, antes da década de 70, de uso comum das centenas de famílias que fundaram esses povoados desde as imigrações nos anos 1920 e 1950.” (10B- p. 42)

Linha: *S.f.* (fiação; TDAC; negociação) **FNM157**

Unidade de medida de propriedade rural, equivalente a 25 braças ou a 625 Km². Cada hectare corresponde a 3 linhas de terra.

“A gente tinha quatrocentos e trinta e duas *linha* de roça dentro dessa área. E os fazendeiro depois que expulsaram nós de dentro da área, né?” ((MMCNPq-1)

“...um hectare aqui a gente chama três *linhas*. Uma *linha* aqui é vinte e cinco braças, que dá dois metros e vinte centímetro no braço. Então é vinte e cinco braça aqui, vinte e cinco assim, e vinte e cinco assim. Quer dizer que é vinte e cinco braças quadrada, né. Isso se torna uma *linha* aqui, nós chamamos, né. E na área pública é 625m².” (LQ5)

Notas Lingüísticas: lat. *linèa,ae* 'fio, linha, cordelinho, fiado, cordão, cordel, barbante; colar'. Fontes históricas do Séc. XIV.

Litro: *S.m.* (metrologia; TDAE; negociação) **MNM158**

Var. socioprofissional: lata

Unidade de medida usada na negociação de amêndoas e do óleo extraído destas, equivalendo a um quilo de amêndoa, medido em lata.

“...aonde num tem balança é costume comprar aquela queroseno que vem naquele *litro* redondo. Ali é um quilo batido mesmo. Dois *litro* dele é um quilo que batido mesmo.” (CQ4)

“...o coco quebrado se negocia no *litro*, um *litro* é dois quilo.” (PEQ2)

Notas Lingüísticas: Segundo Houaiss, termo do francês. *litre* (1793) 'medida de capacidade', do lat.medv. *litra,ae* 'id.', do gr. *lítira,as* 'peso e moeda'; ver *-litro*

Livre coleta: *Sin. term. nom.* (eclesiástico; TND; coco) **ECPRO159**

Atividade realizada pelas quebradeiras de coco babaçu com o objetivo de juntar o coco sem impedimento para realizar tanto a coleta quanto a quebra do coco dentro de propriedades particulares ou não.

“A partir dos obstáculos da oferta, ocasionado pela crescente dificuldade de *livre coleta* de coco babaçu, o perfil da atividade do setor agrícola vai se modificando...” (1B-p. 89)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo.

M

**Macete:** *S.m.* (carpintaria; TDAE; coco) **CCU161**

Var. fonética: marrete

Var. socioprofissionais: cacete; porrete

Pedaco de madeira forte e com peso razoável que permite bater no coco babaçu sobre o machado, partindo a casca.

“A gente usa o machado com cabo... aí usa ele e um macetizinho, o *macete* que é uma tora de pau.” (SQ3)

“...pega o machado aí senta bota ele aqui aí pega o *macete*, que é um cacetinho aí pega o coco e bota aqui em riba do machado aí bate o macete em cima até rachar ele quando racha aí tira as taiadinha aí vai tirando a amêndoa bota no cofo.” (CQ2)

Notas Lingüísticas: *-maço+ -ete*. Séc.XVI.

Machada: *S.m.* (ferramenta;TDAC; coco) **FCU162**

Espécie de machado com a lâmina larga e que possibilita até mais de uma mulher quebra coco na lâmina de uma mesma machada.

“*Machada*> nunca usei porque eu tenho medo ela é muito larga demais... e é a *machada* ai no Pindaré umas morenona que quebrava coco.. elas me dizia eu quase num queria acreditar que quebrava de duas mulher numa *machada*.” (PEQ2)

“...nós começamo quebrando o coco... espaiada nessas mata com uma *machadinha*, cofinho a tiracó, levando chuva, levando sole, quando chegava de tarde... hoje nós tamo quebrando o coco, tirando azeite, o óleo do coco que é o mais positivo, num é...”

(MMCNPq- 7)

Notas Lingüísticas: feminino de machado.

Machado: *S.m.* (ferramenta; TDAC; coco) **FCU163**

Var. regional: cunha; machada

Objeto cortante que serve de apoio para o coco durante a quebra.

“É o *machado*... o *machado* é o que a gente usa pra cortar... quebrando a caçambinha do coco aqui, olha...” (MMCNPq- 6)

Notas Lingüísticas: originário do lat. vulgar *marculátus* diminutivo de *marcus* ‘martelo’.

Mancha de babaçu: *Sin. term. nom.* (ecologia; TND; árvore) **EAPR164**

Var. socioprofissionais: babaçual, cocal. Floresta de babaçu; área de ocorrência de babaçu

Zona de concentração de babaçuais; floresta densa com a presença quase de total da palmeira de babaçu.

“Sublinhe-se o Polígono dos Castanhais e da *mancha de babaçu* os desmatamentos foram perpetrados exatamente por um processo de pecuarização das áreas.” (1B- p.43)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Mangará: *S.m.* (botânica;TDAC; árvore) **BAPD165**

Inflorescência do coco babaçu; espécie de pendão onde estão alojados os cocos.

“ O *mangará* guarda os coco, o *mangará* é por debaixo dos coco. Sai uma cunca... a cunca racha... aí quando ela rachar sai o *mangará*. É só o pendão. Tem deles que é só o pendão com as tirinha. Ele num dá nada... num sai nada dali. E tem outro que quando a cunca abre já sai os coquim miudim assim, ó.igual aa cabecinha de dedo. Aí ele vai crescendo, vai indo, descendo até aí os conquim ele fica assim pendurado.” (CQ2)

Notas Lingüísticas: de origem tupi *manga’ra* ‘Planta da família da aráceas’. Séc.XVI.

Máquina de beneficiamento de coco babaçu: *Sin. term. nom.* (implemento;TND; coco) **ICU166**

Var. morfossintática: máquina de beneficiamento de babaçu.

Conjunto de máquinas composto por moinho e prensa manual, um tacho cozidor e uma caldeira que servem para a extração do óleo.

“Essas máquinas de beneficiamento de coco babaçu foram produzidas pelo Sr. Alen Saruth, na oficina Metalúrgica do Nordeste, em Bacabal, cidade próxima a Lago dos Rodrigues.” (1B- p.252)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva tripla.

Marrete: S.m. (ferramenta; TDAC; coco) **FCU167**

Ver: cacete

Var. fonética: marreta

“...é macete, cacete. É a mesma coisa *marrete*. Tem uns que fala *marrete* tudo a mesma coisa. (BQ3)

Notas Lingüísticas: o mesmo que *marreta*. *Marra+ -eta(e)*

Mata: S.f. (fitogeografia; TDAE; árvore) **FAL168**

Var. socioprofissional: cocal; babaçal; mata de babaçu

Vegetação densa dentro das propriedades privadas, de difícil acesso, onde se encontra a frequência do babaçu.

“O preço do babaçu nesse período aumenta. Em março, quando estivemos em campo, o quilo do babaçu custava 45 centavos, sendo que essa alta era explicada pelo fato de recolherem o produto nas denominadas *matas*, locais dentro de propriedades privadas onde o acesso é mais difícil.” (1B- p.169)

Notas Lingüísticas: de origem latina *matta,ae* 'esteira de junco; porção de plantas que cobre certa porção de terreno'. Séc. XII.

Meia: S.f. (metrologia; TDAE; negociação) **MNM169**

Var. morfossintática: quebra de meia

Var. socioprofissional: sistema de meia

Sistema de negociação acordado entre as quebradeiras e os donos da terra que consiste em dividir o rendimento da quebra do coco ao meio, ou seja, a metade do coco quebrado é dado como pagamento para o dono da terra.

“...quebra de *meia* consiste na obrigatoriedade em deixar a metade das amêndoas quebradas nas mãos do pretenso proprietário das áreas de coleta. Identificamos a quebra de meia em Peritoró e Lago dos Rodrigues, certamente há outras localidades onde esse tipo de exploração ocorre.” (3B- p.10)

Notas Lingüísticas: *-meio*+vogal temática *-a*, tomada como desinência de feminino Séc. XVI.

Mesocarpo: S.m. (botânica; TDAC; coco) **BCPD171**

Var. Regionais: farinha de mesocarpo; farelo; farinha alimentícia

Var. socioprofissionais: massinha; massa do mesocarpo; massa do coco; broio; polpa do coco; pó do coco.

¹Parte intermediária da casca do coco, a qual é transformada em uma farinha de valor nutricional e medicinal, usada na merenda escolar dos estados do Tocantins, Maranhão, Piauí e Pará; ²farinha extraída do coco.

“Tem o *mesocarpo* que é a polpa do coco. Então ele é alimentícia, ela é rica, ela também tem uma substância de cicatrizante. Então ela tem essa utilidade.” (SQ2)

“Bom. A gente começou a estudar. Antes a gente chamava massa do coco. O que é a massa do coco? É uma massa que tem entre o *mesocarpo* e o endocarpo que ela tem. É a massa. Tem

uma fibra muito forte em cima dela pra proteger dela molhar e também ela apodrecer. E aí essa fibra ela cobre e a gente vai com uma faca e tira essa fibra e debaixo da fibra tem uma massa que essa massa nós chama de *mesocarpo*, que a gente chamava antes de massa de coco, mas o tempo vem evoluindo e muita coisa vai aparecendo. Varias pessoas vai começando a estudar isso.... às vezes num grupo de pessoas discutindo o babaçu, você acaba descobrindo um nome diferente. E foi assim que foi descoberto esse nome *mesocarpo*, que no começo a gente num tinha *mesocarpo*.” (MMCNPq-1)

Notas Lingüísticas: Os dois radicais gregos –*meso*+ –*carpo*.

MIQCB: Acr. (sindicalismo; TND; trabalho) **STEN172**

Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu. Abrange os quatro Estados onde há maior ocorrência de babaçuais e visa, sobretudo, a preservação ecológica de rios e florestas e do próprio babaçu, além de lutar junto com as associações de mulheres pelo reconhecimento do trabalho com o babaçu.

“Nós trabalha num movimento e eu sou quebradeira de coco babaçu e a gente produzi o que o babaçu.... o que chega ao nosso alcance e nós vivemos numa luta muito difícil que é o movimento interestadual das quebradeiras de coco é o *MIQCB*.... o movimento luta por muitas coisas não só babaçu, mas como o nosso trabalho é o babaçu... a nossa cultura.... a gente luta muito em defesa da preservação do babaçual, porque pra nós a palmeira é a nossa vaca, é o nosso sustento, o sustento da nossa família, nós tira tudo é daquelas palmeira. (MMCNPq-2)

Mutirão: S.m. (população;TDAC; trabalho) **PTEN222**

Trabalho na quebra de coco feito por mulheres de várias unidades familiares. A amêndoa, resultado da quebra, é dividido ao meio com o dono da terra ou a pessoa que contrata o serviço das mulheres. Este último fica também com toda a casca.

“... a participação de outras mulheres, que são chamadas para auxiliar na quebra do coco, realizada por meio dos chamados *mutirões*, ou seja, do trabalho conjunto e em cooperação de diversas unidades de trabalho familiar.”

“Nesse tipo de *mutirão*, todas as amêndoas quebradas pela mulher são divididas pela metade, enquanto as cascas não elas ficam todas com o dono do coco.” (2B- p.130)

Notas Lingüísticas: originário do tupi *moti'rõ*.

N

Não-associada: Sin. term. nom. (sindicalismo; TND; negociação) **SNEN188**

Mulher quebradeira de coco que não participa das associações e sindicatos, nos quais as demais participam.

“... enquanto em outras localidades e outras situações a associação aparece como instrumento de aglutinação, de formação de um grupo, aqui, por ter sido uma iniciativa da empresa, a CELMAR, a entidade se coloca como o instrumento que, ao mesmo tempo em que legitima o reconhecimento formal da existência das quebradeiras e estabelece um canal de diálogo com a empresa, se apresenta como um elemento que divide o grupo em associadas e *não-associadas* da Associação da CELMAR...” (1B- p.238)

Notas Lingüísticas: –*não*+*associad*+*a*

O



Óleo bruto: *Sin. term. nom.* (química;TND; coco) **QCPD183**

Var. socioprofissional: óleo *in natura*; óleo em estado natural

Espécie de azeite extraído do coco babaçu que não passa por processo de refinamento; produto do babaçu com alto valor comercial.

“Nos locais onde os movimentos das quebradeiras e as associações conseguiram instalar sem qualquer apoio governamental unidades de prensagens, o coco é vendido nas cantinas e postos de compras sob controle camponês, para em seguida ser entregue à prensa. Isso, no entanto, só está acontecendo em pouquíssimas áreas de produção. Nessas unidades, se extrai apenas o *óleo bruto* (nos casos de Lago do Junco- MA e São Miguel- TO), ou azeite (no caso de Esperantina- PI). O *óleo bruto* não refinado é enviado para indústrias (local/ regional/ nacional e internacional).” (1B- p. 123)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo

Óleo virgem: *Sin. term. nom.* (química;TND; coco) **QCPD186**

Tipo de óleo extraído do coco de babaçu que não passa pelo processo de torrefação; óleo extraído do coco cru.

“È agora tamos tentando desenvolver um novo tipo de óleo... o *óleo virgem* que tiramos do babaçu sem precisar ir pro fogo.” (CQ4)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo

Óleo (de babaçu): *Sin. term. nom.* (química; TDAC; coco) **QCPD175**

Líquido retirado da amêndoa do coco babaçu, com utilidades diversas desde alimentação até a fabricação de produtos de limpeza e indústria de cosméticos.

“...a cooperativa extrai o *óleo* que é aqui dentro do Lago do Junco... nós tem a cooperativa instalada no Lago Junco [...] a gente tira o *óleo*, e do *óleo* faz o sabonete, faz o sabão, pra lavar também.” (SQ3)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva, que pode ser usada ou não.

Olho da pindova: *Sin, term. nom.* (botânica; TND; árvore) **BAPR183**

Var. socioprofissional: olho da palmeira

Abertura central da palmeira, de onde saem suas folhagens. Na palmeira jovem, essa abertura é mais larga pelas poucas folhas que apresenta parte da palmeira, sobretudo, jovem, de onde se extrai o palmito.

“No povoado Campo Novo, município de Viana, registramos uma grande devastação, e o que mais chamou atenção foi o problema de um trabalhador que se intoxicou e foi internado em hospital por causa da aplicação de veneno no *olho das pindovas*.” (2B- p. 137)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Olho: *S.m.* (anatomia; TDAC; árvore) **AAPD187**

Parte central da palmeira que sustenta seus talos e folhas e com o qual se produz artesanato.

“Vou no mato tiro o *olho* boto pra murchar e aí vou fazer o cofo, o abano, a esteira.” (PEAR4)

Notas Lingüísticas: do lat. *oculus*, *i.* séc. XIII.

Oriza: *S.m.* (botânica; TDAD; árvore) **BAPD176**

Pogostemon heyneanus Benth. Erva cultivada, usada como calmante, seu cheiro é considerado o perfume da quebradeira de coco. Utilizada em grande escala entre as essências colocadas no sabonete de babaçu.

“...essa *oriza* que tem prantada aí, que vocês chama outro nome... uma folhinha grossa cheirosa [...]cozinhava a *oriza* botava sabonete. Tudo junto. Ficava um sabão cheiroso que só se vendo. (SQ5)

Notas lingüísticas: Do lat. *Oryzo*. Séc. XVII.

P



Pacará: *S.m.* (artesanato; TDAE; palha) **APPD177**

Ver: cofo

“...a gente usa o *cofo* que é o pacará. A gente chama aqui pacará.”(SQ3)

Notas lingüísticas: De origem tupi *paracazes*. Séc. XVII e XVIII.

Palmeira (de babaçu): *Sin. term. nom.* (botânica; TDAC; árvore) **BAPD178**

Ver: babaçu

Var. regional: palmeira de coco

Var. socioprofissional: palmácea; palma

“A *Palmeira de babaçu* é uma mãe muito boa. E ela é feminina. Ela bota o cacho e com nove meses ela começa a cair. É igualzinha à mulher. E também tem um outro mistério que com quinze ano ela dá o primeiro cacho. É como a mulher com quinze ano ela tá pronta pra ter o primeiro filho, que não é o legal, mas é o costumeiro.”(CQ4)

“A *palmeira* na reserva é como um mãe. Dela a gente cuida até quando morre fica com saudade da mãe. Partindo desse pressuposto que da palmeira se tira mais de 60 produtos, então eu não vou querer que derrube. Eu não vou querer vê-la cambar.”(CA6)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva, que pode ser usada ou não.

Paneiro: *S. m.* (artesanato; TDAC; palha) **APPD179**

Ver: cofo

Var.regional: aracó; panicum

¹Cesto tecido na palha de babaçu, usado para guardar alimentos; ²espécie de cofo grande.

“Olha ali aqueles cofo...quando ele.. daquele tamanho ali. Ali é aracó que o chama pequeninim. Agora quando faz grande é os *paneiro*. Quando vai pra roça leva aquele horror pra botar os arroz de *paneiro* pra botar os arroz.” (PEQ2)

Notas Lingüísticas: *pano*+*-eiro*. Séc. XVII.

Panelão: *S.m.* (culinária; TDAD; coco) **CCU221**

Espécie de jacá com tamanho maior, utilizado na compra da casca do coco pelos atravessadores.

“Os fornecedores chegam com os denominados *panelões*, espécie de um grande jacá, para comprar as cascas, que são colocadas nos caminhões. Apesar dos *panelões* serem medida paga é de como se fosse um jacá.” (2B- p.128-9)

Notas Lingüísticas: *panela*+*-ão*

Panicum: *S.m.* (artesanato; TND; palha) **APPD182**

Ver: cofo, paneiro

“O *panicum* é um cesto como o cofo, onde a gente guarda arroz, farinha, feijão. O povo de antigamente chamava *panicum*.... hoje o povo chama mais cofo.” (SQ3)

Notas Lingüísticas: lat. *panicula*,*ae* (dim. de *panus*,*i* 'fio de tecelão') +*-cum*.

Paul: *S.m.* (botânica; TDAE; árvore) **BAPD180**

Resto da casca do tronco da palmeira, principalmente depois da morte da árvore, usado como adubo no cultivo de vegetais.

“Até o *paul* daquelas que já..que já mataram serve pra adubar, para fazer canteiro, adubo especial pra plantio de cebola.” (SQ3).

Notas Lingüísticas: do lat. *palus,údis* 'paul, brejo, mangue, charco, pântano'. Séc. XIII.

Peladeira: *S.f.* (ferramenta; TND; coco) **FCU181**

Máquina desenvolvida na TOBASA com a finalidade de retirar o epicarpo e o mesocarpo, separando-os, para processos posteriores.

“O coco vem dos silos de armazenagem, por meio de correias transportadoras que vem, que ocorre dentro do túnel para fazer o transporte do coco até a *peladeira*.”(TT1)

Notas lingüísticas: o sufixo ‘eira’ é feminino, diferenciando o sentido de ‘peladeiro’, que aparece nos dicionários como pessoa que bate pelada (joga futebol)

Pelagem: *S.f.* (zoologia; TDAC; coco) **ZCPRO152**

Processo realizado pela peladeira, cujo objetivo é a retirada do epicarpo e mesocarpo.

“A partir desses noventa dia ele vai pra *pelagem*, que é a parte de retirada do epicarpo, da fibra e também do mesocarpo.” (TT1)

Notas lingüísticas: pêlo + *-agem*. Séc.XVIII.

Notas enciclopédicas: **PELAGEM** – Processo de retirada do epicarpo (fibra) e mesocarpo (farinha grossa e farinha fina), onde o epicarpo é utilizado como combustível para as caldeiras que geram vapor para as prensas (extração do óleo) e comercializado para uso em fornos de

cerâmicas, a farinha grossa é utilizada para ração animal e farinha fina para produção de compensados, importante ingrediente na composição de colas.
 Descrição do fluxo do processo- TOBASA

Pequena produção familiar: *Sin. term. nom.*(agriculutra; TND; trabalho) **ATPRO189**
 Trabalho consorciado da produção agrícola com a quebra do coco, realizado pelas famílias como alternativas de subsistência.

“Isso porque a base social sobre a qual se organiza a produção do babaçu é essa *pequena produção familiar*, tendo o trabalho feminino um papel fundamental.” (1B- p.90)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por adjetivo+ nome+ adjetivo.

Pindova: *S.f* (botânica; TDAE; árvore) **BAPR190**

Var. fonética: pindoba

Palmeira do babaçu em tenra idade, que se presta ao fabrico do palmito.

“Percebemos que nas localidades onde há organização coletiva existe também um conhecimento acumulado relativo às derrubadas, ao envenenamento de *pindova*, à intoxicação de trabalhadores que lidam com agrotóxico...” (2B- p. 25)

Notas Lingüísticas: do tupi ‘*pindoba*’, ‘*pindoua*’. Séc.XVII.

Prensa: *S.m.* (instrumento; TDAC; coco) **ICU191**

¹Máquina para retira do coco babaçu o óleo cru; ²unidade de produção do óleo de babaçu, composta por: um tanque, um triturador e tambores.

“A *prensa* ganhamos ganhamos na Eco 92. a *prensa* que tira o óleo do coco cru.” (CQ4)

“Em julho de 1994, a unidade de produção de óleo de babaçu, chamada por todos de *prensa*, retornou à suas atividades. (1B- p.254)

Notas Lingüísticas: forma regressiva de *prensada*. Séc. XVII.

Q



Quebra de meia: *Sin. term. nom.*(justiça; TND; coco) **JCLE 211**

Ver: meia

“Registramos 8 ocorrências da prática denominada *quebra de meia*, que consiste no repasse de metade das amêndoas quebradas ao fazendeiro.” (2B- p.151)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Quebradeira de coco babaçu *Sint. term. nom.* (economia; TND; coco) **ECEN192**

Ver: quebrador; quebradeira.

Var. socioprofissional: quebradeira de ponta de rua; trabalhadora agro(extrativista)

Var. morfossintática: quebradeira de coco

Pessoa que realiza a quebra do coco babaçu, geralmente mulheres, responsáveis pela quebra do coco e extração do óleo da amêndoa do babaçu.

“Os novos termos empregados pelas chamadas *quebradeiras do coco babaçu* para descrever as situações que vêm ocorrendo na região ecológica do babaçu registrados no decorrer do trabalho de pesquisa...” (2B- p. 84)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva dupla.

Notas Enciclopédicas: A história das mulheres pobres da região do semi-árido maranhense se mistura com a do babaçu. Ali desde cedo elas aprendem um ofício que é passado de mãe para filha: o de quebradeira de coco. No Maranhão, cerca de trezentas mil pessoas vivem da extração do coco do babaçu, 90% são mulheres. Mas a história dessas quebradeiras muda de acordo com o município em que vivem, já que nem todos adotaram a *Lei do Babaçu Livre*, que permite a extração mesmo em terras privadas.

Quebrar a alça do jacá: *Sin, term. v.* (justiça; TND; trabalho) JTLE203

Impedir que a quebra de coco aconteça em determinado local, ação geralmente realizada pelo dono da terra e seus trabalhadores.

“De não deixar mais o patrão *quebrar a alça do jacá* pra evitar que a gente vai botar roça.” (1B- p. 146)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por verbo +nome+ locução adjetiva.

Quibano: *S.m.* (artesanato; TDAE; palha) APPD193

Espécie de peneira grossa feita da palha do babaçu, usada para secar e assoprar arroz.

“A palha a gente utiliza pra fazer esteira, fazer cofo, fazer tudo quanto isso. Temos abano, faz o *quibano*, então na palmeira se a gente for pensar mesmo, né... mesmo sem destruir ela a gente tem grande utilidade dela, né.” (LAG6)

Notas Lingüísticas: do quimbundo *kibandu*. Séc. XIX.

Quitanda: *S. f.* (comercialização; TDAE; negociação) CNL225

Estabelecimento comercial que compra ou troca amêndoas e óleo por mercadorias, porém nem sempre paga o preço justo.

“As cantinas criadas pela COPPALJ também passaram por dificuldades no setor administrativo, embora pareça fácil gerenciar uma cantina, que funciona de maneira similar aos entrepostos controlados por atravessadores denominados de *quitanda* ou bodega.” (1B- p. 258)

Notas Lingüísticas: do quimbundo *kitanda* ‘feira’. Séc. XVII.

R

Raleamento: *S.m.* (agricultura; TDAC; árvore) AAPRO195

Processo de retirada de palmeiras para oferecer melhores condições de sobrevivência a essas árvores no babaçal.

“...tem a questão de *raleamento*. *Raleamento* é a tirada de palmeiras, mas deixando palmeira de dez em dez metros.” (CA6)

“A gente ta tentando recuperar. Então a gente tem o consorciamento muita das vezes as palmeira é muito... é muito embutida na outra é obrigado ter um *raleamento*... pra dar

agricultura e também ao mesmo tempo dá o babaçu, então você tá colhendo as duas coisas, né. Não tá colhendo só agricultura.” (LAG6)

Notas Lingüísticas: ralear+ -mento.I.

RESEX: Acr. (ecologia: TND; árvore) **EAL196**

¹Reserva extrativista, também conhecida como unidade de conservação, porém com ênfase ao extrativismo vegetal; ²área de preservação ambiental associado à exploração racional e sustentável das reservas naturais.

“Em 30 de janeiro de 1990, o Presidente da República assinou o Decreto nº 98.897, que dispôs a Reserva Extrativista (RESEX), cujo conteúdo guardou a essência reivindicatória dos seringueiros do Acre a saber: “As Reservas Extrativistas são espaços territoriais destinados à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis por populações extrativistas”. (artigo 1º) (1B- p.58)

“A RESEX está localizada nos municípios de Augustinópolis, Carrasco Bonito e Sampaio no Estado do Tocantins. Passados quatorze anos as famílias reivindicam a efetivação da RESEX que está sendo devastada e invadida pelos catadores de coco. (4B- p. 8)

S

Safra: S.f. (agricultura; TDAE; coco) **ACPRO197**

Época do ano em que se pode colher o babaçu e extrair suas amêndoas, geralmente não coincide com o inverno e, na região de ocorrência dos babaçuais acontece entre os meses de junho a novembro.

“No período da safra, o coco cai em cachos ou individualmente das palmeiras e as mulheres recolhem para, em seguida, transportá-los até o povoado em jacas, acoplado a um animal de carga (burro, jumento ou égua).[...] na safra, as mulheres extrativistas trabalham mais intensamente entre agosto e novembro, pois, com o início das chuvas, torna-se mais difícil o acesso às áreas de coleta, além de iniciarem o plantio, etapa que exige o trabalho feminino.” (1B- p.161)

Notas Lingüísticas: de origem desconhecida. Séc. XVI.

Sangração da palmeira: Sin. term. nom. (depredação; TND; árvore) **DAPRO205**

Ato ou efeito de enfiar uma vara de ferro entre as folhas da palmeira, fazendo com que a vara permaneça na palmeira durante alguns dias, o que vem inevitavelmente a provocar sua morte.

“E agora de um ano pra cá a sangração das palmeiras que é enfiar um ferro no meio da palmeira que vai aos poucos morrendo.” (4B- p. 3)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Sangramento da palmeira: Sin. term. nom. (procriação; TND; árvore) **PAPRO207**

Líquido expelido pela palmeira quando solta o cacho, faz analogia ao momento em que o mamífero tem seus filhotes.

“O sangramento da palmeira é quando a palmeira está parindo, quando o cacho nasce. É natural da palmeira e acontece em qualquer idade da palmeira, acontece com todos os cachos. Quando o cacho se abre e faz um barulho e ainda solta um pouco de líquido.” (CQ4)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Sistema de vale: *Sin. term. nom.* (economia; TND; negociação) **ENPRO199**

Negociação feita entre o dono da terra com a quebradeira, com o objetivo de fazer com que a quebradeira troque o que produz por um vale a ser compensado por mercadoria em mercearia ou quitandas determinadas pelo dono da terra.

“O *sistema de vale*, predominante em todas as áreas, consistia na obrigatoriedade de vender o coco a preços mais baratos, fixados no entreposto comercial pelo pretenso proprietário da terra. Mediante a venda, recebiam um comprovante do valor correspondente, ou seja, um papel manuscrito, denominado vale, cuja circulação estava restrita àquele empreendimento comercial, chamado quitanda, bodega, barraca. Esse sistema impedia as mulheres de adquirirem outros produtos que não existiam no empreendimento local, como roupas, sapatos e remédios.” (1B- p.147)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Sistema de meia: *Sin. term. nom.* (justiça; TND; coco) **JCLE197**

Ver: meia

“... elas se recusaram a trabalhar no *sistema de meia*, que consistia no trabalho de todas as mulheres, tanto na coleta quanto na quebra do babaçu, em frente ao entreposto comercial do pretenso proprietário e no repasse da metade para esse último.” (1B, 146)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva.

Solta: *S.f.* (liberdade; TDAE; negociação) **LNL200**

Área onde, geralmente o gado é solto e, possivelmente há grande quantidade de palmeira de babaçu.

“É comum as mulheres que exercem somente a atividade extrativa com o babaçu residirem nas casas de pau a pique cobertas de palha, as quais se localizam, na sua maioria, nas “pontas de vila”, mais distantes do centro, porém, mais próximas das chamadas *soltas*, onde se acham dispersas as palmeiras.” (1B- p.184)

“Se você num corta... quando a pindova nasce nas *solta*, principalmente nas área de fazendeiro, dos capim né... as pessoa num quere ver as pindova nascer se frondar lá dentro da solta aí vai corta.” (LAG6)

Notas Lingüísticas: forma regressiva de *soltar*.

T

Talo: *S.m.* (botânica; TDAC; árvore) **BAPD201**

var. morfossintática: talo

Filamento que sustenta as folhas da palmeira, utilizado na construção de casa e na fabricação de cesta.

“O *talo* delas serve pra cercar quintal pra envarar casa da paia dá pra fazer esteira pra pa num sei...” (BQ3)

“Os *talos* da palha a gente utilizava pra tampar parede, varar, a gente envarava as parede, fazia porta, janela.” (MMCNPq- 12)

Notas Lingüísticas: do lat. *thallus*, *i* 'haste, ramo'. Séc.XVI.

Tapiti: *S.m.* (artesanato; TDAD; palha) **APPD173**

Cesto cilíndrico feito da palha de babaçu, utilizado principalmente pelos índios para espremer a mandioca para a fabricação da farinha e outros tipos de massa.

“Ah o *tapiti* é um tipo um saco ele tem um amarradinho em cima e embaixo...pra que em cima e embaixo... embaixo coloca um pau pra ele num subir e em cima pra ele segurar pra secar a massa que coloca dentro daquele *tapiti*.” (PEAR4)

Notas Lingüísticas: do tupi *tapi'ti* ‘*titpiti*’. Séc.XVI.

Terra avoluta: *Sin. term. nom.* (justiça; TND; negociação) JNLE223

Var. regional: terra devoluta

Extensões de terras que não têm um proprietário; terras públicas.

“As mulheres cujos pais são do Ceará e Piauí, ao descreverem o período em que chegaram ao Maranhão, denominam as *terras como avolutas*, o que pressupunha o livre acesso ao coco, já que as terras eram públicas.” (1B- 141)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ adjetivo.

Tiracó: *S.f.* (artesanato; TND; palha) APPD202

¹Correia feita de palha, colocada no cofo para sustentá-lo, sobre o ombro da quebradeira, durante a coleta do coco; ²espécie de bolsa usada de lado, feita da palha do coco.

“... nós começamo quebrando o coco... espaiada nessas mata com uma machadinha, cofinho a *tiracó*, levando chuva, levando sol e, quando chegava de tarde... hoje nós tamo quebrando o coco, tirando azeite o óleo do coco que é o mais positivo, num é...” (MMCNPq- 7)

“....aí você vai escolhendo botando no *tiracó* aqui, quando enche o *tiracó*, bota aqui nas costa e vai derramar lá no lugar.” (CQ4)

Notas Lingüísticas: forma regressiva de *tiracolo*.

TOBASA: *Acr.* (empreendimento; TND; negociação) ENPRO208

Empresa que beneficia o coco de babaçu na região do Bico do Papagaio, no Estado Tocantins.

“A *TOBASA* Bioindustrial instalada no município de Tocantinópolis (TO), essa empresa produz vários subprodutos do babaçu, dentre eles o óleo, o sabão, compensado feito de mesocarpo e carvão e carvão aditivado.”(4B- p.8)

Notas Enciclopédicas: TOBASA BIOINDUSTRIAL → projeto – genuíno e pioneiro em sua essência tecnológica em nível mundial – constitui o único complexo energético do gênero existente no país, produzindo óleo, sabão de coco, farinhas amiláceas, subprodutos protéicos, carvão ecológico, carvão ativado, álcool e artesanato.

Torta (de babaçu): *Sin. term. nom.* (alimentação; TDAC; coco) ACPD144

Resíduo gerado após a torrefação e prensagem do coco, utilizado em larga escala como ração animal.

“Somente o subproduto da fabricação do óleo- a *torta de babaçu*- não superou a produção do ano anterior, ficando 5,46% abaixo da marca alcançada no ano de 1996.” (1B- p.255)

Notas Lingüísticas: lexia complexa formada por nome+ locução adjetiva, que pode aparecer ou não.

5.2 A TERMINOLOGIA DO COCO BABAÇU: CAMPO E SUBCAMPO

Árvore			
Preservação	Processo	Produto	Lugar
agroflorestal (EAPR6)	Raleamento (AAPRO195)	Atraca (EAPD23)	Babaçual (BAL28)
derrubada (de palmeira) (PAPR102)	sangração da palmeira (DAPRO205)	babaçu (BAPD26)	cocal (BAL71)
envenenamento da pindova (DAPR204)	sangramento da palmeira (PAPRO207)	capoteiro (AAPD57)	mata (FAL168)
floresta babaçueira (EAPR126)		cunca (BAPD100)	RESEX (EAL196)
mancha de babaçu (EAPR164)		curinga (JAPD95)	
olho da pindova (BAPR183)		mangará (BAPD165)	
palmeira (de babaçu) (BAPD178)		Olho (AAPD187)	
pindova (BAPR190)		Oriza (BAPD176)	
		Paul (BAPD180)	
		talo (BAPD201)	
08	03	10	04
24			

Coco					
Medida	Produto	Processo	Lugar	Utensílio	Envolido
Carga (TCM55)	Amêndoa (BCPD10)	Agroextrativismo (ATPRO4)	barracão de coco (CCL33)	bateria de forno (UCU34)	Catadeira (CCEN65)
	Azeite (CCPD25)	Aproveitamento integral do coco (ECPRO11)		bateria de produção de carvão (UCU35)	Catador (CCEN66)
	Bagem (BCPD29)	captação de amêndoa (PCPRO52)		cacete (BCU43)	coletor de coco (BCEN82)
	Bago (BCPD30)	Carboativação (FQCPRO53)		caieira (CCU45)	Encantadeira de coco (MCEN 104)
	Bigongo (BCPD36)	Carbonizar (FQCPRO54)		Caldeira (UCU46)	Quebradeira de coco babaçu (ECEN192)
	Biobor (QCPD37)	Catar (CCPRO64)		chapada de limpeza (ICU69)	
	Biomassa (BCPD38)	coleta do coco inteiro (BCPRO81)		conjunto de moinho (MCU87)	
	Borra (QCPD39)	Descorticação (MCPRO105)		Container (ACU90)	
	Bróio (QCPD40)	extração vegetal (ACPRO 213)		Cunha (ICPD101)	

	Capemba (BCPD50)	livre coleta (ECPRO159)		fio de machado (FCU123)	
	Caroço (BCPD56)	Pelagem (ZCPRO152)		forno de barro (CCU131)	
	carvão (de coco) (SCPD59)	quebra de meia (JCLE 211)		forno de chapa de ferro (CCU132)	
	Casca de babaçu (BCPD62)	safra (ACPRO197)		Forrageira (ACU135)	
	castanha de babaçu (BCPD63)	sistema de meia (JCLE197)		gume do machado (ICU146)	
	coco inteiro (BCPD206)			Jacá (ACU149)	
	Coco lameado (BCPD 78)			Macete (CCU161)	
	Coco pirinã (BCPD76)			Machada (FCU162)	
	coco babaçu (BCPD72)			Machado (FCU163)	
	endocarpo (BCPD111)			máquina de beneficiamento do coco babaçu (ICU166)	
	Epicarpo (BCPD114)			Marrete (FCU167)	
	farinha de mesocarpo (ACPD119)			Panelão (CCU221)	
	Farinha orgânica (ACPD118)			Peladeira (FCU181)	
	fibra (BCPD122)			prensa (ICU191)	
	Gongo (MCPD141)				
	Jodera (BCPD150)				
	Leite de coco (babaçu) (ACPD155)				
	Mesocarpo (BCPD171)				
	óleo bruto (QCPD183)				
	Óleo virgem (QCPD186)				
	óleo de babaçu (QCPD175)				
	torta (ACPD144)				
01	31	14	01	23	05
75					

Palha		
Produtos	Processo	Utensílio
Abano (APPD1)	envarar casa (CPRO113)	bucho do talo do coco (BPU41)
aracó (APPD12)		
balaio (APPD31)		
Cofa (EPPD79)		
Cofo (EPPD80)		
esteira (APPRO 116)		
jupá (CPPD151)		
pacará (APPD177)		
paneiro (APPD179)		
panicum (APPD182)		
quibano (APPD193)		
tapiti (APPD173)		
tiracó (APPD202)		
13	01	01
15		

Negociação				
Processo	Lugar	Medida	Legislação	Envolvido
compra de coco inteiro (CNPRO83)	Bancada (MNL32)	lata (de coco) (MNM153)	Acordo Complementar (LNLE2)	ARENT (SNLE209)
consorciamento do babaçual (ANPRO89)	cantina (UNL48)	linha (FNM157)	Acordo sobre o Babaçu (JNLE232)	Arrendador de coco (ENEN219)
guerra do carvão (JNPRO145)	entrepasto comercial (CNL112)	litro (FNM157)	Aforamento (LNLE3)	ASSINTI (SNEN224)
sistema de vale (ENPRO199)	Firma (CNL124)	meia (MNM169)	Arame (NLE14)	ASSUMA (SNENEN 225)
TOBASA (ENPRO208)	Quitanda (CNL225)		Arrendamento (ANLE 214)	ATRAMAG (STLE218)
	solta (LNL200)		ASSEMA (SNLE19)	Cantineiro (VNE49)
			coco de solta (BNLE 73)	dono do coco (LNEN106)
			coco liberado (BLE74)	Fornecedor (CNE130)
			coco preso (BAL77)	não-associada (SNEN188)
			concessão real de uso (CNLE85)	
			confisco do coco (JNLE86)	
			Contrato de arrendamento (JNLE91)	
			foro (JNLE134)	
			Lei do Babaçu Livre (JNLE154)	

			liberar o coco (JNLE156)	
			terra avoluta (JNLE223)	
05	06	04	16	09
40				

Trabalho			
Processo	Utensílio	Legislação	Envolvido
agricultura familiar (ATPR4)	caçambão (CTU42)	Área de incidência de babaçu (ATLE16)	AMTR (STEN223)
arranchar no cocal (NTPRO220)	carteirinha (UTU58)	Arranhamento no cocal (CTL17)	arrendador de coco (ENEN219)
corte de terra (ATPRO97)	Correia transportadora (MTU96)	ASMUBIP (STLE18)	ATARECO (STEN217)
Formiguinha (ZTPRO129)		Babaçu livre (LTLE227)	caminhoneiro (TTEN 216)
pequena produção familiar (ATPRO189)		diária (STLE100)	carrancismo (MTEN 51)
		juquirá (CTLE152)	COOPAESP (STEN231)
		quebrar a alça do jacá (JTLE203)	COOPAI (STEN228)
			COOPPAV (STEN230)
			COPPALJ (STEN93)
			encarregado da terra (LTEN110)
			MIQCB (STEN172)
			mutirão (PTEN222)
05	03	07	12
27			

5.3 NOS CAMINHOS DO GLOSSÁRIO: A VARIAÇÃO TERMINOLÓGICAS NA LINGUAGEM DO COCO

A língua geral é concebida como repertório composto por palavras, signos lingüísticos. Como podemos ver durante todo o presente trabalho, a língua de especialidades surge como um vocabulário mais restrito dentro da língua geral. Há, nesse sentido, a palavra na língua geral e o termo na língua de especialidade, porém o termo se constitui também enquanto palavra da língua comum. Ao relacionarmos termos dicionarizados e não dicionarizados, vemos um alto percentual de signos da língua geral, como podemos perceber nos quadros abaixo.

Quadro de termos não dicionarizados

	FRASEOLOGISMOS	LEXIAS SIMPLES	SIGLAS	ACRÔNIMOS
01	Acordo complementar	Agroextrativismo	AMTR	RESEX
02	Acordo sobre o babaçu	Agroforestal		TOBASA
03	Agricultura familiar	Aracó		ARENT
04	Aproveitamento Integral do babaçu	Atraca		ASMUBIP
05	Área de incidência do babaçu	Bigongo		ASSEMA
06	Arranchamento do cocal	Biobor		ASSINTI
07	Arranchar no cocal	Bróio		ASSUMA
08	arrendador de coco	Caçambão		ATARECO
09	babaçu livre	Carboativação		ATRAMAG
10	barracão de coco	Carteirinha		COPAESP
11	bateria de forno	Cofa		COOPAI
12	Bateria de produção de carvão	Container		COPPALJ
13	biomassa do babaçu	Descorticagem		COPPAV
14	bucho do talo do coco	Formiguinha		MIQCB
15	captação de amêndoa	Jodera		
16	casca de babaçu	Jupá		
17	castanha de babaçu	Juquirá		
18	chapada de limpeza	Panicum		
19	coco babaçu	Peladeira		
20	coco solto	Tiracó		
21	coco inteiro			
22	coco lameado			
23	coco liberado			
24	coco pirinã			

25	coco preso			
26	coleta de coco inteiro			
27	coletor de coco			
28	compra de coco inteiro			
29	concessão real de uso			
30	confisco do coco			
31	conjunto de moinho			
32	consorciamento de babaçu			
33	contrato de arrendamento			
34	correia transportadora			
35	corte da terra			
36	derrubada de palmeira			
37	dono do coco			
38	encantadeira de coco			
39	encarregado da terra			
40	entreposto comercial			
41	envenenamento da pindova			
42	extração vegetal			
43	farinha de mesocarpo			
44	farinha orgânica			
45	Fio de machado			
46	floresta babaçueira			
47	forno de barro			
48	forno de chapa de ferro			
49	forno móvel			
50	guerra do carvão			
51	gume do machado			
52	lei do babaçu livre			
53	Leite de coco de babaçu			
54	liberar o coco			
55	livre coleta			
56	mancha de babaçu			
57	máquina de beneficiamento do coco babaçu			
58	não-associada			
59	óleo bruto			
60	óleo virgem			
61	óleo de babaçu			

62	olho da pindova			
63	palmeira de babaçu			
64	pequena produção familiar			
65	quebra de meia			
66	quebradeira de coco babaçu			
67	quebrar a alça do jacá			
68	sangração da palmeira			
69	sangramento da palmeira			
70	sistema de vale			
71	sistema de meia			
72	terra avoluta			
73	torta (de babaçu)			
Total	73	20	13	02
108				

O quadro acima possui 108 termos não dicionarizados, sendo 73 de fraseologismos, 20 lexias simples, 1 sigla e quatorze acrônimos. O quadro com um percentual alto de fraseologismos em detrimento de um baixo percentual de acrônimos, o que nos leva a concluir que para nomear alguns processos, produtos do trabalho realizado com o babaçu, há uma necessidade de criação de termos fraseológicos, advindos de aglutinação de signos lingüísticos que se encontram na língua geral e que ganham uma nova conotação na língua de especialidade, sobretudo, ao se juntar a termos considerados da área.

Para efeito deste estudo, consideramos lexias simples termos que aparentam ser termos simples, mesmo se estes são formados por elementos lexicais diversos. Estas lexias consideradas simples apresentam elementos lexicais que atualizam o significado do termo para ajustá-lo ao domínio do coco babaçu. Quanto às siglas repertoriadas se tratam de termos diretamente relacionados a diferentes campos do domínio repertoriado. Os acrônimos retratam respectivamente, espaço de preservação criado a partir das reivindicações das mulheres extrativistas e a produção industrial a partir da matéria prima do babaçu.

Numa proporção menor, encontram-se os termos dicionarizados que se encontram divididos entre termos de acepção equivalente, acepção complementar e acepção diferente. Como podemos ver no quadro abaixo:

Quadro de **termos dicionarizados**

	ACEPÇÃO EQUIVALENTE	ACEPÇÃO COMPLEMENTAR	ACEPÇÃO DIFERENTE
01	Abano	Aforamento	Arame
02	Azeite	Amêndoa	Bagem
03	Baabual	Arrendamento	Bancada
04	Babaçu	Balaio	Capoteiro
05	Bago	Borra	Carrancismo
06	Caieira	Cacete	Cunca
07	Cantina	Caldeira	Curinga
08	Capemba	Caminhoneiro	Fornecedor
09	Carbonizar	Cantineiro	Forrageira
10	Carga	Caroço	Oriza
11	Catdeira	Carvão de coco	Panelão
12	Catador	Catar coco	Tapiti
13	Diário	Cocal	
14	Envarar casa	Cofo	
15	Epicarpo	Cunha	
16	Esteira	Endocarpo	
17	Fibra (de coco0	Foro	
18	Firma	Jacá	
19	Gongo	Linha	
20	Lata	Litro	
21	Macete	Machada	
22	Mata	Machado	
23	Meia	Mangará	
24	Pacará	Marrete	
25	Paul	Mesocarpo	
26	Pindova	Mutirão	
27	Quibano	Olho	
28	Quitanda	Paneiro	
29	Safra	Pelagem	
30	Solta	Prensa	
31		Raleamento	
32		Talo	
Total	30	32	12
74			

Neste quadro há um total de 74 termos, sendo 30 de acepção equivalente, 32 de acepção complementar e 12 de acepção diferente. A acepção equivalente indica um aspecto de pertinência maior à língua geral ao lado da acepção complementar que se encontra com muita frequência na língua geral. Já os 12 termos com acepção diferente aparecem de forma diferenciada da língua comum, podendo ser considerado como termo que tem nova conotação.

Quadro de termos dicionarizados

ACEPÇÃO	QUANTIDADE DE TERMOS	PERCENTUAL
EQUIVALENTE	30	40,54%
COMPLEMENTAR	32	43,24%
DIFERENTE	12	16,22%
TOTAL	74	100%

Pelo exposto, percebemos que o baixo percentual de termos diferentes entre os termos dicionarizados, indica a presença de termos que recebem nova conotação na área de especialidade.

Quadro de índice de dicionarização.

TERMOS CATALOGADOS	QUANTIDADE	PERCENTUAL
TERMOS DICIONARIZADOS	74	40,7%
TERMOS NÃO-DICIONARIZADOS	108	59,3%
TOTAL	182	100%

Nesse sentido, em se tratando da linguagem do babaçu, é comum o uso de termos da língua geral que encontram-se usados no universo do babaçu; termos do universo do babaçu especificamente que são usados na língua geral. Podemos observar este fenômeno, considerando a dicionarização ou não do termo.

Quando observamos a passagem da língua geral para língua comum podemos indagar se os dicionários de língua geral não reconhecem as áreas de especialidades e, por esse motivo, o uso do termo como sendo de uma área de especialidade não é considerado como tal. Para isso observamos se o termo dicionarizado não faz referência alguma à área a que pertence ou se aparece com sentido equivalente, mas não faz referência a esse sentido ou

mesmo se tendo acepção equivalente não traz na definição referência ao termo como pertencente à área.

Por outro lado, para observarmos o movimento do termo da área de especialidade para a língua geral, observamos se o termo tem apenas uma acepção e se essa acepção está vinculada ao domínio especializado a que pertence o termo. Acaso esse termo apareça com outras acepções, tem um sentido diferente do real. Pode ainda acontecer de termos que apresentam marcas lingüísticas de pertinência ao domínio.

Diante dos primeiros estudos da Terminologia do coco babaçu, já constatamos que acontece o que chamamos de movimento sógnico, ou seja, o “passeio” que uma determinada unidade lexical pode fazer da língua geral para língua especializada e vice-versa, ou de uma área especializada a outra. Este fenômeno muitas vezes causa a criação neológica ou acontece por meio do fenômeno da metaforização. Segundo Ferreira (1997, p. 135), citando Gaudin, esse fenômeno é o resultado de transferência de conhecimento ou de semânticas, que é mais comum acontecer por meios da passagem da língua geral para a língua de especialidades. Porém esse é apenas um dos fenômenos que envolvem a formação do termo, como podemos observar nas análises feitas nos quadros acima.

A existência da variação é um fenômeno que ocorre tanto na língua geral como na língua de especialidade. As variações ocorridas no domínio do babaçu podem ser diatécnica, diastrática e diatópicas. Assim é comum encontrarmos termos como *amêndoa*, figurando em formas como *almenda*, *amenda*, *castanha*, *vagem*, *bagem*, *caroço*.

No presente trabalho, é comum encontrarmos variações socioterminológicas, fonéticas, morfossintáticas, regionais. Entre essas variantes, destacamos *paneiro*, *panicum* e *aracó*, através dos quais temos apenas um signo terminológico com denominações diferentes em diferentes regiões. O uso do termo *panicum* acontece praticamente apenas na região do Mearim e o termo *cofo* é usado em todas as regiões.

Há uma frequência relevante de uso de variantes fonéticas, o que acreditamos acontecer pela variação sócio-cultural a que estão submetidos os envolvidos e, portanto, o uso de determinados fonemas acontece em detrimento a outros como é o caso de *almenda* no lugar de *amêndoa*. Já nas variantes morfossintáticas a frequência de uso independe de nível sócio-cultural. A utilização ora de *coco babaçu* ora *coco de babaçu* ratifica a ocorrência de variantes morfossintáticas.

No caso de expressões como *óleo in natura*/ e *óleo bruto*, encontramos variantes socioterminológicas, pois, apesar do domínio do babaçu ter uma generalização de uso de termos nos diferentes processos, é possível constatar que profissionais envolvidos em processos diferentes utilizam terminologias diferentes para designar o mesmo signo. Porém a frequência de uso de termos iguais para designar os mesmos processos acontece em grande escala é o que podemos ver no quadro a seguir.

Quadro de termos por processos

	Manual	Industrial
01	Abano	Amêndoa ¹
02	Acordo complementar	Aproveitamento integral do babaçu
03	Acordo sobre o babaçu	Área de incidência do babaçu
04	Aforamento	Arranchamento do cocal ²
05	Agricultura familiar	Arranchar no cocal ³
06	Agroextrativista	Arrendador de coco
07	Agroflorestal	Arrendamento ⁴
08	Amêndoa ¹	ASSEMA
09	AMTR	Azeite ⁵
10	Aracó	Babaçu ⁶
11	Arame	Barracão de coco ⁷
12	Área de incidência do babaçu	Bateria de produção de carvão
13	ARENT	Biobor
14	Arranchamento do cocal ²	Biomassa do babaçu
15	Arranchar no cocal ³	Borra ⁸
16	Arrendamento ⁴	Caçambão
17	ASMUBIP	Caminhoneiro
18	ASSENTI	Cantina ⁹
19	ASSUMA	Captação de amêndoas
20	ATARECO	Carboativação
21	Atraca	Carbonizar
22	ATRAMAG	Carvão de coco ¹⁰
23	Azeite ⁵	Chapada de limpeza
24	Babaçu livre	Coco babaçu ¹¹
25	Babaçual	Coco inteiro ¹²
26	Babaçu ⁶	Coleta de coco inteiro ¹³
27	Bagem	Compra de coco inteiro
28	Bago	Conjunto de moinho

29	Balaio	Container
30	Bancada	Contrato de arrendamento ¹⁴
31	Barracão de coco ⁷	correia transportadora
32	Bateria de forno	Descorticagem
33	Borra ⁸	Epicarpo
34	Bróio	Extração vegetal
35	Bucho do talo do coco	Farinha de mesocarpo ¹⁵
36	Cacete	Farinha orgânica
37	Caieira	Firma
38	Cantina ⁹	Formiguinha
39	Cantineiro	Fornecedor ¹⁶
40	Capemba	Forno de chapa de ferro
41	Capoteiro	Forno móvel
42	Carga	Forrageira
43	Carrancismo	Guerra do carvão ¹⁷
44	Carteirinha	Máquina de beneficiamento do coco babaçu
45	Carvão de coco ¹⁰	Mesocarpo ¹⁸
46	Casca de babaçu	Óleo (de babaçu) ¹⁹
47	Castanha de babaçu	Peladeira
48	Catar coco	Pelagem
49	Catadeira	Prensa
50	Catador	TOBASA
51	Cocal	Torta (de babaçu)
52	Coco babaçu ¹¹	
53	Coco de solta	
54	Coco inteiro ¹²	
55	Coco lameado	
56	Coco liberado	
57	Coco pirinã	
58	Coco preso	
59	Cofa	
60	Cofo	
61	Coleta do coco inteiro ¹³	
62	Coletor de coco	
63	Concessão real de uso	
64	Confisco do coco	
65	Consortciamento do babaçu	

66	Contrato de arrendamento ¹⁴	
67	COOPAESP	
68	COOPAI	
69	COOPPAV	
70	corte da terra	
71	Cunca	
72	Cunha	
73	Curinga	
74	Derrubada de palmeira	
75	Diária	
76	Dono do coco	
77	Encantadeira de coco	
78	Encarregado da terra	
79	Endocarpo	
80	Entrepasto comercial	
81	Enavarar casa	
82	Envenenamento da pindova	
83	Esteira	
84	Extração vegetal	
85	Farinha de mesocarpo ¹⁵	
86	Fibra (do coco)	
87	Fio do machado	
88	Floresta babaçueira	
89	Fornecedor ¹⁶	
90	Forno de barro	
91	Foro	
92	Gongo	
93	Guerra do carvão ¹⁷	
94	Gume do machado	
95	Jacá	
96	Jodera	
97	Jupá	
98	Juquira	
99	Lata (de coco)	
100	Lei do babaçu livre	
101	Leite de coco do babaçu	
102	Liberar o coco	

103	Linha	
104	Litro	
105	Livre coleta	
106	Macete	
107	Machada	
108	Machado	
109	Mancha de babaçu	
110	Mangará	
111	Marrete	
112	Mata	
113	Meia	
114	Mesocarpo ¹⁸	
115	MIQCB	
116	Mutirão	
117	Não-associada	
118	Óleo bruto	
119	Óleo virgem	
120	Óleo (de babaçu) ¹⁹	
121	Olho da pindova	
122	Olho	
123	Oriza	
124	Pacará	
125	Palmeira de babaçu	
126	Paneiro	
127	Panelão	
128	Panicum	
129	Paul	
130	Pequena produção familiar	
131	Pindova	
132	Quebra de meia	
133	Quebradeira de coco babaçu	
134	Quebrar a alça do jacá	
135	Quibano	
136	Quitanda	
137	Raleamento	
138	RESEX	
139	Safra	

140	sangração da palmeira	
141	Sangramento da palmeira	
142	Sistema de vale	
143	Sistema de meia	
144	Solta	
145	Talo	
146	Tapiti	
147	Terra avoluta	
148	Tiracó	
Total	148	51

Percebemos pelo quadro que 148 termos estão no processo manual e 51 termos no industrial, desses 19 encontram-se nos dois processos ao mesmo tempo. Os números acima relacionados indicam um maior número de termos no processo manual, o que acreditamos acontecer devido a um número de pessoas maior no processo manual que no industrial e, muitas vezes, quem está no processo industrial passou pelo processo manual, trazendo para a industrialização termos usados no extrativismo manual.

Destarte, a maioria dos termos que se cristaliza no domínio do babaçu vem desta forma mais primitiva de extrair o babaçu. A variação, mesmo em menor escala, também é perceptível ao observarmos o *corpus* falado e o *corpus* escrito. Há, portanto, maior repetição de termos, como podemos ver no quadro abaixo.

Quadro dos *corpora*

	Corpus falado	Corpus escrito
001	Abano	Acordo complementar
002	Agroflorestal	Acordo sobre o babaçu
003	amêndoa ¹	Aforamento
004	Aracó	Agricultura familiar
005	Arame ²	Amêndoa ¹
006	Arranchamento no cocal ³	Agroextrativista
007	ASMUBIP ⁴	AMTR
008	ASSEMA ⁵	Aproveitamento integral do babaçu
009	Atraca	Arame ²
010	Azeite ⁶	Área de incidência do babaçu
011	Babaçu ⁷	ARENT
012	Babaçual	Arranchamento no cocal ³

013	Bagem	arranchar no cocal
014	Bago	arrendador (de coco)
015	Balaio	Arrendamento
016	Bancada ⁸	ASMUBIP ⁴
017	Bigongo	ASSEMA ⁵
018	Borra	ASSINTI
019	Bróio	ASSUMA
020	Bucho do talo do coco	ATARECO
021	Cacete	ATRAMAG
022	Caieira	Azeite ⁶
023	Caldeira	babaçu livre
024	Cantina	Babaçu ⁷
025	Capemba	Bancada ⁸
026	Capoteiro	barracão de coco
027	Carboativação ⁹	bateria de forno
028	Carbonizar	bateria de produção de carvão
029	Carga	Biobor
030	Caroço	biomassa do babaçu
031	Carvão de coco ¹⁰	Caçambão
032	Casca de babaçu ¹¹	Caminhoneiro
033	castanha de babaçu	Cantineiro
034	catar (coco) ¹²	captação de amêndoa
035	Cocal ¹³	Carboativação ⁹
036	coco babaçu ¹⁴	Carrancismo
037	coco inteiro ¹⁵	Carteirinha
038	coco lameado ¹⁶	Carvão de coco ¹⁰
039	coco pirinã	Casca de babaçu ¹¹
040	Cofa	castanha de babaçu
041	Cofo	catar (coco) ¹²
042	Coleta do coco inteiro ¹⁷	Catadeira
043	Compra do coco inteiro ¹⁸	Catador
044	Consortiamento do babaçual ¹⁹	chapada da limpeza
045	COPPALJ ²⁰	Cocal ¹³
046	Correia transportadora	Coco babaçu ¹⁴
047	Cunca	coco de solta
048	Cunha	coco inteiro ¹⁶
049	Curinga	Coco lameado ¹⁶

050	Endocarpo ²¹	Coco liberado
051	Encantadeira de coco	Coleta do coco inteiro ¹⁷
052	Envarar casa	Compra do coco inteiro ¹⁸
053	Esteira	Concessão real de uso
054	Farinha orgânica ²²	Confisco do coco
055	Fibra (do coco)	Conjunto de moinho
056	Fio de machado	Consortiamento do babaçual ¹⁹
057	Formiguinha	Container
058	Foro ²³	Contrato de arrendamento
059	Forrageira ²⁴	COOPAESP
060	Gongo	COOPAI
061	Gume do machado	COOPPAVV
062	Jacá	COOPALJ ²⁰
063	Jodera	Corte da terra
064	Jupá ²⁵	Derrubada de palmeira
065	Juquira ²⁶	Descorticação
066	lata de coco	Diária
067	Leite de coco babaçu	Dono do coco
068	Linha	Encarregado da terra
069	Litro	Endocarpo ²¹
070	Macete	Entrepasto comercial
071	Machada	Envenenamento da pindova
072	Machado	Epicarpo
073	Mangará	Extração vegetal
074	Marrete	Farinha de mesocarpo
075	Meia ²⁶	Farinha orgânica ²²
076	Mesocarpo ²⁷	Firma
077	MIQCB ²⁸	Floresta de babaçual
078	Mutirão ²⁹	Fornecedor
079	Óleo bruto ³⁰	Forno de barro
080	Óleo virgem	Forno de chapa de ferro
081	Óleo de babaçu	Forno móvel
082	Olho da pindova ³¹	Foro ²³
083	Olho	Forrageira ²⁴
084	Oriza	Guerra do carvão
085	Pacará	Jupá ²⁵
086	Palmeira de babaçu ³²	Juquira ²⁶

087	Paneiro	Lei do babaçu livre
088	Panelão ³³	Liberar o coco
089	Panicum	Livre coleta
090	Paneiro	Mancha de babaçu
091	Paul	Máquina de beneficiamento de coco babaçu
092	Peladeira	Mata
093	Pelagem	Meia ²⁶
094	Pindaré	Mesocarpo ²⁷
095	Pindova ³⁴	MIQCB ²⁸
096	Prensa ³⁵	Mutirão ²⁹
097	Quebradeira de coco babaçu ³⁶	Não-associada
098	Quebra da alça do jacá ³⁷	Óleo bruto ³⁰
099	Quibano	Olho da pindova ³¹
100	Raleamento	Palmeira de babaçu ³²
101	Sangramento da palmeira	Panelão ³³
102	Solta	Peladeira
103	Tapiti	Pequena produção familiar
104	Tiracó	Pindova ³⁴
105	TOBASA ³⁸	Prensa ³⁵
106		Quebra de meio
107		Quebradeira de coco babaçu ³⁶
108		Quebra da alça do jacá ³⁷
109		Quitanda
110		RESEX
111		Safra
112		Sangração da palmeira
113		Sistema de vale
114		Terra avoluta
115		TOBASA ³⁸
116		Torta de babaçu
Total	105	116

Dos termos elencados no quadro acima, 38 aparecem tanto no *corpus* oral como no escrito, tendo o *corpus* oral 105 termos e 116, no escrito. Como representado no quadro acima, os 38 termos que aparecem em ambos os *corpora*, os termos iguais aparecem em quadros da mesma cor e numeração igual. Há, no caso do repertório socioterminológico do babaçu, uma influência do repertório oral sobre o escrito, o que acreditamos acontecer pela

força do trabalho das quebradeiras e a anterioridade do trabalho manual ao trabalho mecânico e assim, a conseqüente utilização de termos do universo das quebradeiras na indústria.

Podemos ver também a ocorrência do movimento sógnico também em função do uso termos nos diferentes processos e nos dois *corpora*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos a nossa pesquisa tínhamos em mente algumas hipóteses que sustentaram o trabalho. A primeira hipótese que levantamos foi se havia uma terminologia do babaçu, ao concluí-lo, consolidamos a nossa hipótese através da realização do nosso objetivo principal: elaboração de um glossário socioterminológico do babaçu. Agregado a essa hipótese e a esse objetivo, outras hipóteses e objetivos se estabeleceram, tais como: há uma variação dentro do domínio do coco babaçu, acontece o movimento sógnico tanto partindo da língua geral para esta língua de especialidades, como o inverso acontece. Ao finalizar a pesquisa, constatamos que também hipóteses e objetivos foram confirmados.

Para chegarmos a tais resultados, o trabalho foi organizado por capítulos que se encontram dispostos da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, fizemos um esboço sobre o que é o babaçu e o que representa o produto em termos sociais, históricos e culturais, sobretudo, na região entre a Amazônia legal, parte do nordeste brasileiro e a vegetação de cerrado. O capítulo tem sua relevância no trabalho por contextualizar a realidade do produto pesquisado e sua preponderância na economia da região. Além disso, tornou-se claro como acontece o processo de beneficiamento do produto. Pudemos observar que o babaçu é um dos produtos de representatividade no comércio interno e externo, sobretudo, nos Estados do Maranhão, Piauí, Pará e Tocantins. A sua preponderância também é notória no desenvolvimento humano e da cidadania. Nos últimos tempos, o babaçu tem-se tornado um produto usado em larga escala na indústria farmacêutica e de cosméticos. Por todos os pontos ora levantados a importância do babaçu é visível.

O capítulo dois inicia discutindo a relação entre Lexicologia e Terminologia, seus princípios teóricos e metodológicos. Mostramos neste capítulo os pontos de convergência e divergência entre tais ciências e a relação entre estas e a Terminografia e a Lexicografia.

Apresentamos, então, seus objetos de estudo, metodologias e teorias que as sustentam, bem como a complementaridade que as circunda.

Por se tratar de um trabalho de cunho terminológico, discorreremos também sobre de elementos essenciais à Terminologia: o termo, a designação, o conceito e a definição terminológica.

Ao falarmos de termo consideramos necessário trazermos para a discussão sobre renovação e ampliação do universo terminológico, para podermos observar os termos neológicos utilizados neste domínio e que podem acontecer, sobretudo, ao tratarmos de movimento sígnico e termos que ainda não tenham sido dicionarizados, pois como pudemos constatar na análise, o percentual de termos não dicionarizados é bem maior que o de dicionarizados. Respectivamente 108 contra 74 dicionarizados, destes um percentual representativo é de fraseologismos. Se pensarmos em neologismo na perspectiva de termos não dicionarizados, teremos um número significativo de neologismos.

Uma outra seção deste capítulo é dedicado à Socioterminologia e às diversas variações pelas quais um termo está exposto. E o capítulo finaliza com uma apresentação sobre as tipologias das obras lexicográficas e terminográficas e suas características, o que nos permite dizer que o nosso fazer terminográfico pode ser classificado como glossário socioterminológico.

Os capítulos três e quatro, que precedem o glossário, têm o objetivo de delimitar os pressupostos teóricos e metodológicos que nortearam a pesquisa e que auxiliam o entendimento do produto terminológico gerado.

O capítulo três trata da pesquisa propriamente dita, que tem os procedimentos metodológicos divididos em duas fases. A primeira trata da metodologia do estudo de campo, constituída além da pesquisa bibliográfica; da pesquisa documental; fizemos a delimitação do *corpus*; da caracterização da localidade; caracterização dos informantes; levantamento do *corpus*; levantamento dos dados; instrumento para pesquisa de campo. Nesta etapa do trabalho, expusemos os instrumentos de pesquisa e os *corpora*, sendo o *corpus* escrito constituído de 26 textos escritos, entre textos técnicos e cantigas e o *corpus* falado é composto de 58 entrevistas, sendo 44 realizadas por nós e 14 feitas pelo pesquisador Marcos Montysuma. Os dois *corpora* têm um total de 84, de onde foram catalogados os termos do glossário.

O momento da pesquisa de campo propriamente dita constituiu-se uma oportunidade de conhecermos a riqueza sócio-cultural da área e dos envolvidos nesta área técnico-científica. Nesta perspectiva, o trabalho passa também a ter um caráter histórico-sócio-cultural e, por conseguinte, antropológico, levando-nos a conhecer o homem e, através destes aspectos, a língua em relação ao próprio homem, à sua cultura, à sociedade e à sua história de vida.

A segunda etapa trata dos procedimentos metodológicos utilizados para a realização do glossário. Na primeira etapa destes procedimentos metodológicos, fizemos a caracterização da obra socioterminológica que ora iniciamos, dando-lhe definição como glossário socioterminológico do coco babaçu. Em seguida, indicamos a partir de que critérios selecionamos os termos a serem repertoriados, bem como definimos a forma de organizar os termos tanto na sua macroestrutura, na sua microestrutura e no sistema de remissiva.

A macroestrutura parte da organização dos termos em ordem alfabética. Há, no entanto, menção à pertinência do termo a um campo conceitual, o que encontra-se determinado na seção 4.2. Nessa etapa, expusemos como apareceria cada termo no glossário. Na microestrutura, cada verbete possui, em média, dez campos, ou seja, informações, desde o termo-entrada até as informações lingüísticas e enciclopédicas. Houve, portanto, uma adequação ao que nos propúnhamos no início da pesquisa, pois há nos verbetes um certo equilíbrio. Nem há verbetes muito extensos, nem muito curtos.

O quarto capítulo do trabalho pode ser considerado o “coroamento” do trabalho, pois trata-se da parte do trabalho sobre a qual todas as outras giram e é objetivo principal da pesquisa. Foram catalogados 182 termos, os quais em sua maioria estão no repertório dos profissionais ligados ao extrativismo do babaçu, quer no processo manual quer no processo industrial. Entretanto o número de termos catalogados não é suficiente para representar suficientemente o domínio do babaçu, não se limita apenas a esse número de termos. Por isso, julgamos que a pesquisa pode e deve ter continuidade pela crescente ampliação e renovação do repertório do babaçu, como ocorre nos dicionários da língua geral, que, ao término de sua elaboração novos verbetes surgem e precisam de registro.

Ao analisarmos as variações que ocorrem no domínio do coco babaçu, percebemos que essas variações terminológicas não impedem a comunicação e a interação dos profissionais ou mesmo as pessoas que desenvolvem atividades ligadas ao produto. Ao

mesmo tempo em que o glossário, ora colocado, expressa as diferentes experiências dos envolvidos, mas que, no entanto, termina por especificar um conhecimento adquirido na interação como os pares e formar, assim, uma realidade diferenciada que conflui para a área, codificando um repertório como o que acabamos de fazer e, que, esperamos possa ajudar na própria comercialização do produto e pesquisas tanto na área do babaçu, como na área da Socioterminologia/ Terminologia.

A elaboração do glossário nos fez refletir em trabalhos semelhantes que possam ser realizados a partir de outras áreas técnicas, sobretudo com um abordagem mais voltada para a Socioterminologia.

Sentimos que, apesar do nosso trabalho tratar-se de um trabalho monolíngüe, achamos interessante que seja realizado um trabalho bilíngüe, visto que o produto já se tornou um produto de exportação e por ser um produto que se encontra em território amazônico, as pesquisas têm sido freqüentes, sobretudo, por Universidades e fundações de pesquisas estrangeiras, que buscam desenvolver pesquisas sobre o que é produzido em solo brasileira e, principalmente na Amazônia brasileira. Portanto, um glossário bilíngüe pode se constituir num material necessário de apoio à pesquisa.

No entanto, esperamos que, apesar das limitações, o trabalho venha a contribuir com pessoas da área e leigos no assunto. Ainda esperamos poder estimular trabalhos semelhantes e fazer crescer a Socioterminologia.

Referências

- ALVES, I. M. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001. p. 25- 31.
- ANDRADE, M.M. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001. p.191-200.
- ARAGÃO, A.R. F. **A árvore da vida: terminologia da cera da carnaúba no português do Brasil**. Fortaleza, 2007. Tese de doutorado
- AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BARBOSA, M. Da macroestrutura dos vocabulários técnico-científicos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL - IV. **Anais**. São Paulo: PUC, 26-28 de julho, 1989. p. 567-578.
- _____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. SEMINÁRIO DO GEL - XXXIX. **Anais**. Franca: UNIFRAN; 1991. p. 182-189.
- _____. Dicionário de língua, vocabulários técnicos-científicos, glossários: estatuto semântico-sintáticos das unidades-padrão. . In: Estudos Lingüísticos XXIII. SEMINÁRIOS DO GEL. **Anais**. São Paulo, GEL/USP, 1994, p. 289-294.
- _____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I.M (Org.). A constituição da normalização terminológica no Brasil. **Cadernos de Terminologia**, nº 2. São Paulo: FFLCH/ USP, 1996.
- _____. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001. p. 33- 51.
- BARROS, L.A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.
- _____. A ciência da lexicografia. **Alfa**. São Paulo, 28 (supl.).1984. p.1-26.
- BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- BORBA, F.S. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: UNESP; 2003.

BOURIGAUL, D.; SLODZIAN, M. Por uma Terminologia textual. In: KRIEGER, M.G. e ARAÚJO, L. A Terminologia em foco. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS; nº17, outubro/dezembro-2004.

CABRÉ, M.T. **La terminologie**: teoria, metodologia e aplicaciones. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

_____. Una nueva teoria de la terminologia; de la denominación a la comunicacion. In: CORREIA, M. **Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional**. Lisboa: ILTEC, 2002.

CALVET, L.-J. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Maciulinilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, A. L. M. **Vocabulário do bumba-meu-boi do Maranhão**: abordagem lexicográfica e terminológica. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado) - USP.

COSERIU, E. **Lições de lingüística geral**. Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; 2004.

CHRISTOPHE, R; CANDEL, D. Les elements formants en lexicographie et dictionnaire: ferri-, ferro-, peut-il y avoir confusion? In: QUEMADA, B. **Cahiers de lexicologie**. Revue Internationale de lexicologie et Lexicographie. Vol 49. Paris: Didier Erudition; 1986

DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie**. Montreal: Linguatex, 1978.

FARIAS, E. M. P. **A linguagem da moda no português contemporâneo**. Recife, 2001. Tese (Doutorado) - UFPE.

_____. **Glossário de termos da moda**. Fortaleza: editora da UFC, Sebrae- CE; 2003;

FAULSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciências da Informação**. Vol.24. Brasília: IBCT, set./dez. 1995. p. 281-8.

_____. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 58, n. 2, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252006000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 Maio 2008.

_____. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. Conferência magistral apresentada no VI SIMPÓSIO DA REDE IBEROAMERICANA DE TERMINOLOGIA[RITERM]. **Anais**. Havana, Cuba, 17 de novembro de 1998. Disponível em: <http://www.unb.br/il/liv/enilde/documentos/HAVANA98.pdf>. Acesso em: 07 Março 2008.

_____. Da lingüística histórica à terminologia. In: FARIAS, Y. **Investigações: Lingüística e teoria literária**. VOL. 7. 2006

FERREIRA, R.R. **Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir e um estudo dos movimentos sígnicos constitutivos de sua linguagem**. Fortaleza, 1997. Dissertação (Mestrado) - UFC.

FINATTO, M.J.B. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. In: KRIEGER, M.G. e BECKER, A.M.(Orgs) **Temas em terminologia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. São Paulo: Humanitas, 2001.

GAUDIN, F. **Pour une socioterminologie**: des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen : Université de Rouen, nº182, 1993,

GONÇALVES, Â. J. **Lexicologia e ensino do léxico**. Brasília: Thesaurus, 1975.

HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETINGER, S; WERNER; R. **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid:Gredos; 1982

KRIEGER, M.G; FINATTO, M.J.B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

_____.; FAVERO, T. O. À propos de la terminologie de l'environnement. In: KRIEGER, M.G. e BECKER, A.M.(Orgs) **Temas em terminologia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. São Paulo: Humanitas, 2001.

LORENTE, M. Teoría e innovación em terminografía: la definición terminofrafica. In: CABRÉ, M.T.FELIU, J. **La terminologia científico-tecnica**. Barcelona: IULATERM; 2001

LUCENA, G. S. **O léxico da pesca em Cabedelo**. João Pessoa, 1983. Dissertação (Mestrado) – UFPB.

OLIVEIRA, A.M.P.P.; ISQUERDO, A.N.(Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande- MS: UFMS, 2001.

ORGANISATION INTERNATIONALE DE NORMALISATION. Terminologie – Vocabulaire. Genebra, ISSO,1990 (Norme Internationale ISSO 1087, 1990).

PEARSON, J. Como ter acesso a elementos definitórios em textos especializados. In: KRIEGER, M.G. e ARAÚJO, L. A Terminologia em foco. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS; nº17, outubro/dezembro-2004.

PONTES, A.L. **Os termos da cultura e industrialização do caju**. Assis, 1996. Tese (Doutorado) - UNESP.

POTTIER, B. **Estruturas lingüísticas do português**. Trad. Albert Audubert e Cidmar Pais. São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1972.

RONDEAU, G. **Introducion à la terminologie**. Quebec: Gaetan Morin, 1984.

SAPIR, Edward. *A linguagem*: uma introdução ao estudo da fala. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SILVA, M.B. **A TERMINOLOGIA DO SAL NO RN:UMA ABORDAGEM SOCIOTERMINOLÓGICA**. Fortaleza, 1997. Dissertação de Mestrado.

TEMMERMAN, R. Towards new ways of terminology description. In: TEMMERMAN, R. **Towards new ways of terminology description: the sociocognitive aproach**. Terminology and lexicography research and practive. 3 v. Amsterdam: J.Benjamin; 2000. p. 219-237

_____. Teoria sociocognitiva da terminologia. In: KRIEGER, M.G. e ARAÚJO, L. **A Terminologia em foco. Cadernos de Tradução**, Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS; nº17, outubro/dezembro-2004.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência de significado**. 4.ed., Lisboa: Calouste Gulbenkian; 1964.

VILELA, M. **O léxico da simpatia**. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.

_____. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

VASCONCELOS, A.M.M. **Glossário da terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminologica**. Belém – PA, 2000. Dissertação (Mestrado) - UFPA.

www.pensaconference.org/arquivos_2001/40.pdf

Referências Suplementares

ARAGÃO, M.S.S. **Atlas lingüístico da Paraíba: questionário**. João Pessoa, Universitária/ UFPB. 1980.

Comitê Nacional do Projeto ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina:UEL, 2001.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo, Atlas, 2005.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos; 1964.

Dicionários

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997

DUBOIS, Jean (org.). **Dicionário de lingüística**. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**. 2. ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, A. e VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PÓVOA, Liberato. **Diconário tocantinense de termos e expressões afins**. Palmas, [s.ed.], 1997.

Obras para pesquisa documental

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org.). **Economia do babaçu**: levantamento preliminar de dados. São Luis: MIQCB/ Balaio/ Typographia, 2001.

_____. **Guerra ecológica nos babaçuais**: o processo de devastação das palmeiras , a elevação do preço de commodities e o aquecimento do mercado de terras na Amazônia. São Luis: Lithograf, 2005.

ARAÚJO, Helciane de Fátima Abreu. As diferentes estratégias de organização para a produção assumidas por mulheres quebradeiras de coco, na denominada microrregião de Imperatriz. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Org.). **Economia do babaçu**: levantamento preliminar de dados. São Luis, MIQCB/ Balaio/ Typographia, 2001.

EMBRAPA, Babaçu - Programa Nacional de Pesquisa. Brasília: EMBRAPA, 1984.

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia.

ASSEMA. Encarte: Minha terra tem palmeiras e gente de muita fibra.

FIGUEIREDO, L.D. Planejamento participativo do desenvolvimento rural regional: uma análise dos instrumentos político-organizativos e das mobilizações das chamadas "populações tradicionais" na Amazônia oriental face a ação do estado. Belém, 2005. Dissertação (Mestrado) - UFPA.

MARTINS, Cynthia Carvalho. Acesso aos babaçuais e a relação entre as atividades econômicas no Médio Mearim, Baixada Maranhense, Tocantins e Piauí. In.: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Org.). **Economia do babaçu**: levantamento preliminar de dados. São Luis: MIQCB/ Balaio/ Typographia, 2001.

MESQUITA, Benjamin Alvino de. As relações de produção e o extrativismo do babaçu nos estados do Maranhão, Piauí, Pará e Tocantins. In.: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Org.). **Economia do babaçu**: levantamento preliminar de dados. São Luis: MIQCB/ Balaio/ Typographia, 2001.

SHIRAISHI, Joaquim. Babaçu livre: conflito entre legislação extrativa e práticas camponesas. In.: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Org.). **Economia do babaçu**: levantamento preliminar de dados. São Luis: MIQCB/ Balaio/ Typographia, 2001.

_____. Pra cá não é tão bom como no Goiás. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Org.). **Economia do babaçu**: levantamento preliminar de dados. São Luis: MIQCB/ Balaio/ Typographia, 2001

SILVA, Miguel Henrique P. A organização agroextrativista: experiências de cooperativas em Viana, Lago do Junco e São Miguel do Tocantins. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de

(Org.). **Economia do babaçu:** levantamento preliminar de dados. São Luis: MIQCB/ Balaio/ Typographia, 2001

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PPGL

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Lingüística

LINHA DE PESQUISA: Descrição e Análise Lingüística

PESQUISADOR: Josete Marinho de Lucena

PESQUISA: Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu.

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Maria do Socorro Silva de Aragão

FICHA DO INFORMANTE

Código:

1. Nome:		2. Sexo:	
3. Data de Nascimento:		4. Idade:	
5. Naturalidade:			
6. Endereço Residencial:			
7. Telefone:		8. E-mail:	
9. Tempo em que mora nesta localidade:			
10. Estado Civil:			
11. Nível de Escolaridade:			
12. Empresa ou Associação a que está credenciado:			
13. Profissão/Função:			
14. Tempo de contato com o babaçu:			
15. Observações:			
16. Data do Preenchimento:			

ANEXO 2:**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PPGL****ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:** Lingüística**LINHA DE PESQUISA:** Descrição e Análise Lingüística**PESQUISADOR:** Josete Marinho de Lucena**PESQUISA:** Uma Palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu.**ORIENTADORA:** Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão**FICHA DA EMPRESA OU ASSOCIAÇÃO****Código:**

1. Empresa ou associação:	
2. Endereço:	
3. Telefone:	4. E-mail:
5. Tempo de Existência:	
6. Nome do presidente ou proprietário:	
7. N° de Funcionários que trabalham diretamente no extrativismo do coco babaçu:	
8. Distribuição de Cargo/Função:	8.1. número de funcionários internos
	8.2. número de funcionários externos
9. Observações:	
10. Data do Preenchimento da Ficha:	

ANEXO 3:**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PPGL****ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:** Lingüística**LINHA DE PESQUISA:** Descrição e Análise Lingüística**PESQUISADOR:** Josete Marinho de Lucena**PESQUISA:** Uma Palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu.**ORIENTADORA:** Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão**FICHA DA LOCALIDADE****Código:**

1. IDENTIFICAÇÃO		
1.1. Nome:	1.2. Gentílico:	
1.3. Pertencente ao município de:		
1.4. Mesorregião:		
1.5. Microrregião:		
1.6. Índice de Desenvolvimento Humano:		
2. CARACTERIZAÇÃO FÍSICA		
2.1 – Localização, Área, Altitude da Sede, Distância em Relação à Capital e Limites:		
2.2.1. Coordenadas Geográficas:		
2.2.2. Área:		
2.2.3. Distância da Capital:		
2.2.4. Rodovias de Acesso:		
2.2.5. Limites:		
2.2- Clima:		
3. POPULAÇÃO		
3.1. Dados Demográficos:		
3.1.1. População Total:	3.1.1.1. Homem:	3.1.1.2. Mulher:
	3.1.1.3. Urbana:	3.1.1.4. Rural:
4. FONTE DE RENDA:		
4.1- Base da economia:		
4.2- Percentual do agroextrativismo anual:		
5. INFRA-ESTRUTURA		

5.1. Educação				
5.1.1 – N° de Estabelecimentos de Ensino	Educação Infantil: Particular: Publico:	Ensino Fundamental Particular: Público:	Ensino Médio Particular: Público:	Ensino superior Particular: Público:
5.2. Saúde				
N° de Hospitais	N° de Posto de saúde:		N° de leitos:	
5.3. Comunicação				
5.1.1. Unidades Postais e Telegráficas:				
5.1.2. Emissoras de Rádio, Sinais de Recepção de Televisão e Jornais em Circulação:				
6. INFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS				
6.1. Cultura e Lazer:				
6.2. Principais Eventos:				
7. HISTÓRICO				
8. OBSERVAÇÕES GERAIS:				
10. DATA DO PREENCHIMENTO DA FICHA:				

ANEXO 4:**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PPGL****ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:** Lingüística**LINHA DE PESQUISA:** Descrição e Análise Lingüística**PESQUISADOR:** Josete Marinho de Lucena**PESQUISA:** Uma Palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu.**ORIENTADORA:** Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão**FICHA TERMINOLÓGICA****CÓDIGO:**

1. Termo-entrada:					
2. Referências gramaticais:					
3. Domínio de aplicação do termo:					
4. Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas:					
DA – Dicionário Aurélio			DH – Dicionário Houaiss		
() TND	() TD	() AE	() TND	() TD	() AE
		() AD			() AD
		() AC			() AC
5. Subdomínio de aplicação do termo: () Palha () Coco () Negociação () Trabalho () Árvore					
6. Variantes: a. Regionais: b. socioprofissionais: c. gráficas: d. morfossintáticas: e. fonéticas:					
7. Conceitos dos informantes:					
Cód.do Inf.:	Conceito 1:				
Cód. Do Inf.:	Conceito 2:				
Cód. Do Inf.:	Conceito 3:				
Cód. Do Inf.:	Conceito n:				
8. Definição final:					
9. Contexto de atualização (+ fonte):					
10. Remissivas:					

Ver
Cf.
11. Notas:
Lingüística:
Enciclopédica:
12. preenchida por:
13. Data do 1º registro e da última atualização da Ficha:

Legenda: TD= Termo dicionarizado
 TND= Termo não dicionarizado
 AE= acepção equivalente
 AD= acepção diferente
 AC= acepção complementar

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PPGL

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Lingüística

LINHA DE PESQUISA: Descrição e Análise Lingüística

PESQUISADOR: Josete Marinho de Lucena

PESQUISA: Uma Palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão

Caro Informante,

A presente pesquisa trata-se do projeto de tese de doutorado junto à Universidade Federal do Ceará, no Curso de Pós-graduação em Lingüística. Tem como objetivo conhecer e catalogar termos do universo discursivo do coco babaçu. Além disso, é pretensão nossa divulgar o trabalho que é desenvolvido com tal produto e sua utilização nos mais diversos setores, bem como o próprio glossário poderá servir de instrumento para especialista da área e demais interessados. Por isso, para sua realização contamos com a sua preciosa colaboração.

Ao responder ao questionário, você estará colaborando para que a pesquisa alcance os objetivos desejados.

Sempre agradecida!
 Josete Marinho de Lucena.

QUESTIONÁRIO GERAL PARA TÉCNICOS DO TRABALHO INDUSTRIALIZADO

Código:

1. Empresa:

2. Localização:

3. Nome do informante:

Idade:

4. Naturalidade:

Estado civil:

5. Nome do cônjuge:

Naturalidade do cônjuge;

6. Filiação:

Escolarização:

Nome do pai:

Nome da mãe:

7. Naturalidade dos pais:

Pai:

Mãe:

8. Onde mora?

9. Há quanto tempo?

10. Esteve fora alguma vez? Por quanto tempo?
11. Em que trabalha?
12. Há quanto tempo trabalha com o coco?
13. Qual é a sua função na empresa?
14. Como e quando começou a trabalhar com o babaçu?
15. Como o babaçu chega na empresa?
16. Que produtos são feitos na empresa?
17. Como acontece a sua comercialização?
18. Há algum produto fabricado para exportação? Qual ? Para onde?
19. Como ocorre o beneficiamento do babaçu?
20. Que instrumentos são usados para realizar o beneficiamento?
22. Liste as etapas (operações e processos) utilizadas no beneficiamento do coco babaçu.
Como se dá cada uma dessas etapas?
23. Que equipamentos são utilizados em cada etapa?
24. Qual a função de cada equipamento?
25. Que utensílios você usa no seu trabalho? Para que servem?
26. Que equipamentos você usa para sua proteção? Que utilidade tem?
27. Há peças de vestuário exclusiva para a realização do seu trabalho? Quais?
28. O que é feito manualmente e o que é feito mecanicamente no beneficiamento do babaçu?
29. Quais são os equipamentos existentes na fábrica? Quais funcionam manualmente e quais funcionam por eletricidade? Que utilidade têm?
30. Por quais etapas passa o babaçu para tornar-se produto de exportação?
31. Que outros produtos você conhece a derivados do babaçu?
32. O que você sabe mais sobre essa palmeira?
33. Você conhece o babaçu por outro nome? Por que recebe esse(s) nome(s)?
34. Que produto(s) do babaçu é(são) prioridades para a empresa?

Observações:
Data da entrevista: ____/____/____

ANEXO 6:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PPGL

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Lingüística

LINHA DE PESQUISA: Descrição e Análise Lingüística

PESQUISADOR: Josete Marinho de Lucena

PESQUISA: Uma Palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão

Caro Informante,

A presente pesquisa trata-se do projeto de tese de doutorado junto à Universidade Federal do Ceará, no Curso de Pós-graduação em Lingüística. Tem como objetivo conhecer e catalogar termos do universo discursivo do coco babaçu. Além disso, é pretensão nossa divulgar o trabalho que é desenvolvido com tal produto e sua utilização nos mais diversos setores, bem como o próprio glossário poderá servir de instrumento para especialista da área e demais interessados. Por isso, para sua realização contamos com a sua preciosa colaboração.

Ao responder ao questionário, você estará colaborando para que a pesquisa alcance os objetivos desejados.

Sempre agradecida!
 Josete Marinho de Lucena.

QUESTIONÁRIO GERAL PARA DO TRABALHO MANUAL

Código:

- | | |
|----------------------------|--------------------------|
| 1. Nome do informante: | Idade: |
| 2. Naturalidade: | Estado civil: |
| 3. Nome do cônjuge: | Naturalidade do cônjuge: |
| 4. Filiação; | |
| a. Nome do pai: | |
| b. Nome da mãe: | |
| 5. Naturalidade dos pais: | |
| a. Pai: | |
| b. Mãe: | |
| 6. Onde mora? | |
| 7. Há quanto tempo? | |
| 8. Esteve fora alguma vez? | |
| 9. Por quanto tempo? | |
| 10. Escolaridade: | |

- () Analfabeto
- () Ensino fundamental incompleto
- () Ensino fundamental completo
- () Ensino médio incompleto
- () Ensino médio completo

11. Em que trabalha?
12. Que contato tem com o coco babaçu?
13. Há quanto tempo trabalha no extrativismo do coco babaçu?
14. Como é o processo de cata do coco? Que instrumentos usa? Como se chama quem realiza essa atividade?
15. Como você cata o coco?
16. Você cata e quebra?
17. Você realiza esse trabalho sozinho?
18. Como é o processo de quebração? Que instrumentos usa nessa atividade? Como se chama quem a realiza?
19. Quanto você quebra e cata de coco por dia?
20. O que faz com o coco?
21. Que produtos são extraídos do babaçu?
22. Os produtos extraídos do coco são comercializados? Onde?
23. Há alguma coisa do babaçu que não é aproveitada? O quê?
24. Como é o processo de transformação do coco em carvão?
25. Há alguma história ou música que as pessoas costumam usar quando estão quebrando e/ou catando o coco? Qual (is)?
26. Com que outros nomes o babaçu é conhecido na região?
27. Que medida é usada na comercialização do babaçu?
 - O coco-
 - O óleo-
 - O carvão-
 - O leite-

Observações:

Data da entrevista: ____/____/____

ANEXO 7

Cantigas**1C-Coqueiro que o coco dá**

Coqueiro, coqueirô que o coco dá.
(estribilho)
Do coqueiro eu tiro o coco,
coqueiro que o coco dá
Do coqueiro eu tiro a palha, (bis)
Da palha eu tiro o talo, (bis)
Com o talo eu faço cesta, (bis)
Do coco eu tiro a amêndoa, (bis)
Da amêndoa eu faço azeite, (bis)
Do azeite eu faço o sabão, (bis)
Do coqueiro eu tiro o adubo, (bis)
Do coqueiro eu tiro a raiz, (bis)
Da raiz eu faço o vinho, (bis)
(Canção popular das quebradeiras de coco
babaçu)

2C-Derrubar palmeira, não.

estribilho
Eu fiquei quase louca
Eu fiquei
Quando soube daquela devastação
Eu sou forte, mas chorei
Se chorei porque tive razão
Derrubada de palmeira
Não é brincadeira, não

O babaçu já deu no Maranhão
Refrão
E a queima do coco verde quem sofre é a
população
A palha serve para cobrir o barracão
A amêndoa faz o óleo, do óleo faz o sabão
A casca serve pra fazer carvão que faz o
fogo serve de alimentação

3C-Ave Maria das quebradeiras

Ave palmeira
Que sofre desgraça

Malditos derruba,
Queima, devasta.

Bendito é teu fruto
Que serve de alimento

E o leite da terra,
Ainda dá sustento

Santa mãe brasileira,
Mãe de leite verdadeiro

Em sua hora derradeira,
Rogai por todas as quebradeiras.
(M^a do Socorro Teixeira Lima)

4C-Cantiga

Marido, eu quero um vestido
Daquela fazenda azul (2x)
Muié, não tem dinheiro, quebra o coco
babaçu

passa a noite, e à meia-noite
eu vejo o pilar zoar
muié do babaçu, que saiu cedo armoçá

muié do babaçu, tem a vista ligeira
quando o coco sai da casca
onde o mato vai bater.
(cantiga cantada durante o Encontro, de
autoria de D. Romana, de Palestina –PA)

5C-Cantiga popular

Eu sou quebradeira;
Eu sou quebradeira
Vim para lutar

Pelos meus direitos,
Pelos meus direitos
Eu vim reivindicar

Mais educação e saúde
Pra toda nação
Eu sou quebradeira
Eu sou mulher guerreira, e venho do sertão

No Tocantins- tem quebradeira

No Piauí- tem quebradeira
 Lá no Pará -tem quebradeira
 E no Maranhão- estão as quebradeiras
 (Bis)
 (Cantiga cantada durante o Encontro/
 autoria desconhecida)

6C-Cantiga

Quebra coco, nega,
 Eu não, eu não
 Quebra coco, nega,
 Eu to quebrando (Refrão)

A palmeira de sabida
 Botou cacho nas alturas
 E pensa que eu não sabia
 Quando o coco tá maduro

O rapaz de hoje em dia,
 Não tem mais coro na testa,
 De carregá cofo de coco
 Pra faltar e botar festa

Eu saí do Piauí
 E fui parar no Araguaia
 Quando eu chegava lá
 O bicho tava na tocaia

Lá vem a lua saindo
 Por detrás do quarador
 A moça que tem vergonha
 Não dá bola a tocador
 (cantiga cantada durante o V Encontro/
 autoria desconhecida)

7C-Xote das quebradeiras

Hei! Não derrube esta palmeira
 Hei! Não devore os palmeirã
 Tu já sabe que num pode derribar.
 Precisamos preservar as riqueza naturá
 O coco é para nós grande riqueza
 É obra da natureza
 Ninguém vai dizer que não
 Porque da palha se faz casa pra morar
 Já é meio de ajudar a nossa população.
 Se faz óleo pra temperar a comida

É um dos meio de vida
 Pra os fracos de condições
 Reconhecemos o valor que o coco tem
 A casca serve também pra fazer carvão.
 (Homenagem do poeta popular João
 Abelha)

8C-Sinhá dos cocais

Um certo dia ao amanhecer
 Como era de costume todo mundo
 Levantar
 No lugar onde morava sinhá
 Com seus filhos pequeninos
 Sozinha pra se virar

Na pedra fria afiava seu machado
 Um cofo velho do lado um cacete, um
 patuá
 Uma cabaça amarrada na cintura
 Lá vai a pobre criatura
 Caçar coco pra quebrar era a vida do lugar.

Em casa os filhos junto com a vovó
 Começavam escutar o tilintar
 Do coco se partindo entre o machado
 E o cacete pesado nas mãos de sinhá

E a vovozinha canta respondendo
 A um que está querendo saber de sinhá
 Oh! Eu não sei onde sinhá está
 Oh! Eu não sei onde está sinhá

A fome aperta já passa do meio dia
 Só a morte acabaria com esse grande penar
 Qualquer bagaço serve para alimentar
 E diminui o ronco da barriga de sinhá
 Já cai a tarde logo vai anoitecer
 Sinhá procura fazer a produção aumentar
 Pensa nos filhos um deles ainda mama
 Sinhá flor de imburana fortaleza do lugar
 Todo dia esse pensar.

Luis Carlos Dias (compositor)

9C-Oh! Mulher te chamo

Oh! Mulher te chamo porque esta luta é tua
 Deixa esta cozinha e vamos cair na rua

Essa luta é nossa, não desanime, não
As nossas palmeiras estão tudo no chão
Vamos dr um jeito que eu não agüento
É para nossos filhos, que dá o sustento
Você que quebra o coco, cuida do menino
e que lava a roupa. Não é teu destino!
Depois vai para a roça que situação.
Vai quebrar o coco pra comprar o pão.
A quebra do coco foi quem me criou.
Diziam meus pais, também meus avós.
Agora estou vendo tudo se acabando.
É o fazendeiro que está devorando.
(Canção popular das quebradeiras de coco
babaçu)

10C- Nossa canção, nossa história

Dentro do babaçual
Vou perdendo a minha infância
O machado me domina
Cortando minha esperança
Destruindo o meu sonho
De um dia ser feliz
De um dia quebrar coco
Sem dar conta pro patrão
E lá vem o capataz
Que ainda ta no coco
Desse jeito eu não dou coco
Toma a minha produção
(Canção popular das quebradeiras de coco
babaçu)